



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia oficial de inauguração da nova fábrica de café solúvel da Nestlé
Araras-SP, 01 de abril de 2004**

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,

Meu caro Ivan Zurita, presidente da Nestlé do Brasil,

Minha querida companheira Marisa,

Meus companheiros ministros de Estado Roberto Rodrigues, da
Agricultura; companheiro Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio,

Meu caro Sidney Beraldo, presidente da Assembléia Legislativa de São
Paulo,

Meu caro Paul Bulcke, vice-presidente do Grupo Nestlé,

Meu caro companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,

Meu caro Luiz Meneguetti, prefeito de Araras,

Meus caros deputados federais Jefferson Campos, José Eduardo
Cardozo, João Herrmann, Nelson Marquezelli, Wanderval Santos e Salvador
Zimbaldi,

Meu caro Nelson Brambilla, vice-prefeito de Araras,

Secretários de Estado,

Deputados estaduais,

Vereadores,

Trabalhadores e trabalhadoras da Nestlé,

Meus queridos brasileiros e brasileiras de Araras, de São Paulo e do
Brasil,

Eu não poderia deixar de comparecer à inauguração desta fábrica.
Primeiro, por agradecimento ao comportamento da Direção da Nestlé, na sua
relação com o governo federal, por ocasião do lançamento do programa Fome



Zero.

A Nestlé foi a primeira empresa a procurar o governo federal e a dizer a mim e ao então ministro de Combate à Fome, companheiro Graziano, que a Nestlé seria parceira na política de combate à fome no nosso país.

E eu sou testemunha viva de que a Nestlé cumpriu tudo o que prometeu, até agora, e espero que continue prometendo mais e cumprindo mais, não apenas gerando empregos para que trabalhadores de Araras não precisem ficar dependendo de um programa de combate à fome, porque a dignidade de um ser humano estará garantida quando todos nós ganharmos o pão de cada dia às custas do nosso trabalho, às custas do nosso esforço mas, também, participando de outras ações do Governo.

Eu não poderia deixar de vir aqui, para passar para a sociedade brasileira a idéia de que é preciso acreditar para que as coisas aconteçam. Realmente, a Direção da Nestlé foi corajosa, porque num ano eleitoral, como 2002, onde não faltavam aqueles que diziam que o Brasil ia acabar se a oposição ganhasse as eleições, a Nestlé ter a coragem de fazer uma parceria com o BNDES, trazer o governador de estado aqui, lançar uma pedra fundamental e, dois anos depois, inaugurar a fábrica, demonstra, desde aquela época, que a Nestlé tem dirigentes com visão política e que sabem que o Brasil é tão grande e tão importante que não será a mudança de um Governo que abalará a crença que o mundo tem nas potencialidades do nosso país.

Aliás, eu queria dizer ao meu caro Zurita que, andando por esse mundo afora, muitas vezes nós encontramos, no exterior, empresários com muito mais confiabilidade e com muito mais crença no Brasil do que, muitas vezes, determinados brasileiros, que preferem não acreditar na sua própria capacidade de fazer do Brasil o país que ele precisa ajudar a fazer.

Então, a Nestlé lançou uma pedra fundamental em 2002 e, menos de dois anos depois, estamos nós, aqui, inaugurando esta fábrica. Possivelmente, se fôssemos esperar as eleições passarem para ver quem iria ganhar, não



estariamos aqui, hoje, inaugurando esta fábrica.

A terceira razão pela qual eu vim aqui é porque tenho dito, em todos os momentos que posso: não tem nenhum brasileiro, que esteja com os pés nesses 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, que tenha mais confiança no futuro deste país do que o presidente da República.

E é uma coisa muito interessante, porque um presidente da República não tem o direito de não acreditar, não tem o direito de vender pessimismo, não tem o direito de se deixar envolver por qualquer coisa menor que não sejam os interesses da maioria do povo brasileiro.

E, muitas vezes, em se tratando de governar um país da complexidade do Brasil, as pessoas se esquecem de olhar o seu conjunto. E eu, que ando por esse interior de São Paulo desde 1982, fico imaginando como seria bom se o Brasil inteiro conhecesse o que é o interior do estado de São Paulo, do ponto de vista da formação da sua gente, do ponto de vista da capacidade de crescimento econômico e do ponto de vista do potencial que tem o interior deste estado.

Eu me lembro o sacrifício que fez o saudoso governador Mário Covas na luta contra a chamada guerra fiscal de estados e mais estados, oferecendo o que tinham e o que não tinham para tentar levar as empresas de São Paulo, com isenção de impostos não sei por quantos anos. E, naquele tempo, o governador Mário Covas tomava uma medida que aparecia aos olhos de setores empresariais como se estivesse na contramão da história, porque estava defendendo uma política fiscal que fosse mais ou menos igual para todos os estados da Federação, que conseguimos concluir na votação da reforma tributária.

As razões da minha vinda aqui, hoje, além dessas, é pela geração de empregos que a Nestlé oferece ao Brasil. Emprego, que é uma das coisas mais sagradas para um homem, para uma mulher, sobretudo, para quem é chefe de família. E todo mundo sabe que a solidez de uma política de



crescimento, num país do tamanho do Brasil, com os problemas do Brasil, tem que ser feita com uma palavra-chave chamada credibilidade, combinada com a participação dos segmentos da sociedade.

Me dizia o companheiro Roberto Rodrigues – no avião, na vinda para cá, quando eu pedi que ele lesse o discurso que eu ia fazer, mas que não vou fazer mais – e o Roberto me dizia, como agricultor, como fazendeiro que é em São Paulo, do que resultou para ele e para os agricultores brasileiros os prejuízos do Plano Collor e, depois, os prejuízos do Plano Real. E dizia que a grande tarefa dele, como ministro da Agricultura, com orientações discutidas dentro do Governo, é não permitir que os agricultores brasileiros sejam pegos de surpresa com planos mirabolantes, que muitas vezes parecem que vão salvar a Pátria, durante seis meses, um ano e, depois, os prejuízos ficam acumulados para a sociedade que produz e trabalha no nosso país.

Foi por isso que, no ano passado, o Governo fez uma grande reunião com os produtores de café no estado do Espírito Santo e assumimos participar do leilão para garantir que o preço do café não caísse, como vinha caindo. E, ao mesmo tempo, fomos participar de uma reunião da Organização Mundial do Café, em Cartagena, onde fomos para defender a idéia de que os produtores de café não podem ser as vítimas toda vez que o produto entra em crise. Os produtores de café, que já tiveram uma renda de 20% no resultado final do café, têm hoje apenas 14% de participação.

E sugerimos, lá em Cartagena, que era preciso criar uma câmara setorial ou algo parecido, para que juntássemos empresários de torrefação, exportadores e produtores e estabelecêssemos um programa em que a cota-parte de cada um na cadeia do café ficasse garantida, para que um não se tornasse vítima do outro.

Ao mesmo tempo, estamos discutindo com muitos setores empresariais que não é possível que, sendo o Brasil o maior produtor de café do mundo, vejamos outros países, sobretudo da Europa, como exportadores de café



solúvel e o Brasil não coloque valor agregado nos seus produtos. E nós queremos que, além do Brasil ser o maior produtor de café, que sejamos o maior exportador de café solúvel, para colocarmos valor agregado aos nossos produtos, para melhorar o salário de quem trabalha no campo e garantir emprego e salário para quem mora na cidade. O Brasil não pode, sendo o produtor de café que é, ver outros países se tornando os maiores exportadores de café solúvel, enquanto nós ficamos exportando café em grãos.

E essa fábrica da Nestlé é a demonstração mais viva de que o exemplo a ser seguido por outros empresários pode garantir que, num prazo muito curto o Brasil, definitivamente, aprenda a tirar proveito da globalização mundial em que vivemos e dispute em igualdade de condições os produtos industrializados com valor agregado, adentrando o chamado mercado desenvolvido.

Mais importante ainda é que, para chegar à situação de otimismo em que estamos hoje, foi necessário ser duro. E não somos os primeiros a ser duros, a fazer um ajuste fiscal.

Eu quero aproveitar que estou no estado de São Paulo e lembrar a todos o que foram os primeiros quatro anos do governador Mário Covas, aqui no estado de São Paulo. Possivelmente, grande parte dos políticos que estão aqui em algum momento fez críticas, porque diziam que o Mário Covas não gastava, não investia, só pensava no ajuste. Mas foi graça à coragem de fazer o ajuste, no momento em que foi preciso, que o estado de São Paulo se recuperou economicamente. E graças ao que nós fizemos no ano passado, é que eu posso dizer a vocês que, hoje qualquer membro do Governo pode andar de cabeça erguida, em qualquer lugar deste país e dizer: não terá volta nesse país, a economia vai crescer, e vai crescer muito a cada ano, porque esse é o destino, sem plano Lula, sem plano Palocci, sem plano que leve o nome de qualquer pessoa, porque o grande plano nosso é a credibilidade na relação entre Governo e sociedade, entre Estado e sociedade e entre Estado e outros estados.



É por isso que o capital externo está voltando. É por isso que eu posso dizer para vocês que a economia brasileira vai crescer, independentemente da idéia do maior pessimista que possa existir no nosso país. Nós vamos provar que é possível controlar a inflação, que é possível ter a economia estabilizada e, ao mesmo tempo, crescer, e a gente possa começar, aos poucos, a gerar os empregos que o Brasil tanto necessita.

E por que eu sou otimista? Sou otimista porque, comparando todo e qualquer número com 2002 ou mesmo com 2003, nós temos muito mais recursos para investir em habitação, em saneamento básico, temos muito mais recursos do BNDES para investir em projetos empresariais por este país afora e temos, hoje, muito mais credibilidade para trazer dinheiro de fora, para criar empresas e gerar riquezas dentro do nosso país.

E não mediremos nenhum esforço em tomar a medida que for necessária para que a inflação não volte. E, ao mesmo tempo, faremos o mesmo esforço para cumprir cada um dos compromissos que assumimos com a sociedade brasileira, antes das eleições. E todo mundo sabe o que foi a Carta ao Povo Brasileiro, assinada no mês de junho de 2002.

Eu vim à Nestlé porque a Nestlé, hoje, está simbolizando aquilo que eu mais tenho tentado passar para a sociedade brasileira: quem não acredita, quem não pensa de forma positiva e quem não investe no momento certo não colhe no momento certo. A Nestlé está dando exemplos a outros empresários, ao governo federal, e a outros governos de que, quem quiser ter dúvidas sobre o Brasil que tenha, porque a Direção da Nestlé não tem dúvida de que o Brasil continua sendo um mercado extraordinário para que ela faça mais investimentos do que já fez e para que outras empresas façam mais investimentos no nosso país.

A responsabilidade nossa é começar a construir os pilares para vencer a ocupação territorial desordenada – como aconteceu no nosso país nos últimos 50 anos, esvaziando algumas regiões e enchendo outras de forma totalmente



desordenada, sem nenhum planejamento – o que faz com que tenhamos, de um lado, verdadeiros paraísos, como o interior de São Paulo, o interior de Goiás, a região sul de Minas Gerais, setores da Bahia, Balsas, no Maranhão, e tantos outros setores que demonstram um potencial de crescimento excepcional e, de outro lado, setores que têm um acúmulo de problemas sociais, que estão acumulados há 30, 40, alguns até há 50 anos.

E cabe a nós não resolver todos, mas começar, pelo menos, a criar o alicerce para que fique mais fácil sonharmos em acabar com parte dos problemas sociais do Brasil, sobretudo, com a fome e a miséria absoluta que toma conta de alguns milhões e milhões de brasileiros.

E sabemos perfeitamente bem que, para fazer esses investimentos, para que tenhamos uma classe trabalhadora qualificada profissionalmente, é preciso que a gente invista corretamente na educação. Neste país, num determinado momento, foi decidido que o aluno não iria mais repetir de ano, que o seu ano seria ano contínuo, sem nenhuma prova. Hoje, constata-se que 52% das crianças que saem da escola ou que estão na 5ª série não conseguem interpretar um texto, porque não estão tendo a formação correta.

Nós temos que acreditar e temos que ter certeza de que não existe na História da humanidade nenhum país e nenhum povo do mundo que tenha conseguido se desenvolver sem acreditar antes na educação do seu povo e na boa formação escolar que as nossas crianças têm que ter.

Nós sabemos que o ensino fundamental é da responsabilidade dos estados e, em muitos estados, é de responsabilidade da sociedade.

Pedi ao ministro Tarso Genro que é importante que se comece a fazer teste com as crianças do ensino fundamental, a cada seis meses; que se convoque uma reunião com os secretários de Educação de todos os estados – se for necessário, convocarei uma reunião de governadores – para que possamos medir, a cada seis meses, se as crianças estão aprendendo de verdade dentro da escola, porque, se não estiverem aprendendo, é preciso



mudar o que estamos fazendo. O objetivo não é tirar a criança de casa para ir à escola, é garantir que essa criança aprenda.

E, se a criança não estiver aprendendo porque o ensinamento não está sendo correto, nós vamos ter que, também, melhor qualificar os educadores brasileiros, para que eles possam melhorar a qualidade do ensinamento que estão dando às nossas crianças. Porque, se não fizermos isso, a cada ano que passa nós iremos nos arrepender, cada vez mais, de não termos investido no momento certo.

Não basta um governante se vangloriar de que todas as crianças estão na escola. É melhor a gente se vangloriar pela qualidade da educação que essas crianças estão tendo, que os nossos universitários estão tendo, porque é dessa boa qualidade da formação que vamos poder ter uma economia mais forte, com mão-de-obra mais qualificada, mais competitiva no mercado internacional. E vai chegar um dia em que nós não estaremos apenas exportando matérias-primas ou produtos industrializados.

O dia, quem sabe, mais sagrado para este país será o dia em que estivermos exportando o conhecimento do povo brasileiro.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de inauguração do Aeroporto de Bonito**

Bonito-MS, 02 de abril de 2004

Meu querido companheiro Zeca do PT, governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,
Senhor Egon Krakhecke, vice-governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu companheiro Geraldo Marques, prefeito de Bonito,

Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,

Meu caro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meu querido companheiro Marcus Barros, presidente do Ibama,

Meus caros senadores Ramez Tebet e Cid Amaral,

Meus companheiros deputado federal João Grandão, Wander Loubet,
Antônio Carlos Biffi e Antônio Cruz,

Meus queridos companheiros deputados estaduais desta região,

Vereadores,

Prefeitos,

Minha querida companheira Marisa,

E minha querida companheira Dona Gilda, esposa do Zeca,

Meus companheiros e companheiras de Bonito do Mato Grosso e de todas as cidades que o Zeca citou aqui – Mato Grosso do Sul, e logo, vamos parar com essa confusão porque, quem sabe, um dia, vocês transformem isso aqui no estado do Pantanal e a gente possa vender, com mais facilidade o turismo do Pantanal, lá fora,



Meu companheiro Nunes Félix, que está aqui, no meio de tanta gente – tudo bem, Nunes? Uma alegria te ver aqui, rapaz! Quem não se lembra, quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, o Nunes era o companheiro que fazia o jornalzinho do Sindicato, e foi o companheiro que mentalizou e criou, para nós, as Cartas do João Ferrador, que tanto sucesso fizeram nos anos 70, no nosso país,

Estou vendo, aqui, o companheiro Samba, nosso companheiro de Ponta Grossa, agora filiado ao PTB,

Meus companheiros da imprensa,

Quero dizer uma coisa para vocês: o companheiro Zeca se referia, aqui, muitas vezes, às distorções de comportamento que existem em algumas pessoas. Eu queria lembrar ao Zeca que, como eu viajo muito pelo Brasil, eu posso ser testemunha, Zeca, de que dois governadores que não eram do PSDB – você e o Jorge Viana, do estado do Acre – possivelmente tenham sido os governadores que mais respeitaram a relação com o poder central. Em todas as propagandas eu via que vocês colocavam, lá: “Essa é uma parceria do governo do estado com o governo federal”.

E me eu lembro que, em outubro, quando eu visitei o presidente Fernando Henrique Cardoso, comentei com ele. E ele me dizia: “Lula, isso a gente não tem controle. Você faz as casas numa cidade e, quando você vê, a casa foi inaugurada, não é nem citado o nome da Caixa Econômica Federal, não é citado o nome de nada. Ou seja, o prefeito, às vezes, faz o discurso como se fosse dele. Você repassa dinheiro para a saúde, dinheiro para a educação...”

E eu acho que não é para fazer propaganda de ninguém, não. É apenas para que o povo saiba a tarefa que cada um está cumprindo. É apenas uma questão de honestidade, de procedimento. E eu, Zeca, aprendi a ter paciência com essas coisas. Eu disse, agora há pouco, lá em Três Lagoas, que ex-



governante é igual a ex-marido, porque o cidadão se separa da mulher, a mulher pode arrumar um outro namorado e casar, e ele fica torcendo para não dar certo o casamento da mulher: “Tomara que ela quebre a cara. Tomara que não dê certo”.

Então, ex-governante é assim. Eles ficam sempre torcendo para que o que o que entrou depois dele não consiga fazer mais do que ele. Então, Zeca, a gente tem que ter só paciência, porque você disse uma coisa aqui que é verdadeira: quando chegar ao final do mandato, você vai fazer comparações. E, aí, você vai poder medir quem fez o quê no nosso país.

Nesta semana, os dois senadores que estão aqui precisam saber o seguinte: no dia 6 de fevereiro, eu decidi que o presidente do Banco Central deveria ir ao Senado fazer um debate. E decidi também que era importante que fossem ele e o ministro da Fazenda à Câmara, se expor ao debate, deixar os deputados, aqueles que fazem oposição, fazerem as perguntas que quiserem. Não tem nenhum problema. Eu não tenho dúvida de que todos os números da macroeconomia são infinitamente melhores agora do que eram em dezembro de 2002. Não tenho dúvida nenhuma. Então, nós iremos fazer debates em qualquer lugar, até porque não temos vergonha nem medo de dizer: aquilo que não fizemos ainda é porque não pudemos e porque não chegou o tempo de fazer.

Mas, aqui, estamos vivenciando um pouco isso. No Brasil, vocês sempre ouviram falar, o turismo é uma grande fonte de geração de empregos, riquezas e divisas para um país. Sempre ouviram falar isso. Desde o tempo dos governos militares, vocês ouvem falar que o turismo é isso, que o turismo é aquilo. Entretanto, nós não tínhamos um ministério para cuidar do turismo. O máximo que a gente tinha era um ministério de esporte e turismo, como se fosse a mesma coisa, como se o mesmo cidadão especialista em cuidar do esporte fosse o mesmo cidadão especialista em cuidar do turismo.

Ora, quando estávamos em campanha ainda, eu assumi, publicamente,



que, como o turismo é uma das principais fontes de geração de riqueza, de empregos e de renda para as pessoas deste país, nós teríamos que dar seriedade à questão do turismo.

E a primeira coisa que fizemos foi separar os assuntos, criando um ministério do Turismo e um ministério de Esportes. São duas coisas distintas. Vamos chamar duas pessoas competentes. E eu dei a sorte de o PTB me dar de presente o nosso companheiro Walfrido Mares Guia, que é um ministro excepcional e trata do turismo com uma paixão que acho que foi a mesma paixão com que ele tratou dos filhos dele. Toda hora que este homem fala do turismo, fala com uma paixão tão grande, que eu não tenho nenhuma dúvida de que vamos atingir as metas estabelecidas pelo Governo, pelo Conselho de Turismo e pelos companheiros do ministério, porque duvido que na História do Brasil o setor de turismo tenha tido a equipe que esse companheiro montou no ministério do Turismo. Ou seja, é gente da melhor qualidade, mas, muito mais do que competência técnica e profissional, são pessoas que acreditam naquilo que fazem.

E o fato de estarmos inaugurando este aeroporto hoje é a concretização de cada palavra, porque se a gente acha que uma região como esta não pode ser destruída, não pode ser desmantelada, que não podem vir para cá empresas poluidoras, para causar poluição a uma região que é um patrimônio da humanidade, a contrapartida para a gente exigir a preservação é investir em coisas que possam gerar desenvolvimento, riqueza e não poluição.

E não precisa muita gente para tomar conta disso, não. Aqui está o meu companheiro do Ibama, que foi comigo e também outros companheiros, inaugurar, lá em Três Lagoas, a termelétrica. Porque alguém fala: “não, mas isso aqui está poluindo, porque isso aqui... Não pode passar avião aqui, porque vai acontecer uma coisa, vai estressar não-sei-o-quê...” Então eu trouxe logo o Ibama, porque o Ibama, para dar licença para alguma coisa, só se estiver 100% certo.



E por que eu digo isso? Eu tenho a certeza de que este aeroporto, ao invés de prejudicar, vai dar a Bonito não apenas dimensão às belezas naturais que Deus deu a esta região, mas vai dar a possibilidade de moças e rapazes, homens e mulheres poderem trabalhar dignamente e viver às custas de seus salários.

E digo mais, companheiro Zeca: essas pessoas que moram em Bonito sabem que a riqueza que esta região pode promover deve-se à capacidade que o povo tiver de garantir a preservação desta área. Na hora em que o povo descobrir que é das belezas naturais que ele está sobrevivendo, ele vai dizer ao Ibama: “Pode deixar que nós saberemos cuidar do nosso pedaço”. Isto vai ser tratado como uma dona-de-casa trata o quarto dela ou a cozinha, ou seja, vai ser limpo, para que todo mundo, quando chegar, perceba que Bonito não é bonito apenas no nome, Bonito é bonito porque o povo de Bonito quer que isto aqui continue sendo patrimônio da humanidade e quer que isto aqui seja a grande fonte geradora de riquezas para a cidade de Bonito, para a região e para o estado do Mato Grosso do Sul.

Por isso estou aqui, hoje, na inauguração deste aeroporto. É para, simbolicamente, dizer para o povo do estado do Mato Grosso do Sul e para o meu companheiro Zeca, para a dona Gilda e para o povo de Bonito que nós saímos das palavras para fazer as coisas práticas acontecerem. Este aeroporto deixou de ser uma promessa. Este aeroporto é uma realidade.

E, certamente, vocês podem se preparar – eu sei que já tem muitos leitos aqui, em hotéis – mas podem se preparar que vai vir mais gente e Deus queira que vocês sejam obrigados a construir mais hotéis, mais pousadas e que cada vez mais haja uma combinação entre o crescimento econômico e a preservação ambiental, porque é disso que precisamos para o Brasil ser mais respeitado no mundo.

Uma outra coisa importante, meu companheiro Zeca, que é importante dizer aqui: nós, hoje, tivemos a alegria de saber que, finalmente, a ferrovia que



liga Santos a Corumbá vai, se Deus quiser, voltar a funcionar, até o final do ano. Essa é uma reivindicação antiga, é uma estrada antiga que atravessa o Brasil, Bolívia, Argentina e vai até o porto de Antofagasta, no Chile. Nós já conversamos com os presidentes de cada país para que eles analisem corretamente as condições da ferrovia dentro dos seus países, para que possamos fazer a integração bioceânica, para que possamos fazer a ligação Atlântico-Pacífico, para que os nossos produtores possam fazer com que as suas cargas cheguem do outro lado e no outro oceano, para que a gente economize praticamente 7 mil quilômetros de distância nas nossas exportações.

Mas, ao mesmo tempo, eu dizia ao companheiro Zeca que assinei dois decretos, hoje, declarando de interesse social para fins de reforma agrária duas fazendas – me parece que a fazenda Vista Alegre, no município de Angélica, e também a fazenda Bela Manhã, que nós vamos desapropriar para efeito de reforma agrária, porque nós vamos fazer a reforma agrária – e eu tenho dito, todo santo dia – por uma questão de justiça, porque eu entendo que a reforma agrária é uma forma de fazer justiça social neste país.

Agora, eu tenho dito também que a reforma agrária será feita tranquilamente, pacificamente. As terras produtivas serão respeitadas, porque este país tem muita terra para a gente fazer reforma agrária. E, muitas vezes, palavras, mesmo, às vezes tiradas fora de um contexto, seja de trabalhadores, seja de empresários radicalizando o processo não ajudam, porque está cheio de gente neste país que ainda não se acostumou a conviver com a democracia, ainda não se acostumou a conviver com mais justiça social e ainda não se acostumou a conviver com coisas que precisam ser feitas aqui, porque já foram feitas em outros países, anos atrás.

Portanto, ninguém precisa ter medo da reforma agrária, ninguém precisa ter medo da priorização que nós damos à questão da agricultura familiar, porque achamos que a agricultura familiar não é antagônica à agricultura



empresarial. Pelo contrário, o Governo também tem que incentivar a agricultura empresarial, porque nós estamos batendo recorde atrás de recorde, nas nossas exportações. E é graças ao agronegócio que nós estamos batendo recorde, esse mês, de exportação. E vamos continuar, Zeca, com a mesma tranqüilidade.

A companheira Dilma, que é ministra de Minas e Energia, sabe o que que nós temos que fazer para desenvolver o país na questão energética. Nós tínhamos 35 hidroelétricas paradas e, desde 2001 nós já retomamos 17, faltam 18, que estão sendo avaliadas pelos ministérios de Minas e Energia e Meio Ambiente, Ibama e Ministério Público. Vamos tocá-las para a frente.

Vamos fazer os gasodutos que a Petrobrás precisa fazer, para levar gás para outra região do país. E, quando chegar no final do meu mandato eu quero, com a mesma tranqüilidade, pegar o que cada Governo fez nesses últimos anos, no Brasil, e fazer uma comparação.

Vocês sabem que aqui, no Brasil, nós temos um programa chamado Vale-Gás que dá 7 reais para as pessoas. Nós temos outros programas. A média de todos os programas que temos no Brasil dava, em média, 22 reais para quem recebia – era a média. Nós juntamos tudo isso no programa Bolsa Família, colocando o cartão do programa Fome Zero.

Hoje, estamos com apenas um ano e três meses de Governo, e já no dia 31 de dezembro do ano passado atingimos a marca de 3 bilhões, 615 mil famílias recebendo do Bolsa Família, não 22 reais, mas 73, em média, por cada família.

Até o mês de julho, Zeca, vamos chegar a mais 901 mil famílias. Até dezembro, vamos chegar a 6 milhões de famílias. E, até dezembro de 2006, quando termina o meu mandato, nós vamos chegar a 11 milhões de famílias, que é o nosso compromisso histórico de colocar no Bolsa Família todas as pessoas que, segundo o IBGE, estão abaixo da linha da pobreza, neste país.

Da mesma forma, a nossa prioridade não é inventar obra. Inventar-se



obra em um governo que quer praticar corrupção. Um governo sério não deixa uma obra parada muito tempo.

Nós, então, tomamos uma decisão: ao invés de inventar um novo projeto, nós vamos pegar todas as obras que já foram começadas e que estão paralisadas há muitos anos; nós vamos tentar acabar com essas obras para que o Brasil deixe de ser o “paraíso das obras inacabadas” como, de vez em quando, mostra a televisão brasileira.

Nós temos consciência das possibilidades do Brasil. Estou, hoje, Zeca, mais otimista do que estava ontem. E, decerto, amanhã estarei mais otimista do que estava hoje. Por quê? Porque é irreversível o crescimento da economia neste país. Nós vamos crescer neste ano, vamos crescer mais no ano que vem, e vamos crescer mais no outro ano. Sabe por quê? Porque não inventamos um “plano Lula”, como se inventou, neste Brasil, tantos planos. O nosso plano, o que é? Chama-se credibilidade, honradez, chama-se pactuação com os segmentos organizados da sociedade.

Eu quero governar todos os meus dias, Zeca. E quero deixar o Governo podendo olhar na cara de cada interlocutor e dizer: “Apesar de tudo, fizemos mais do que muita gente fez, ao longo de 500 anos da História do nosso país”.

Muito obrigado. Parabéns a Bonito. Parabéns ao Mato Grosso do Sul. E parabéns ao Brasil.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Termelétrica de Três Lagoas/MS**

Três Lagoas, MS, 02 de abril de 2004

Meu caro José Orcírio Miranda dos Santos, nosso querido Zeca do PT,
governador do estado do Mato Grosso do Sul, e sua esposa, nossa
companheira Gilda Maria Gomes dos Santos,

Minha querida Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro senhor Issam Fares, prefeito de Três Lagoas,

Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,

Meus caros senadores Ramez Tebet e Delcídio Amaral,

Meus companheiros Deputados Vander Loubet, Antônio Carlos Biffi,
Antonio Cruz e o nosso conhecido João Grandão,

Deputados estaduais,

Secretários municipais e secretários do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu caro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meus companheiros Sérgio Rosa, presidente da Previ; Wagner Pinheiro,
presidente da Petros, e o Guilherme Lacerda, presidente da Funcef, que
assinou com o Zeca, aqui, o acordo para que a Funcef possa ajudar a financiar
a nossa querida ferrovia,

Funcionários da Termelétrica de Três Lagoas,

Meus amigos e minhas amigas,

Meu caro Zico, nosso deputado estadual por São Paulo, companheiro
que anda muito pela região de Andradina,

Meus companheiros, companheiras, meus amigos da imprensa,

Essa assinatura que eu fiz agora, da desapropriação de fazendas, eu



poderia ter assinado em Brasília, antes de viajar, mas fiz questão de vir assinar aqui, Zeca, na sua presença, porque sei da sua luta neste Estado, para estabelecer um clima de tranqüilidade e harmonia e uma boa relação entre os proprietários, que nós chamamos de empresários da agricultura, e os trabalhadores sem terra, que tanto precisam trabalhar neste país.

Eu fiz questão de assinar aqui porque eu queria fazer um gesto, tanto para os trabalhadores quanto para os empresários. Neste país, a reforma agrária vai ser feita por uma questão de justiça social, por uma necessidade de repartir um pouco melhor o território produtivo, para que a nossa gente tenha a oportunidade de trabalhar.

Mas ela não vai ser feita no grito. Nem no grito dos trabalhadores, nem pelo grito dos que são contra, ela vai ser feita respeitando a legislação vigente e num clima de harmonia, que norteia o comportamento de todo o meu Governo. Nós temos um compromisso que ninguém nos obrigou a fazer. Nós tomamos a decisão de que vamos assentar, até o final do meu mandato, 400 mil famílias e regularizar 130 mil títulos de terra. E nós vamos cumprir.

E eu pretendo, no final do meu mandato, não só anunciar o cumprimento, mas mudar de forma radical o jeito que se fez reforma agrária no Brasil, até então. Porque, na verdade, o que se fazia, era jogar um monte de pobres trabalhadores no meio de uma roça, sem dar a eles nenhuma condição de sobrevivência, nem financiamento, nem assistência técnica, nem crédito. Muitas vezes, nem educação, nem transporte e nem saúde. Então, nós queremos mudar. E vamos fazer isso do jeitinho que eu acredito e que tenho certeza que é o melhor jeito. Nós vamos fazer desapropriando as áreas improdutivas.

E quero aproveitar que este é um Estado que tem muito empresários agrícolas e dizer que nenhuma terra produtiva será mexida, porque nós queremos provar que é plenamente possível uma boa combinação entre a agricultura empresarial e a agricultura familiar. Elas não são antagônicas, não



são incompatíveis, o que precisa é as pessoas pararem de falar demais e permitir que o Governo cumpra os compromissos que assumiu com a sociedade brasileira.

A segunda coisa, Zeca, que eu acho importante nessa inauguração, é porque de tanto andar pelo Brasil, antes de ser eleito Presidente da República, eu firmei comigo uma convicção: o Brasil não precisa de nenhuma obra faraônica que marque a passagem de um governante. É hábito no Brasil, faz parte da nossa cultura política um governante tentar fazer uma grande obra para formar a imagem ou a sua própria história diante da Nação. Eu, como andei muito pelo Brasil, firmei a convicção de que a grande obra que um governo pode realizar num país da dimensão do Brasil, é fazer funcionar as coisas que já existem na área da saúde, na área da educação, na área dos transportes. Está aqui o ex-governador Marcelo Miranda – parece-me que ele é do Dnit, agora – que sabe que o grande problema deste país não é apenas fazer uma nova estrada, mas é não se ter feito a manutenção correta da nossa malha viária durante anos. E se você gasta bilhões e bilhões de dólares para construir uma malha viária do tamanho da nossa e, depois, você não faz a manutenção correta, você precisa gastar, praticamente, quase que a mesma quantia para fazer funcionar corretamente as nossas estradas.

E nós estamos, no ministério dos Transportes, com o compromisso de, este ano – já fizemos uma parte no ano passado e fomos prejudicados pela quantidade de chuvas, exageradas, boas, mas exageradas em alguns lugares do Brasil – e nós vamos ter que, agora, refazer parte das estradas que tínhamos refeito no ano passado.

Então, o que precisamos é não permitir que um país como o nosso, tenha o privilégio de ter obras paradas. Daí porque eu brinquei com o Zeca, ontem, com o Carlos Wilson, sobre a iluminação do aeroporto. Ora, você não pode, depois de ter um aeroporto dessa magnitude, numa pista enorme como essa, 2 mil e duzentos metros de comprimento onde até o avião do Presidente



pode pousar – porque não é em qualquer aeroporto que pousa o avião presidencial, não. Eu, por exemplo, não consigo pousar em Santos Dumont, no Rio de Janeiro, tenho que pousar no Galeão – então, você não pode fazer uma pista maravilhosa dessa e depois deixar ela funcionar pela metade. Porque vocês não sabem a loucura que foi ontem, sair de Araras, em São Paulo, para chegar ainda com sol, senão eu não poderia descer aqui.

Eu penso que pode se fazer uma boa parceria entre a Infraero e o governo do estado, a Infraero dá o dinheiro, o estado dá o aeroporto e, nessa combinação, a gente ilumina este aeroporto. Porque eu acho que tem gente que gostaria de vir à noite para cá, isso aqui pode ser uma rota extraordinária para o desenvolvimento dessa região.

Da mesma forma, essa história do trem. Eu tive a oportunidade de fazer uma reunião com o presidente da Argentina, no Rio de Janeiro, há 15 dias atrás, e pedi para que ele fizesse um estudo em todo o seu território por onde passa a ferrovia, para ver quais as condições da ferrovia na Argentina. Depois falei com o presidente Lagos, para que ele faça uma vistoria também nas ferrovias dentro do território chileno. E também pedi ao presidente Carlos Mesa para fazer uma vistoria na estrada, a partir de Santa Cruz de La Sierra, para ver como é que está o estado dessa ferrovia. Não é possível, alguma coisa anda errada neste país, porque há tantos anos, tantos governantes falam de uma rodovia ou de uma ferrovia bioceânica, quando nós já temos uma pronta, que com 890 milhões de reais pode-se colocá-la para funcionar e, quem sabe, no futuro, melhorá-la, fazer bitola larga. Mas o que é importante é que a gente coloque essa ferrovia para funcionar, Zeca. E está aceito o convite.

Na hora em que essa ferrovia for inaugurar – e eu espero que seja o mais rápido possível, até outubro ou novembro – eu quero pegar esse trem lá em São Paulo e encontrar com você, aqui. E, daqui, a gente vai se encontrar com o presidente da Bolívia. São 14 dias de viagem e, possivelmente, não vamos poder passar 14 dias dentro do trem, mas é uma viagem que eu acho



que nós precisamos fazer. Isso faz parte do nosso projeto de integração do Mercosul e da América do Sul e também do compromisso de facilitar as nossas exportações para os países beneficiados pelo Oceano Pacífico. O mais importante Zeca, é que me parece que não falta muito para fazer, em nenhum lugar, e, portanto, vamos inaugurar essa estrada, porque não vamos permitir que, no Brasil, obras fiquem paradas. A ponte de que você falou, faltava apenas 5% para concluir. E ela ficou parada anos.

Eu tenho dito no ministério da Saúde, tenho dito a todos os ministros: o povo não está querendo mais um elefante branco, o povo está querendo ser bem atendido nos hospitais, atendido com respeito. Nas nossas escolas, precisamos respeitar o nível de ensinamento que as nossas crianças estão tendo porque, se não tiver uma melhoria no ensino fundamental, não adianta depois tentar fazer a correção na universidade, a correção tem que ser feita a partir do primeiro ano de escolaridade das nossas crianças.

Ontem, em Araras, eu disse que não é possível uma criança entrar na escola e ter aprovação continuada, porque o índice de repetência é alto demais. Ora, não se resolve o problema da repetência anulando-se um critério de medição da qualidade de ensino, porque senão é muito fácil: “eu não quero ter repetência, porque vai aparecer o índice do IBGE dizendo que tantas crianças repetem de ano e ficam culpando o banco da escola, então, vamos passar direto.” Ora, que história é essa? É porque é o pobre que está na escola pública? É porque são as crianças mais humildes que estão na escola pública? Nas escolas onde estão os filhos dos ricos, nas escolas melhores, particulares, deste país, a molecada tem prova a cada dois ou três meses e se não estão bem numa matéria, têm reforço, porque se estabeleceu como critério que a criança vai lá para estudar e para aprender. Na escola pública não. A criança vai lá porque tem que ir. E é preciso colocar nas estatísticas que toda criança está na escola. É preciso mostrar para a Unicef, para a ONU, para todo mundo que toda criança está na escola. E a qualidade desse ensino? E a



qualidade dessa educação? E é isso que nós vamos começar a mudar profundamente. E é por isso Zeca, que muita gente se incomoda.

Eu, de vez em quando, digo: graças a Deus eu cheguei à Presidência depois de perder três eleições, depois de ter passados dos 50 anos de idade, porque eu cheguei no momento, eu diria, melhor de um ser humano. Vocês que são jovens não acreditam, mas é verdade, vocês vão ver, quando vocês tiverem 50 anos. Ou seja, é o auge da maturidade de um ser humano, você fica com mais paciência, você já não fica mais com raiva do que você lê na imprensa, você já não fica mais com raiva da oposição. De vez em quando você até fala: que bom que tem oposição que faça críticas e que pouca gente tenha um tempo, Zeca, de fazer uma aferição entre o que acontecia antes e o que acontece agora, por mais que a gente queira fazer as coisas rápido. Todos vocês sabem que, se eu quiser anunciar essa ferrovia como anunciamos agora, ela vai demorar oito ou nove meses para ficar pronta. E na política é a mesma coisa. Nós estamos no momento exato de fazer este país aflorar, apesar do pessimismo de alguns, porque tem gente no Brasil que acorda e vai dormir torcendo para as coisas não darem certo. Eu digo sempre que tem gente no Brasil que é como ex-marido ou ex-mulher que não quer que as pessoas tenham um novo casamento e seja feliz. O ex-marido fica torcendo: “tomara que ela faça com ele o que fazia comigo!” A mulher fica falando: “tomara que ele faça com ela o que fez comigo!” Ou seja, no Brasil tem isso, os “ex” que não se conformam de ter alguém que possa fazer mais do que eles. E eu sou como o Zeca: a gente vai ficar batendo boca, Zeca? Todos nós temos que estar na fase do “Lula paz e amor”, e no momento certo nós vamos provar com números, o que aconteceu no país em quatro anos e o que aconteceu antes, o que foi feito em cada área, antes e depois. Porque somente assim é que a gente pode mostrar para a sociedade, com muita tranqüilidade, as mudanças que estão acontecendo no nosso país.



Nós, Zeca, vamos fazer mais. A Petrobrás está aqui, eu pensei que o José Eduardo ia tocar nesse assunto. Possivelmente, nos próximos dez dias, a Petrobrás vai ser convidada pela ministra Dilma para ir ao meu gabinete discutir um sonho deste Estado aqui, que é o pólo de gás-químico. Obviamente que é um projeto que já está em estudo, nós vamos estudá-lo com carinho, porque eu quero transformar os discursos da aliança da América do Sul em coisa concreta. E nós precisamos fazer alguma coisa não apenas para ajudar essa região brasileira, mas também para ajudar um país irmão como a Bolívia, que precisa muito do apoio de um país como o Brasil, para que as coisas dêem certo lá. Eu sei que a Petrobrás é dura na queda, eu sei que a Petrobrás pode ter outras preferências, mas não há nenhum ser humano, nem os dirigentes da Petrobrás, que não tenha sensibilidade para um projeto de integração da América do Sul com esse que nós estamos fazendo.

Quero dizer a você, meu caro Zeca, que a iluminação do aeroporto aqui está dentro do programa “Luz para todos”, que a Dilma anunciou no Ministério. Além disso, Zeca, nós anunciamos uma coisa importante. Nesta semana, a ministra Dilma e a ministra Marina fizeram, lá no Palácio do Planalto, o lançamento de um programa chamado Proinfa, um Programa de energias alternativas que vai produzir energia da biomassa, aeólica, termelétrica, pequena hidroelétrica vai ser uma coisa muito importante. O povo brasileiro precisa saber de algumas informações: quando tomamos posse, nós tínhamos no Brasil 35 hidroelétricas paralisadas; das 35, nós retomamos 17, entre junho e novembro do ano passado, e temos 18 para resolver. E muita gente resolve os problemas com muita facilidade, jogando a culpa no IBAMA. Muitas vezes, o IBAMA tem que ser do jeito que é mesmo, porque neste país, antes, fazia-se projeto e iniciava-se a obra, para depois ir atrás do licenciamento prévio. Agora, nós estamos trabalhando de outra forma, por obra da Dilma e da Marina, que criaram uma palavra chamada transversalidade. E nós estamos colocando em prática a transversalidade, ou seja, o IBAMA, o Ministério Público e os ministros



discutem o projeto desde o começo para que não haja, depois do projeto pronto e do financiamento, a negativa de um licenciamento.

Nós vamos retomar essas hidroelétricas. Aquelas que não puderem ser feitas, porque vão agredir o meio ambiente, vamos ter que ter a coragem de dizer aos empresários que não serão feitas, porque têm empresários no Brasil que estão esperando o Governo autorizar hidroelétrica há 14 anos e o Governo fica enrolando os empresários: “não, é o IBAMA, é o Ministério Público”. Mentira, é que não pode ser feita. Então alguém tem que ter a coragem de dizer aos empresários: “não pode ser feita, por isso meu caro, procure outro rio, nesse não vai ser feito.” E nós vamos ter a coragem de dizer isso aos empresários, porque eu acho que mentira tem pernas curtas. Só que, nesse caso, as mentiras já têm mais de 14 anos e é preciso, então, que a gente diga logo.

Nós fizemos uma reunião com o ministério de Minas e Energia, Petrobrás, ministério dos Transportes, ministério do Meio Ambiente, Ibama e, depois, fiz uma reunião com o Ministério Público, para pegar todas as obras que estão com problemas, para que a gente comece a destravar e dizer claramente: essa vai ser feita, essa não vai ser feita. Para que ninguém fique enganando o povo brasileiro por mais tempo. E vamos fazer isso com todas as obras de infra-estrutura do nosso país.

O projeto de revitalização do São Francisco, que vai levar água para outras regiões do país, está sendo feito concomitantemente com os ministérios da Integração, dos Transportes, da Reforma Agrária, da Agricultura, do Meio Ambiente e o Ibama para, quando anunciarmos o projeto, ele já tenha todos os problemas resolvidos e a gente não tenha que ficar demorando muito. Nós, hoje, por exemplo, temos um problema sério nos portos brasileiros, Zeca. Eu, de vez em quando, fico pensando o que fizeram neste país há alguns tempo, na área do transporte.

Se o porto de Paranaguá e o porto de Santos não forem dragados



urgentemente, a gente vai paralisar a nossa política de exportação. E ontem, o ministro Furlan anunciou, Zeca, que nós batemos outro recorde histórico nas exportações brasileiras. Foi a primeira vez na História do Brasil que nós conseguimos, em um mês, exportar 7 bilhões e 300 milhões, ou seja, foi uma coisa extraordinária. E vamos continuar a crescer. Mas não foi feita, meu caro Marcelo Miranda, há oito anos atrás, a dragagem dos portos que precisava ter sido feita, porque senão os navios não conseguem encher, porque o casco bate no chão. Era este país que estava escondido, era este país que a imprensa não divulgava, porque neste país se criou o chamado consenso, pensamento único. Estava tudo tão maravilhoso, até que nós descobrimos que não estava tão maravilhoso assim, em várias áreas. E vocês sabem do nosso comportamento.

Eu tenho pedido para todos os ministros: “não vamos ficar falando de outros governantes, vamos falar aquilo que nós temos que falar.”

Eu queria dizer aqui ao nosso amigo Ramez Tebet, que tanto tempo brigou por uma estrada, a BR-158. Esta estrada começa – deixa eu pegar o trecho de onde ela começa – é uma demanda importante deste Estado, e o governo federal já retomou aqui, em Três Lagoas, outra obra inacabada, que é exatamente essa BR, que vai de Três Lagoas a Sevilha, me parece. A obra ficou paralisada 595 dias, do dia 3 de julho de 2002 a 17 de fevereiro deste ano, quando nós a reiniciamos. Nessa rodovia, o único trecho não pavimentado pela BR 158 é no estado do Mato Grosso do Sul. Essa BR começa em Campilândia na fronteira com Goiás e segue em direção a Parnaíba, Aparecida do Taboão, Sevilha e Três Lagoas. Portanto, Senador, eu sei do seu empenho para que essa obra seja acabada, sei do desejo do Governador e, se Deus quiser, nós viremos aqui, também, inaugurar o término dessa estrada tão necessária para o Estado.

Por último, eu queria dizer a vocês que nós vamos inaugurar o aeroporto de Três Rios. Eu queria, aqui, fazer um elogio: o nosso companheiro Carlos



Wilson, que está há apenas 13 meses na presidência da Infraero, mas nesses 13 meses ele, possivelmente, já fez mais do que outros que passaram lá em 13 anos. Inclusive Carlos Wilson, você que não é paulista, é pernambucano como eu, mas eu, que morava em São Paulo, você não sabe o que a gente sofria naquele aeroporto de Congonhas. Todo santo dia nós amaldiçoávamos alguém. E, se Deus quiser, em julho, vamos inaugurar não apenas a reforma do aeroporto, mas aquele estacionamento, porque aquilo era uma coisa bárbara para quem chega lá.

O aeroporto de Santos Dumont. O Rio de Janeiro merece um aeroporto melhor no centro, e o Carlos Wilson está fazendo reforma em quase todos os aeroportos das importantes cidades brasileiras. E em algumas cidades Zeca, inclusive pequenas, que têm aeroporto. O Carlos Wilson está fazendo parceria e vamos colocar este Brasil para funcionar, porque sem portos, sem aeroportos, sem estradas e sem ferrovias, este país não cresce do jeito que nós queremos que cresça.

Quero, também, dizer aos meus companheiros dos Fundos de Pensão que eu fico todo dia torcendo para que os Fundos – que, no Governo anterior, aplicaram grande parte dos milhões que têm em ativos já prontos, participando da compra de empresas estatais que foram privatizadas – agora comecem a investir em algum ativo novo. Eu tenho insistido com os companheiros da Funcef, da Petros e da Previ, que está na hora deles investirem em alguma coisa que signifique criar um novo ativo para que possam gerar riqueza. Obviamente, eu sei da preocupação dos Fundos, porque o dinheiro não é deles. Eles precisam ter rentabilidade para os futuros aposentados. Mas eu acho que nós precisamos garantir que esses Fundos possam aplicar nas ferrovias que precisamos, possam aplicar em habitações que tanto precisamos. É preciso garantir para eles a rentabilidade necessária, porque senão os donos dos Fundos, que são os trabalhadores do Banco do Brasil, da Petrobrás e da Caixa Econômica Federal, mandam a Direção embora.



Nós estamos discutindo isso com muita gente, e eu queria dizer uma coisa que eu tenho dito em todos os lugares: empresário que tiver projeto, eu quero dizer que, no Brasil, não falta dinheiro para financiar projeto. Se alguém disser que não tem financiamento, é porque não tem projeto. Se tiver projeto, não só tem dinheiro como, se não tiver, nós vamos arrumar. Porque nós decidimos que o que faz o dinheiro é um bom projeto. Se alguém tiver um bom projeto, seja ele industrial, seja de ferrovia, de rodovia, não faltará dinheiro para que se faça esses investimentos no Brasil.

Eu tenho feito esse desafio em todos os lugares, porque não é possível que, ao terminar o ano, o BNDES não tenha aplicado todos os recursos que estão disponíveis para que a gente faça as obras que precisam ser feitas no Brasil.

Eu quero, Zeca, lhe dar os parabéns por mais esta termelétrica. E eu falo termelétrica, a Petrobrás escreveu termoelétrica. Nós vamos abrir uma briga agora no meio dos filólogos para ver quem é que está certo, se é termoelétrica ou termelétrica mesmo. De qualquer forma, sendo termoelétrica ou termelétrica, o que importa é que o Mato Grosso do Sul acaba de ganhar mais 240 megas para produzir, para fazer com que este Estado não pare de crescer.

Meus parabéns à Petrobrás, meus parabéns ao companheiro José Eduardo Dutra, meus parabéns à companheira Dilma Rousseff, meus parabéns a você Zeca e meus parabéns a todos vocês.

Muito obrigado.

/rss/vpm



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a bordo do navio aeródromo São Paulo

Vitória-ES, 04 de agosto de 2004

Quero cumprimentar as tripulações dos navios que integram a operação Esquadrex 04, o Navio Aeródromo São Paulo, Fragata Bosisio, Fragata Rademaker, Fragata Defensora, Corveta Inhaúma, Contra-torpedeiro Pará e Navio-Tanque Marajó.

Quero dizer a vocês que esta primeira viagem que eu faço ao porta-aviões São Paulo aumenta o meu orgulho pelo Brasil, pela Marinha brasileira. E quero dizer a vocês que saio daqui convencido que um país que tem as Forças Armadas que nós temos, que tem a Marinha que nós temos e que tem os homens movidos à auto-estima que nós temos precisa ocupar um espaço cada vez maior neste mundo globalizado.

Saio daqui orgulhoso. Saio daqui convencido de que a Marinha brasileira precisa ter o que for necessário para que o Brasil seja um país que possa ter mais orgulho da sua Marinha. E quero dizer a vocês, junto com a minha esposa, junto com o Ministro da Defesa, junto com o comandante Guimarães e outros oficiais, que saio daqui muito mais orgulhoso com a Marinha brasileira.

Meus parabéns e espero, ainda, em dois anos e pouco de mandato, poder visitar outras vezes os equipamentos da Marinha porque eu sei que mais que qualquer outro setor, vocês estão precisando de ajuda para reparar muitas coisas. E o nosso governo tem o compromisso de elaborar um grande plano para que a gente possa reequipar as nossas Forças Armadas e recuperar praticamente 15 anos perdidos no nosso país.

Meus parabéns. Obrigado pelo espetáculo que vocês nos deram.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

Brasília-DF, 04 de agosto de 2004

Eu quero cumprimentar todos os conselheiros, e conselheiras,

Cumprimentar os ministros aqui presentes, alguns não estão aqui porque estão participando da Câmara Econômica, pelo menos devem estar esperando o Furlan e o Guido para irem lá, participar da reunião.

Eu não ia falar, por conta de um compromisso que eu tenho no Rio de Janeiro, mas eu acho que essa reunião é extremamente importante para o momento que estamos vivendo na economia, na política, no mundo do trabalho e eu resolvi, antes de viajar, ter uma conversa com vocês. Habitualmente, eu venho aqui para dar bronca. Hoje, eu venho aqui mais “paz e amor” do que nunca.

Uma das características mais importantes que todo ser humano tem são seus valores. Valores são as lentes da alma. Ajudam a enxergar e agir sobre a realidade. Dogmas, ao contrário, normalmente cegam e imobilizam. Muitas vezes, nos conduzem a impasses.

Digo isso, aqui, porque acredito que o Brasil está diante de acontecimentos referenciais que podem mudar nosso futuro imediato, talvez a nossa própria história de longo curso. Devemos, portanto, enxergá-los em todo o seu significado, com base em nossos valores maiores.

Creio que à luz dos indicadores econômicos de produção, emprego, exportações e renda já disponíveis, podemos dizer com razoável dose de consenso: o Brasil entrou na rota do desenvolvimento.

Livramo-nos da imobilidade recessiva de muitos anos. Estamos em plena travessia. E ela, com certeza, vai nos conduzir a um novo ciclo de descobrimentos das nossas potencialidades adormecidas e de muitas ainda



não testadas.

A verdade, nua e crua, é que o Brasil viveu, nos últimos anos, nos subterrâneos da sua capacidade econômica, alienado de grande parte da sua criatividade política, atrofiado em relação à sua enorme energia social.

Ajustes econômicos, às vezes, são inevitáveis, mas podem cegar se assumem formas de dogmatismo, como ocorreu nos anos de neoliberalismo hegemônico. Após definhar tanto estruturalmente, o Brasil talvez saiba menos do que precisa saber sobre suas próprias capacidades.

Sei que estamos há apenas dezoito meses nessa viagem em busca de um Brasil novo que pulsa dentro desta nação materialmente tolhida e espiritualmente inferiorizada que herdamos, e que, felizmente, já está mudando.

Sei também que é muito difícil enxergar as transformações quando fazemos parte delas. E mais ainda quando optamos, conscientemente, por fazê-las sem estardalhaço nem conflitos desnecessários, negociando e buscando os consensos possíveis com todos os setores da sociedade.

Fora do governo, mas dentro dele também, talvez seja esta a primeira grande oportunidade de respirarmos um pouco do ar saudável do futuro, testando limites e sondando o horizonte além da neblina espessa que prendia o Brasil a um passado de impossibilidades.

Estes primeiros tempos foram muito difíceis e exigiram esforços árduos e sacrifícios do governo e de toda a sociedade. Os resultados estão começando a ser colhidos agora.

E este Conselho teve papel muito importante nesse processo, porque o desenvolvimento se constrói a partir de consensos. E aqui é, e tem sido, um espaço fundamental para que façamos isso.

Para enfrentar a lógica da estagnação em que estávamos confinados, tivemos de remar com o que tínhamos nas mãos. Todos pagaram um preço.

Ainda assim, é daí, dos mais pobres, que partem muitas vezes sinais



firmes do amadurecimento histórico e político da sociedade brasileira, revelando um grau de compreensão de nossos desafios que, não raro, muitas vezes falta a olhares privilegiados e mais imediatistas.

Entendam, pela importância desta reunião e deste Conselho e pelo momento que o nosso país está vivendo, que minhas palavras, em momento algum, não significam um desabafo, significam muito mais que isso, um chamamento. Um chamamento a este Conselho, um chamamento aos trabalhadores e um chamamento à nação brasileira.

Faço-o por acreditar, sinceramente, que o grande tema do desenvolvimento, que se recoloca de modo muito mais concreto a partir de agora, não deve se esgotar nos limites do debate técnico.

Trata-se, sobretudo, de construirmos um novo consenso estratégico nacional. Falo de um entendimento muito bem negociado, de longo prazo, para assegurar que as oportunidades que se abrem para o Brasil não sejam perdidas. Um entendimento que incorpore a grandeza do desafio histórico que está sendo colocado diante desta geração.

Para alcançá-lo, é necessário cada vez mais convergência, baseada em diagnóstico que não desperdice as conquistas acumuladas mas, tampouco, abdique das possibilidades abertas e, principalmente, atenda cada vez mais os clamores do nosso povo, sufocados ao longo da história do Brasil.

Meus amigos e minhas amigas do Conselho,

Pela primeira vez em muitos anos temos um chão relativamente firme para construirmos o amanhã. Creio, na verdade, que temos mais do que isso: temos um consenso básico na sociedade de que é preciso construir o presente e o futuro do Brasil respeitando os nossos valores fundamentais.

As conquistas na economia já são muito palpáveis: avançamos para um superávit comercial recorde este ano, superior a US\$ 30 bilhões de dólares, com saldo já acumulado de US\$ 18 bilhões e 500 milhões de dólares até julho e um ganho inédito em contas correntes, possivelmente, de US\$ 6 bilhões de



dólares até dezembro.

A nossa política externa abre novos caminhos e alarga fronteiras para as exportações brasileiras, como se verificou em relação ao acordo histórico obtido na Organização Mundial do Comércio (OMC) no último fim de semana, em Genebra.

Ele prevê cortes nos subsídios agrícolas dos países ricos, o que poderá elevar em US\$ 10 bilhões de dólares, ou mais, as vendas brasileiras num certo prazo. Aqui, é importante lembrar o que se dizia neste país depois da reunião de Cancún, do fracasso do Brasil, do erro do Brasil, da teimosia do Brasil. Porque não falta, no Brasil, pessoas com mentalidades subalternas, achando que nós precisamos depender das políticas que os países ricos fazem, pessoas que não acreditam que o Brasil tenha autonomia, que tenha competência para fazer o jogo que interessa ao Brasil.

O dado concreto é que aquilo que parecia impossível, há seis meses, aquilo que parecia impossível em todas as teorias escritas neste país está acontecendo. Nós terminaremos o ano com toda a América do Sul participando do Mercosul e nós demos um passo fantástico em Paris, na última semana, para que finalmente os subsídios agrícolas deixem de ser impedimento para o desenvolvimento dos países mais pobres do Planeta.

Isso significa, para vocês terem idéia, um benefício que pode atingir a ordem de 200 bilhões de dólares no comércio agrícola para os países em desenvolvimento e para os países menores. Foi um passo extraordinário, numa demonstração de que quando queremos as coisas e vamos à luta nós conseguimos. Quando nós ficamos esperando que alguém nos dê aquilo que temos direito, não colhemos porque não plantamos e, aí, não adianta ficar reclamando.

Tinha pessoas que diziam que o Brasil não ia conseguir muita coisa se ficasse brigando com os Estados Unidos na sua relação comercial. Ontem me ligou o presidente da Embraer para dizer – para surpresa dos pessimistas –



que o Pentágono fez um acordo para contratar 8 bilhões de dólares em aviões com algumas empresas, das quais a Embraer vai ter uma grande fatia nesses 8 bilhões de dólares.

Uma demonstração de que prevalece uma tese que muitos de vocês têm e que eu tenho: ninguém respeita interlocutor que não se respeita, ninguém respeita interlocutor que ande de cabeça baixa. E o que nós fizemos foi apenas dizer: nós gostamos de nós, nós acreditamos em nós, nós temos direitos e brigamos por eles. E eu acho que os espaços conquistados demonstram que nós estávamos certos. E pretendemos brigar muito mais porque é um campo excepcional.

Estamos, portanto, diante de uma mudança histórica, no nível internacional, tão importante quanto a que buscamos implementar internamente, fazendo, por exemplo, a reforma agrária tranqüila e pacífica, que está avançando cada vez mais, e corrigindo profundamente a estrutura de distribuição de renda do nosso país. O que importa é que estamos numa rota sustentável e vamos avançar com tranqüilidade, com maturidade, sem permitir que a euforia, em algum momento, faça com que saíamos do caminho que traçamos para, definitivamente, colocar o Brasil no rol dos países desenvolvidos.

Eu nasci vendo o Brasil ser um país em vias de desenvolvimento. Depois, eu fiquei adulto vendo o Brasil como um país semi-desenvolvido e, ainda hoje, já estou com 58 anos, e o Brasil continua sendo um país em vias de desenvolvimento. Eu acho que está na hora de nós entrarmos na rota dos países desenvolvidos, definitivamente, e isso não depende de ninguém. Vai depender, única e exclusivamente, de nós. E nós não temos o direito de, como em outros momentos da nossa história, jogarmos fora o alicerce que nós construímos, desmanchá-lo a troco de vaidade, a troco de interesses políticos menores, a troco de disputas menores, ou seja, nós precisamos de um alicerce que dê sustentação a uma boa casa, que signifique garantir que o povo



brasileiro seja o herdeiro, e não o governante que exerce o mandato.

A força e a potencialidade da nossa economia alinha-se, com coragem e soberania, às condições, muitas vezes adversas, do comércio mundial.

E o faz com uma perspectiva estratégica, ampliando também nossas exportações de manufaturados, que agregam valor, empregos e competitividade à indústria do país, impulsionando o desenvolvimento de maneira sólida e permanente.

Entre janeiro e junho, as exportações brasileiras de manufaturados cresceram 25% em volume. Se é isso, você confirma aí, Furlan. Um pouco mais? Tanto melhor. Sempre nivelando por baixo para a gente poder causar surpresa.

Confiamos que isso pode facilitar mudanças estruturais em toda a cadeia produtiva, o que certamente vai contribuir para modificar nossa injusta pirâmide social.

As exportações e importações de manufaturados permitem uma irradiação contínua do progresso tecnológico e espraiam ganhos de renda de forma sustentável em toda a cadeia produtiva.

Essa dinâmica também alcança as pequenas e médias empresas que são geradoras de grande número de empregos e promovem amplamente a inclusão social. É preciso deixar bem claro que não podemos perder essa oportunidade por falta de investimentos ou gargalos de infra-estrutura.

A coordenação entre oportunidades e investimentos tornou-se, portanto, a peça-chave do presente e do futuro. O Brasil só tem a ganhar se logarmos êxito nessa tarefa.

Nas condições atuais, está aqui o nosso ministro Ricardo Berzoini, já podemos garantir que até o mês de julho, os dados vão ser anunciados proximamente pelo Ministro mas, certamente, já ultrapassamos 1 milhão e 200 mil empregos com carteira assinada. O que não é pouca coisa, porque é o maior número desde 1992.



É verdade que em muitos lares ainda temos braços ociosos e que ainda faltam muitas vagas por todo o país. Muitos brasileiros e brasileiras ainda se deitam sem saber como será o seu amanhã, mas este resultado, em termos de empregos com carteira assinada, como eu disse agora, é recorde nos últimos 13 anos, no nosso país.

As fábricas e o comércio estão vendendo mais. Em São Paulo, as vendas da indústria cresceram 22,4% no primeiro semestre. É o melhor primeiro semestre desde 1999. Na região metropolitana paulista o faturamento varejista cresceu 12,5% em junho. Repito: é imperioso que avancemos nessa travessia de modo firme, maduro e tranquilo. Dela dependem não apenas a contabilidade dos negócios, o futuro da economia, mas também o resgate social de milhões de brasileiros e brasileiras.

Meus amigos e minhas amigas do Conselho,

Nenhum vento é bom para quem não sabe onde quer chegar. E nós temos rumo, direção, sentido. Temos o compromisso histórico de chegar num porto seguro que abrigue, com dignidade, todo o nosso povo. Ajudar o Brasil nessa caminhada é o sentido maior deste fórum. Para isso ele foi concebido e começou a funcionar, mesmo antes da minha posse.

Cabe aos senhores e às senhoras, considerando o programa do governo, vasculhar o horizonte, contribuir para coordenar as velas, sugerir rotas, antecipar a navegação. Penso que pelo menos três eixos devam ser considerados nesse sentido: o debate de formulações estratégicas consistentes e atualizadas; a avaliação de políticas e projetos para acelerar os investimentos urgentes; expandir a infra-estrutura pública, elevando a nossa competitividade externa; o estudo de caminhos que façam avançar ainda mais a capacidade de coordenação do destino nacional no mercado globalizado, em parceria com países membros do Mercosul, com o G-20 e demais parceiros de economias em desenvolvimento.

Meus amigos em minhas amigas,



Eu poderia citar Ulysses Guimarães no discurso que ele fez na famosa campanha em 1974, a campanha da resistência, em que ele proferiu uma frase de uma música que talvez seja do Chico, mas cantada pelo Caetano, que dizia: “navegar é preciso”.

Pela primeira vez na história temos, talvez, uma confluência inédita de fatores positivos ao alcance de nossas mãos. Temos vento, leme e as velas. Vamos içar mais alto ainda a nossa coragem e lançarmo-nos ao mar do futuro.

Isso depende única e exclusivamente de cada um de nós. Quando eu digo “cada um de nós”, é cada um dos mais humildes, dos mais pobres ou dos mais ricos dos brasileiros. Nenhuma nação, em nenhum momento histórico, em nenhum lugar do mundo, conseguiu dar passos se o seu povo não acreditou em si próprio: os empresários, os trabalhadores e as donas de casa.

Eu acho que na medida em que todos nós começarmos a utilizar dentro de nós o *slogan* que está numa campanha na televisão, que é uma campanha de resgate da auto-estima do povo brasileiro... Cada um de nós, ao entrarmos numa reunião como esta, e ao sairmos de uma reunião como esta, nós não poderemos ficar reunidos como se fôssemos um grupo de amigos cercados de inimigos por todos os lados. Nós temos que estar aqui nesta reunião como brasileiros e brasileiras, acreditando piamente que do nosso gesto, do nosso trabalho, da nossa decisão, a gente pode fazer o Brasil avançar um pouco mais.

Muitas vezes eu tenho sido duro; muitas vezes tenho cobrado dos empresários; muitas vezes tenho sido duro com os meus companheiros trabalhadores. Mas a verdade é que não há espaço para política pequena neste momento. O que está acontecendo no Brasil, neste momento, é importante para que a gente decida o que nós queremos a partir de amanhã, o que cada um de vocês pode fazer. E vocês podem fazer muito e vão fazer muito mais se cada um colocar dentro de si e na cabeça a frase que termina uma campanha nossa, que diz: “eu sou brasileiro e não desisto nunca”.



Se todos nós formos tomados desse desejo e dessa força interior, certamente, não haverá intriga, não haverá futrica, não haverá eleição que possa breçar, frear o desenvolvimento que este país precisa e deve ter.

Por isso eu quero desejar a vocês boa reunião e que vocês consigam ajudar a iluminar para que o governo possa acertar cada vez mais.

Boa sorte e boa reunião.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Hospital do Idoso.**

Rio Branco, AC, 06 de abril de 2004

Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,
Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,
Meu querido companheiro José Viegas Filho, ministro da Defesa,
Meu caro companheiro Alfredo do Nascimento, ministro dos Transportes.
O Alfredo, para quem não sabe, é ex-prefeito de Manaus, e se afastou
do Governo para ser ministro dos Transportes,
Meu companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento
Agrário,
Minha querida companheira Marisa Letícia,
Meu caro Arnóbio Marques, vice-governador do Acre,
Minha querida Oraida Campos, companheira do nosso saudoso Lauro
Campos,
Meu caro Tião Viana, nosso querido senador do estado do Acre,
Meu caro deputado Sérgio Oliveira, presidente da Assembléia
Legislativa,
Desembargador Samuel Evangelista, presidente em exercício do
Tribunal de Justiça do Acre,
Meus companheiros,
Senador Sibá Machado,
Deputado Henrique Afonso, João Tota, Júnior Betão, Nilson Mourão,
Perpétua Almeida,
Deputado Zico Bronzeado
Senhor Isnard Leite, prefeito de Rio Branco,
Senhores secretários estaduais do Acre,



Meu querido companheiro, Cláudio Langone, secretário-executivo do Meio Ambiente,

Meus companheiros, minhas companheiras,

Minha cara Zélia Barbosa e Silva, presidente da Associação Lírios do Campo,

Dr. José Amsterdam Sandres, diretor da Fundação Hospital Acre,

Meu caro Júlio Barbosa, prefeito de Xapuri,

Meu caro Raimundo,

Companheiros,

Minha querida companheira Isamar,

Minha cara companheira Francisca Mariano,

Meu caro Elpídio. O Elpídio, eu desci no aeroporto e o Jorge Viana me mostrou um vídeo de Elpídio falando bem de mim. Quase que eu acredito, viu Elpídio? Era só elogio!

Meus companheiros e minhas companheiras.

O Acre representa, para mim, um pouco da História de tudo que nós construímos de 1980 para cá. Eu, no começo da nossa trajetória, fiz comício no Acre, acho que com menos de 10 pessoas. Era duro pegar um avião em São Paulo e vir fazer comício em Rio Branco. Mas eu conheci o Acre antes disso. Eu conheço o Acre desde 1979, quando recebi a visita de dois ilustres cidadãos, que me procuraram no Sindicato de São Bernardo para dizer que queriam fundar um tal de partido dos trabalhadores, aqui, no estado do Acre.

Somente depois de muito tempo eu fui descobrir que esses dois cidadãos – um depois mudou de partido, foi para um outro time jogar futebol, jogar política e; o outro morreu como herói nacional – eram o João Maia, que foi o primeiro candidato a deputado federal pelo PT no estado do Acre, e o companheiro Chico Mendes.

A história se torna engraçada porque quando os dois me procuraram, eu



desconfiei que era gente da polícia. Naquele tempo a gente estava sempre com a orelha em pé quando chegava algum estranho querendo discutir política com você. E eu disse para eles: não tem conversa dentro do sindicato, no sindicato eu não converso política (eu já achava que eram da Polícia Federal mesmo), depois das 8 vocês me esperam que eu saio do sindicato e nós vamos a um boteco conversar.

Aí, foi no bar do Gordo – ainda hoje existe perto do sindicato – quando eu tomei consciência de que eram dois companheiros do Acre. O João Maia naquele tempo era assessor da Contag, e o companheiro Chico Mendes era vereador em Xapuri.

Conversamos, eu lhes entreguei umas fichinhas e eles saíram construindo o nosso partido aqui pelo Acre afora. Em 82 quase que a gente elege um deputado federal, não elegemos porque os ricos daquela época evitaram colocar transporte para trazer os trabalhadores rurais para votarem, senão a gente já teria um deputado naquela época, porque aqui, neste estado, o PT nasceu forte, apesar de ser um estado distante do centro nervoso ou político do nosso país.

Mas eu estou aqui, hoje, para dizer para vocês o seguinte: o estado do Acre – eu noto muito as coisas, eu viajo muito o Brasil, e tem alguns estados que me chamam a atenção – é um dos poucos estados do Brasil em que o povo sabe cantar e canta o hino do seu estado com muito orgulho.

Um povo que aprende a cantar o hino do seu estado, significa que está com o estado incrustado no seu coração, na sua consciência, na sua cabeça. Diga-se, por sinal, que o hino do estado do Acre é de excepcional qualidade e todas as vezes em que vim aqui e que cantaram o hino, eu fiquei emocionado porque acho bonito as pessoas saberem cantar o hino da sua cidade, do seu estado, e saberem cantar o hino nacional. Isso demonstra o primeiro compromisso com o meio onde a gente vive, com as coisas que são a razão da nossa existência.



Não poderia deixar de ser diferente hoje, aqui, inaugurando o Hospital para os Idosos, que leva o nome do nosso querido Lauro Campos. Eu sempre disse que um país que não cuida das crianças e um país que não cuida dos idosos, é um país que não tem alma. Quando a gente tem 20 anos de idade, a gente aguenta qualquer tranco, ou seja, qualquer coisa para a gente é brincadeira. Uma febre de 40° para um rapaz de 20 anos, ele pensa que resolve tomando conhaque, mas com uma criança ou uma pessoa de idade, é preciso ter mais cuidado porque as pessoas estão mais fragilizadas, uns no início da vida e outros no fim da vida.

No Brasil, muitas vezes, não se cuidou corretamente do idoso. Eu sei que nós temos muito, mas muito pela frente para que a gente possa dar conta da responsabilidade de um Governo.

Depois de muitos anos de espera, na fila do Senado, nós aprovamos o Estatuto do Idoso, garantindo direitos históricos ao idoso brasileiro, depois de dezenas e dezenas de anos reivindicando. Lógico que entre aprovar e implementar a totalidade, leva um certo tempo.

Recentemente, nós unificamos a data-base para o salário dos aposentados em primeiro de maio, porque os que ganhavam um pouco mais do que um salário mínimo recebiam depois dessa data. Nós, então, juntamos tudo. E agora estamos inaugurando este Hospital. Um hospital de 39 leitos, que parece pequeno, mas nenhuma grande caminhada começa com um passo muito grande, começa com o passo do tamanho das possibilidades das nossas pernas. E nós estamos fazendo. Este é um exemplo que quero dizer às pessoas de terceira idade, aqui, no estado do Acre.

Na medida em que a vida das pessoas vai melhorando, a gente vai vivendo mais. Quando eu nasci, a média de idade do povo brasileiro não deveria ultrapassar 50 anos e, aos 50 e poucos anos de idade, as pessoas morriam. Hoje, a média do povo brasileiro chega a 70 anos. E, se Deus quiser, ela vai chegar a 80, vai chegar a 90 e vai chegar a 100. Na medida em que a



ciência evolua, na medida em que a qualidade de vida das pessoas evolua, a comida melhore de qualidade, o tratamento melhore de qualidade, e o aconchego dentro da casa da gente melhore, certamente a gente vai viver muito mais.

Nós sabemos Tião, e eu dizia muito isso quando era presidente do Sindicato, que, muitas vezes, o companheiro se aposentava depois de 35 anos trabalhando sem parar. E o tédio passava a ser a razão pela qual ele morria mais rápido, ou seja, pelo fato de não ter o que fazer, não ter área de lazer, não ter onde estudar, não ter onde brincar. Eu digo o seguinte: a vida tem que ser um eterno namorar. Nós temos que estar sempre procurando alguma coisa para justificar a nossa passagem pela Terra.

A gente não pode, nunca, se conformar com o que tem. A gente não pode nunca se conformar com as coisas que já conquistou. O ser humano é, por natureza, um ser sempre desejoso de mais. A gente nunca pode se conformar: “estou doente, vou ficar aqui, meio acabrunhado, de cabeça baixa.” Não. Tem que levantar, porque a doença é doida para pegar quem se deixa vencer por ela.

E aí nós temos que fazer o que estamos fazendo, garantindo para vocês o seguinte: no infortúnio de uma doença pegar um idoso, nós temos que ter um lugar adequado para tratá-lo. E eu acho que graças ao trabalho do senador Lauro Campos; graças ao trabalho do nosso querido companheiro Tião Viana; graças à disposição desse menino, Jorge Viana, que trabalha como se fosse um gigante pelo estado do Acre; graças à compreensão do ministro Humberto Costa, estamos inaugurando este Hospital.

Eu me lembro que, quando o Fernando Henrique Cardoso era presidente da República, só tinha dois governadores que colocavam na televisão e na propaganda o dinheiro que o governo federal mandava para cá, era exatamente o governo Jorge Viana, do PT, e o governo Zeca, do PT. Se tem dez mil reais gastos aqui, são cinco do governo federal, cinco do governo



estadual, e, se tiver, tanto do governo municipal. Por quê? Porque ninguém quer fazer propaganda, o que nós queremos é que a informação seja dada corretamente para o povo brasileiro saber quem é que está fazendo as coisas neste país. E isso é apenas uma questão de honestidade.

O governo federal não pode fazer propaganda de uma obra, se tiver dinheiro do estado, sem mencionar o dinheiro que o estado deu. Da mesma forma que o estado não pode fazer propaganda sem dizer quem deu o dinheiro. E o que mais acontece no Brasil, hoje, é isso. E acontecia em todos os governos: Fernando Henrique Cardoso, Itamar, Sarney, os militares, ou seja, as pessoas nunca prestaram contas de quem recebe o dinheiro. Nunca. Às vezes o ministro da Saúde manda fazer uma creche e a inaugura como se fosse uma obra do prefeito. Às vezes o ministro dos Transportes manda fazer uma estrada, inaugura como se fosse do governo estadual. Às vezes você faz um programa de vacinação, o estado dá como se fosse dele e assim por diante.

O povo brasileiro não fica sabendo quem, exatamente, fez as coisas no Brasil, e é por isso que a gente não perde por ser honesto, a gente não perde por ser ético na política e a gente não perde por ter paciência.

Eu me lembro dos comícios que fiz em Xapuri, no tempo em que a gente não tinha nem ilusão de que chegaria à Presidência da República. E eu sou capaz de ter cada palavra guardada na minha cabeça e de dizer que nós vamos cumprir todas elas. E aquelas que não cumprimos não será por falta de vontade, mas por falta de tempo ou por falta de recursos para fazermos aquilo que a gente precisa.

Governar, não é diferente da vida na casa da gente. De vez em quando se inventa um monte de dificuldades, mas governar é exatamente isso. Quando a gente está em casa e recebe o salário, a gente só pode gastar aquilo que recebeu. Se gastar mais do que recebeu, a gente contrai uma dívida. Se a gente contrai uma dívida e não tratar de pagá-la, essa dívida vai aumentando,



e chega um tempo em que a gente perde até aquilo que comprou porque não pode pagar.

Nós pegamos este país com uma dívida praticamente impagável, e todo mundo sabe disso. Todo mundo sabe que nós também tomamos a decisão de não ficar falando dos governos anteriores. Nós temos que olhar para frente e fazer aquilo que nós nos propusemos a fazer com dificuldade ou sem dificuldade. E eu vou dizer uma coisa para vocês: quanto mais dificuldades, mais eu gosto.

Eu sou um homem chegado a desafios, eu acho que se as coisas fossem fáceis, se estivesse tudo pronto, acabado, nós não ganharíamos as eleições. Nós só ganhamos porque o povo brasileiro falou: espera aí! Essa gente governa o Brasil desde que Cabral chegou aqui, há 500 anos. É um tal de diz que diz e a gente está sempre na “pindura”. Vamos experimentar o pião que veio do nosso meio.

É por isso que eu tenho guardado, Elpídio, na minha cabeça, cada compromisso que assumi e, muitas vezes, eu sei da pressa. Todos nós somos apressados. Eu me lembro quando a Marisa me comunicou: “Lula, estou grávida”. Era do meu primeiro filho, o Fábio. Eu fiquei pensando: puxa vida, vou ter que esperar nove meses. Não dá para nascer amanhã não? Mas eu tive que esperar os nove meses.

Governar também é isso. O ano passado foi um ano em que nós comemos o pão que o diabo amassou, plantando, tirando as ervas daninhas que estavam espalhadas pela nossa lavoura. Deixamos o roçado pronto, plantamos e este ano começamos a colher.

Este hospital é um exemplo do primeiro frutinho que nós estamos colhendo no estado do Acre e vamos colher muito. E por que vamos colher muito? Porque nós temos muito mais dinheiro para investir, nós temos mais condições de financiamento e nós temos condições de fazermos muito mais.

Por exemplo, Jorge, nós liberamos em dezembro do ano passado, 1



bilhão e 700 milhões para saneamento básico. Em 2002, Jorge, só para você ter uma idéia, foram liberados 1 bilhão e 400 milhões, só foram contratados 262 milhões e só foram pagos 19. Ou seja, nós, em apenas um ano, liberamos muitas vezes mais, o que começa a dar frutos este ano, porque as pessoas estão fazendo os contratos, as licitações para começarem a produzir. E este ano tem muito mais.

Este ano, só do superávit nós vamos ter 3 bilhões para investir em saneamento básico, coisa que muita gente não fazia há muitos anos no país. É só pegar o secretário de habitação ou de serviços urbanos que ele vai te contar quantos anos o Brasil ficou sem investir corretamente. Entre 1998 e 2001 morreram neste país, 300 mil crianças – está no nosso projeto de Moradia – por doenças causadas pela falta de saneamento básico no Brasil. E por que não se gosta de fazer saneamento básico? Porque saneamento básico, dizem, é enterrar dinheiro, e as pessoas não vêem a obra. Não dá para colocar o nome de um parente no muro, não dá para colocar “viaduto fulano de tal”. Não dá para colocar nome em manilha. A gente colhe o resultado é na qualidade da saúde das nossas crianças, é na qualidade da saúde do nosso povo. E é isso que nós vamos fazer. Da mesma forma que temos muito mais dinheiro para financiar habitação; da mesma forma que temos muito mais dinheiro para financiar projetos. Eu tenho dito para os empresários, quem tiver projeto presente, porque não falta dinheiro para fazer esse país se desenvolver e crescer. Agora, as coisas serão feitas com a maior responsabilidade.

Como este ano é um ano eleitoral, Jorge, é importante ressaltar isso aqui. Este é o ano em que todo mundo se dá ao luxo de falar o que bem entende, e eu acho normal. Como eu falei muito a vida inteira, não reclamo de quem fala. Eu só queria lembrar uma coisa: tem gente que governou este país, nos últimos 30 anos e a grande maioria está no poder ainda, não saiu! Então, já estão no poder há 30 anos. E agora, eles cobram de nós, como se nós pudéssemos fazer, em 500 dias, o que eles não fizeram em 500 anos. Não dá



para fazer com essa rapidez.

Mas do que eles têm medo, na verdade? O Tião Viana está no Senado e sabe as dificuldades que nós temos para aprovar as coisas naquela Casa. É preciso muita conversa. Eu sempre acho que todo ser humano é bom, até que prove o contrário. Mas tem gente que pensa: “Por que votar nas coisas que o Governo manda para cá, se isso vai favorecer o Governo? Por que votar nas coisas que podem mudar o Brasil?” Quantos anos eles passaram para votar a reforma tributária? Nunca votaram. Nós, em sete meses, votamos. Quanto tempo eles passaram para votar a reforma da Previdência? Nunca votaram. Nós votamos. Sabe por que eles não votavam? Porque eles pensavam nas próximas eleições. E nós queremos pensar no Brasil daqui a 20 ou 30 anos. Eu quero saber qual é o Brasil que o meu neto vai herdar, das coisas boas que nós fizemos agora, das coisas que estamos plantando agora.

Eu tenho dito o seguinte: tem gente que não se conforma. Vocês já perceberam quando um jogador está no banco de reserva? Quando ele entra, aquele que sai fica com medo: “Será que ele vai marcar um gol?” O cara jogou 80 minutos, o outro joga só dez, ele fica com medo. Tem gente que não se conforma que a gente faça bem as coisas. Este estado tem, no companheiro Jorge Viana, a maior demonstração disso. Eu sei o quanto esse companheiro foi atacado. Para atacar esse companheiro, até o crime organizado merecia destaque nas primeiras páginas de jornais, metiam o pau. Ou seja, eu sei o que ele passou quando foi prefeito, depois governador. E levou tempo, mas nós somos acostumados a apanhar.

E hoje o povo do Acre pode bater no peito com orgulho e dizer: O Acre já teve muitos governadores, mas nenhum chegou perto da qualidade do companheiro Jorge Viana e do compromisso que o Jorge Viana tem para com esse povo. E eles têm a preocupação de que isso aconteça conosco. Ora, imagina para eles, que governam há 500 anos, de repente, um pernambucano, torneiro mecânico, do PT, fazer mais do que eles. É demais, eles não vão



querer isso, eles vão tentar atazanar a nossa vida. O que nós temos que fazer? Não perder a tranquilidade nunca, ficar sempre tranquilos, sempre de bom humor e ter a certeza do quê? Ter a certeza de que os nossos compromissos não são eminentemente eleitorais, os nossos compromissos com esse povo são compromissos de vida, são compromissos históricos, que não estão apenas na cabeça, estão no nosso sangue. E a inauguração deste Hospital para as pessoas da terceira idade é apenas uma vírgula daquilo que a gente vai poder fazer na Saúde.

Eu ia trazer aqui, Jorge, a gente ia entregar, hoje, 10 ambulâncias, mas é importante confessar que a gente não trouxe porque faltavam alguns equipamentos e não dá para a gente inaugurar a obra inacabada.

No Brasil, existe a mania de se inaugurar uma obra e, depois de três meses, a gente detecta que a obra não está pronta, principalmente quando está chegando o ano eleitoral. Então, nós vamos na Mercedes Benz, buscar 380 das 1.480 ambulâncias que nós vamos distribuir para os municípios, para fazer resgates. São ambulâncias chiques e com muito equipamento.

Eu aprendi com o Joãozinho 30: “quem gosta de miséria é intelectual”. O povo gosta é de coisa boa, o povo gosta de ser bem tratado. Então, eu vou na Mercedes Benz, no dia 26, com o Humberto Costa, receber as primeiras 380 ambulâncias, e depois do dia 26, Jorge, não sei se o Tião Viana vai trazê-las guiando uma atrás da outra mas, de qualquer forma, depois do dia 26, vocês vão receber essas ambulâncias. O Jorge está reivindicando alguma coisa para o Acre que nós vamos cuidar: ele está reivindicando à Superintendência da Polícia Rodoviária, o que eu acho plenamente possível colocar aqui.

Nós vamos ter que trabalhar com carinho porque este estado não pode prescindir de um helicóptero porque senão há desmatamento. O Humberto Costa me mostrou, no avião, que neste plano de ambulância especial vai ter uma ambulância que não é ambulância, é um barco que vai fazer o papel da ambulância para cuidar dos povos ribeirinhos, ou seja, nós vamos fazendo as



coisas na medida do possível.

O que eu quero que vocês façam é o seguinte: nunca deixem de nos cobrar. Se vocês deixarem de cobrar, a gente pensa que tudo está bem. É importante cobrar, é importante reclamar, porque quem quer ser presidente da República tem que ter os ouvidos bem grandes para ouvir o clamor do seu povo.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.

/rss/cms/



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia oficial de inauguração do novo Porto de Cruzeiro do Sul**

Cruzeiro do Sul-AC, 06 de abril de 2004

Se os meus companheiros prefeitos, deputados, senadores, ministros, secretários de Estado e o prefeito da cidade me permitirem, eu gostaria de homenageá-los citando apenas o nome do governador Jorge Viana, para que a gente pudesse ganhar um pouco de tempo. Porque aqui, no Acre, vocês estão no horário de 6h20 da tarde, e nós já estamos no horário de 8h20 da noite. Nós vamos chegar em Brasília às 2h20 da manhã, se sairmos daqui no horário que estamos prevendo sair e, amanhã, já temos reunião às 9 horas.

Eu não posso falar muito, porque a dona Marisa, quando me vê falar muito, fecha a cara e eu tenho que parar de falar logo, para cumprir os horários.

Mas eu quero dizer para vocês da alegria de estar aqui, depois de 14 anos, porque a última vez que eu vim na cidade de Cruzeiro do Sul foi em 1990. E tive a oportunidade de conviver com o povo acreano desde 1979.

A minha relação com o Acre é de muito carinho e respeito, porque quando eu chego num estado em que o povo sabe cantar o seu hino, é porque esse povo tem uma coisinha a mais do que aqueles que não sabem.

E o povo acreano aprendeu, porque este estado nasceu de uma luta muito forte dos acreanos, para que nós pudéssemos transformar isso aqui, primeiro em território brasileiro, depois em estado. E, depois, num estado que tenha um desenvolvimento sustentável, que possa melhorar a qualidade de vida do nosso povo.

E o que nós viemos fazer aqui, hoje, foi exatamente isso. Antes, eu quero lembrar – e o companheiro Jorge falou do campo de futebol, a meninada ficou alegre aí – mas eu quero saber o seguinte: eu quero saber quantos



jogadores o estado do Acre vai produzir para jogar no Corinthians, que está mal das pernas, lá no meu querido estado de São Paulo.

Eu queria dizer algumas coisas para vocês. Vocês sabem que nós estamos há 500 dias, aproximadamente, no Governo. É muito pouco, porque os outros governaram 500 anos, e nós só temos 500 dias.

Entretanto, nós temos consciência, porque convivemos com vocês já há muitos anos, e quando um companheiro como o Jorge Viana ou como os nossos senadores, deputados, ou prefeitos que a gente encontra numa reunião em Brasília, contam para a gente que, às vezes, para um acreano se deslocar de uma cidade para outra leva cinco dias num barquinho; ou, quando o Jorge Viana conta para a gente que aqui, no Porto, o povo tinha que descarregar as cargas subindo num barranco, em condições totalmente desumanas, para ganhar 5 reais a cada tonelada que descarregasse; ou, quando o companheiro Jorge Viana conta para a gente que no estado do Acre não tem pedra e não tem areia da qualidade que necessita, e muitas vezes, tem que importar pedra do estado de Minas Gerais, ou de Manaus, ou de Rondônia, e que, às vezes, essa pedra e essa areia trafegam nesse rio por 40, 30 ou 20 dias até chegar aqui. Muita gente pensa que está ouvindo uma coisa do outro mundo, que isso não é verdadeiro.

Agora, nós temos um ministro dos Transportes que conhece esta área, porque foi prefeito de Manaus durante oito anos – ou melhor, não completou oito anos porque saiu, agora, a meu pedido, para ser ministro dos Transportes – foi superintendente da Suframa e, portanto, conhece bem a região.

Eu acho que nós temos todas as condições de recuperar o tempo perdido nesta região Norte do nosso querido Brasil, que foi tão esquecida pelas autoridades, normalmente, autoridades que só conheciam o Sul do nosso país ou, no máximo, Brasília.

E vocês sabem que a gente não pode fazer tudo de uma vez. Vocês sabem que o Brasil é muito grande, tem muitos problemas. São quase 6 mil



municípios, e a gente vai ter que ir dando um pedacinho para cada um, para que possamos chegar ao final de quatro anos e todos possam estar satisfeitos, porque comeram do bolo que é a riqueza produzida pelo povo brasileiro.

Mas, ao mesmo tempo, temos consciência de que, se todos têm direito, aqueles que estão mais necessitados têm mais direitos e, portanto, têm que ter prioridade.

Hoje, veio comigo o Ministro da Reforma Agrária, para que assinássemos um documento assumindo um compromisso de desapropriar, praticamente, 70 mil hectares, lá em Manuel Urbano, para fazer um assentamento onde as pessoas possam, de forma muito correta, fazer a derrubada da árvore, fazendo um manejo correto, para que outra árvore nasça e para que, daqui a alguns anos, se possa cortar essa outra árvore, sustentar sua família e, assim, conseqüentemente, as gerações futuras sobrevivem às custas de um trabalho responsável.

Da mesma forma, trouxemos aqui o nosso Ministro da Saúde, que veio comigo visitar o Hospital de Hansenianos em Cruzeiro do Sul, para assumir um compromisso de que, até o final do ano que vem, vamos acabar com a hanseníase no país, para que o Brasil saia do rol dos países que ainda mantêm essa doença.

E trouxe comigo também o nosso Almirante Comandante da Marinha. Aliás, eu quero dizer que não poderia ter espetáculo mais bonito do que um barco daquele tamanho para prestar atendimento ao povo do Acre e de Cruzeiro do Sul, pelo menos por três meses por ano. Eu quero agradecer aos oficiais da Marinha, que estão lá, e aos marinheiros pelos bons serviços prestados ao povo do estado do Acre.

E quero dizer para vocês que é muito difícil a gente fazer promessa e, depois, não cumprir. Eu disse ao companheiro Jorge: uma vez, fui a Santarém, no estado do Pará, e os meus companheiros do PT, do PC do B, que estou vendo aí – quero até prestar uma homenagem a todo mundo, mas, em



especial, a esses que estão com as bandeirinhas molhadas e enroladas aí, porque são militantes que, eu diria, desfraldam as suas bandeiras – mas, uma vez, me pegaram, em Santarém. Em Santarém tem o Marco Zero. No Marco Zero, quiseram que eu assumisse o compromisso de construir a famosa estrada Santarém-Cuiabá. Ou seja, havia uma pressão e eu dizia – isso na época de 1989 – “não vou prometer, gente. Esse negócio de a gente ficar prometendo uma coisa ali, outra coisa acolá, depois, a gente ganha e não pode fazer, aí, vão dizer que a gente é mentiroso”.

Eu prefiro ganhar e fazer depois, do que prometer. Não prometi. Perdi a eleição em Santarém não por causa disso. O Collor ganhou as eleições. Já passou o Collor, já passaram dois anos de Itamar, já passaram oito anos de Fernando Henrique Cardoso e eu, que não prometi, sou eu quem vai fazer a BR-163, ligando Santarém ao estado do Mato Grosso.

Da mesma forma, a BR-364. Eu sei da paixão, não paixão por vaidade, mas a paixão pela importância que essa estrada pode ter para o desenvolvimento de todas as cidades por onde ela passa, para o desenvolvimento do estado do Acre, para o desenvolvimento da cidade de Cruzeiro do Sul. Mas seria leviano da minha parte dizer aqui “eu vou fazer, vou acabar e vou inaugurar”, porque vocês sabem que durante oito anos as estradas brasileiras foram abandonadas e, hoje, temos que recuperar, segundo nosso Ministro dos Transportes, praticamente, 52 mil quilômetros de estradas, em que não foi feita sequer a manutenção.

Qual é o compromisso que quero assumir com vocês? Eu não sei se a gente vai conseguir terminar, mas o que quero dizer para vocês é que, pela primeira vez, vocês têm um presidente da República que conhece a situação dessa estrada; que conhece a situação de Cruzeiro do Sul e das cidades vizinhas; e que não mediremos nenhum esforço, ou melhor, não mediremos nenhum sacrifício para que a gente possa fazer o máximo que um presidente da República já fez para que, em quatro anos, a gente meça o quanto a gente



foi capaz de fazer junto com o nosso governador do estado do Acre.

Por último, eu quero dizer para vocês que este terminal do aeroporto é uma coisa que nós estamos fazendo no Brasil inteiro. Hoje, dificilmente tem um lugar no Brasil que não tenha um aeroporto em reforma, porque nós acreditamos no transporte e, ao mesmo tempo, no turismo. E achamos que, quando uma cidade tem um bom aeroporto, e neste aeroporto uma boa sala para as pessoas serem tratadas confortavelmente e armazéns para que a carga seja guardada, essa cidade ganha muito mais importância e muito mais chance de desenvolver-se. Daqui a alguns meses o nosso querido presidente da Infraero, o Carlos Wilson, melhor, daqui a alguns dias, tem que vir aqui, no máximo até o final deste mês, para assinar com o governo do estado e com o prefeito o compromisso de que a Infraero vai fazer, no menor espaço possível, este terminal no aeroporto, para que Cruzeiro do Sul tenha o aeroporto que o seu povo merece.

E eu quero agora, terminar, dando meus parabéns aos estivadores, aqui, deste Porto. É uma coisa humilde, a gente está vendo; eu dizia para o prefeito: “não se incomode com a humildade”, e o Jorge Viana tentava dizer: “não, Presidente, mas é um portinho pequeno”! E eu dizia para o Jorge: “o Porto de Amsterdã e o Porto de Santos também começaram pequenos. Mas um dia começaram. E somente depois que começaram é que eles ficaram grandes”. E nós estamos começando. Começando com uma vantagem, sobretudo, a vantagem de respeito aos estivadores que vão ter uma sala, um escritório, para poder cuidar com carinho do trabalho que eles fazem aqui. E neste Porto, agora, vai poder chegar mais carga, e quem sabe os estivadores vão poder cobrar um pouco mais por tonelada, porque cinco reais está muito barato, realmente, por tonelada. Eu confesso que eu não sei se conseguiria carregar uma tonelada por cinco reais. Talvez eu não conseguisse nem carregar uma tonelada por mais. Mas, de qualquer forma, eu sei que o trabalho de estivador não é trabalho para qualquer um, é trabalho para “cabra mais do que muito



macho”, porque quando chega no fim da noite, o companheiro está com a “cacunda” doendo, de tanto peso que carregou; e ele ainda tem outras tarefas para cumprir e eu espero que as cumpra perfeitamente bem, sobretudo de cuidar das suas crianças para ajudar a companheira, a mulher que fica trabalhando o dia inteiro em casa.

Então, eu quero dizer para vocês, que este dia 6 de abril, é um dia, eu diria, que vai marcar a minha história. Porque eu vim durante 20 anos ao estado do Acre fazer reivindicação. E eu volto, 500 dias depois de assumir a Presidência, não para fazer reivindicações, mas para poder entregar obras prontas, que eram o desejo de todo o povo do estado do Acre.

Meus parabéns ao Prefeito, meus parabéns ao Jorge Viana e meus parabéns ao povo de Cruzeiro do Sul. Que Deus permita que a gente tenha saúde para fazer muito mais do que fizemos até agora.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de reativação da linha do Correio Aéreo Nacional - CAN**

Manuel Urbano-AC, 06 de abril de 2004

Meu caro companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,

Meu caro embaixador José Viegas Filho, ministro da Defesa,

Meu caro companheiro e amigo Alfredo do Nascimento, ministro dos Transportes – para quem não sabe, o Alfredo também conhece muito a região, porque foi prefeito de Manaus até o mês passado, quando assumiu o Ministério,

Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro comandante da Aeronáutica, brigadeiro Luiz Carlos da Silva Bueno,

Meu caro almirante-de-esquadra Roberto Magalhães Carvalho, comandante da Marinha,

Meu querido companheiro senador Sibá Machado,

Nosso querido companheiro Tião Viana, que está aqui presente, neste ato,

Meu caro senador Augusto Botelho,

Meu querido deputado Henrique Afonso,

Deputado João Tota,

Deputado Júnior Betão,

Deputado Nilson Mourão,

Deputada Perpétua Almeida,

Deputado Zico Bronzeado,



Meus queridos companheiros e companheiras secretários estaduais aqui, do Acre,

Senhor Cláudio Langone, secretário-executivo do Ministério do Meio Ambiente,

Senhor Rolf Hackbart, presidente do Incra – Rolf muda esse nome, coloca um “da silva” nesse nome,

Senhor Mâncio Cordeiro, presidente do Banco da Amazônia,

Meu querido Jorge Almeida, prefeito de Manuel Urbano,

Nossos queridos companheiros, deputados estaduais,

Senhora Toinha Vieira, prefeita de Sena Madureira,

Companheiros vereadores e vereadoras,

Companheiros da Aeronáutica,

Companheiras e companheiros médicos que vieram para essa empreitada extraordinária,

Nossos queridos companheiros das Forças Armadas brasileiras, representados, aqui, pela Aeronáutica,

Meus queridos companheiros representantes das nações indígenas no Brasil e no estado do Acre,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu penso que vocês nunca acreditaram que pudesse vir aqui um Presidente da República. Mas, certamente, muitos de vocês pensaram, a vida inteira, que dificilmente um metalúrgico pudesse chegar à Presidência da República do Brasil. E as duas coisas aconteceram.

Em 1990, eu prometi que voltava aqui e voltei, em 2004, como Presidente da República do Brasil, para fazer coisas que muita gente não gosta e não tem o hábito de fazer. Normalmente, o Brasil é pensado a partir das grandes cidades, das grandes metrópoles, onde se concentram os grandes eleitorados brasileiros.



E eu estou aqui para dizer para vocês – fiz questão de trazer a minha mulher junto comigo – de que não há distinção entre crianças, mulheres e homens do nosso Brasil, estejam eles trabalhando no meu gabinete, na Presidência da República, ou estejam eles morando na beira do Rio Purus, em Manuel Urbano. Todos são brasileiros e, portanto, todos merecem o mais dignificante respeito de todos nós.

Eu confesso a vocês que fiquei emocionado na hora em que esse avião pousou aqui. Se alguém for contar isso para um cientista político ou para um militante político da capital, de Brasília, da capital do Rio ou da capital de São Paulo, possivelmente eles não entendam o que estamos fazendo aqui. Possivelmente, eles diriam: “Mas o que vai fazer um presidente da República com um monte de ministros – estão aqui os ministros dos Transportes, da Saúde, da Reforma Agrária, da Defesa; vários senadores, inclusive a nossa companheira de Rondônia, Fátima Cleide, que eu esqueci de citar o nome, porque não estava na nominata; Fátima, é imperdoável, depois, vou conversar com o cerimonial sobre a Fátima Cleide – nesta terra tão distante, numa cidade pequena, na beira do rio Purus, na divisa com o estado do Amazonas, onde os eleitores são poucos? As pessoas não têm noção; possivelmente, quem está habituado a andar perto do aeroporto de Brasília, Santos Dummont; de São Paulo, Congonhas; ou seja, quem vê avião a toda hora não tem a menor noção do que significa um avião da Força Aérea Brasileira passar, uma vez por mês, aqui, nesta cidade, e deixar médico, dentista, quem sabe, deixar outro tipo de atendimento que vocês tanto precisam. E mais: o avião vai passar por nove ou dez cidades, aqui no estado do Acre e, se for preciso, vai levar pessoas daqui para outras cidades, vai levar pessoas para Rio Branco. Muita gente do Brasil não tem a menor dimensão da importância disso.

Muita gente não tem a menor noção porque, muitas vezes, na chamada “grande política”, passa-se o dia inteiro discutindo futricas e mais futricas de grandes cidadãos e cidadãos brasileiros contra outros, ao invés de todos nós



estarmos dedicados a saber onde o povo brasileiro mais precisa de nós e onde poderemos estar para atender a essa gente.

Então, eu fiquei emocionado. Vou ler, aqui, um pronunciamento, para não extrapolar no tempo; a dona Marisa funciona como um relógio, controlando o meu tempo, porque ainda temos duas atividades: vamos visitar um hospital de hansenianos em Cruzeiro do Sul. E depois vamos inaugurar um porto, também em Cruzeiro do Sul e ainda temos que voltar para São Paulo, porque a vida é dura – voltar para Brasília, me desculpem – e temos muita coisa para fazer amanhã.

Mas eu quero dizer para vocês da alegria, do prazer de estar na beira do aeroporto, vendo esse avião pousar aí e saber que, a partir de agora, vocês conquistaram um pouquinho mais de cidadania. E estou feliz também porque agora foi anunciada, pelo nosso companheiro presidente do Incra, a desapropriação de, praticamente, 70 mil hectares, para que façamos um processo de reforma agrária civilizado, respeitando a natureza e fazendo a combinação perfeita entre o desenvolvimento, a produção e o meio ambiente.

As populações de Manuel Urbano, de Cruzeiro do Sul, de Feijó, Tarauacá, Marechal Taumaturgo, Santa Rosa, Jordão, Porto Walter e tantos outros municípios e povoados distantes do Acre – especialmente seus moradores mais antigos – sabem o significado valioso dessas três letras que, juntas, formam a sigla histórica do CAN – o Correio Aéreo Nacional, cuja operação está sendo reativada hoje.

Em vários lugares do país, alguns pensam que se trata apenas de um serviço postal. Mas em quase toda a Amazônia, assim como no Brasil Central e em partes do Nordeste, essas três letras representam bem mais que isso.

Durante décadas, e para milhões de brasileiros, a integração e a solidariedade nacionais viajaram nas asas da Força Aérea Brasileira.

Desde a sua criação, em 1931, até o seu batismo, dez anos depois, o Correio Aéreo Nacional sempre funcionou como um elo fundamental de ligação



do nosso país, a unir distancias, culturas e destinos num mesmo sonho de Nação e de cidadania para todos. Este sonho ainda não se completou.

Exatamente por isso o CAN está de volta. Para milhares de pessoas, filhos e netos dos valorosos Soldados da Borracha que povoaram este recanto do Brasil, o Correio Aéreo ainda representa um elo imprescindível entre extremos de um país desigual.

A retomada dos vôos semanais da FAB vai recuperar os padrões originais do Correio Aéreo. As aeronaves levarão equipes de médicos, dentistas e farmacêuticos para prestar atendimento regular a mais de 100 mil brasileiros dessas linhas.

Além disso, vai assegurar o deslocamento de enfermos a centros especializados. E providenciar o abastecimento e o transporte regular no período crítico das chuvas, de outubro em diante.

Essa é uma obrigação do Estado brasileiro que nunca deveria ter sido abandonada. Nos anos 90, dirigentes que pensavam e agiam como estrangeiros em sua própria terra, decidiram, infelizmente, acabar com o CAN.

Por isso, a volta do Correio Aéreo Nacional é também um símbolo de outro projeto de desenvolvimento nacional, aquele em que o Estado assume a responsabilidade de tornar o progresso um bem comum, e não um privilégio de poucos.

Foi para realizá-lo que tivemos de fazer ajustes e sacrifícios, devolvendo a credibilidade e o fôlego do crescimento ao país. Hoje, o Brasil recuperou espaço para executar um projeto de desenvolvimento nacional que busque a regeneração dos laços sociais, a solidariedade e o equilíbrio entre as regiões.

O Correio Aéreo Nacional é um símbolo dessa agenda. Seus pilotos heróicos muitas vezes arriscam a própria vida para integrar extremos do nosso território à cidadania nacional.

Mas nós viemos aqui também para lançar um novo modelo de reforma agrária, um programa de assentamento florestal que valoriza as



potencialidades regionais e cria as bases de um futuro sustentável para o Acre e para toda a Amazônia.

Vamos começar com 300 famílias, em 66 mil hectares, divididos entre dois núcleos: de Sena Madureira e Rodrigues Alves. Cada família terá a concessão de 200 hectares de florestas, divididos em vinte talhões, para explorar a madeira em sistema de rodízio, permitindo assim a regeneração da mata.

Os assentamentos contarão também com lavouras de subsistência e centros comunitários para facilitar a educação, o atendimento à saúde e o convívio social de seus moradores.

É assim que o Brasil fará uma reforma agrária, e reforma agrária para valer. Não aquela dos anos 70, que jogava pobres no mato para disputar espaço com onça e malária. Tampouco o modelo dos anos 90, cheio de números gordos e resultados muito magros.

Vamos assentar 115 mil famílias no Brasil este ano. E estamos fazendo as coisas com muito cuidado e direito: com crédito, infra-estrutura, respeito e dignidade. Este Governo tem a missão de moralizar o processo da reforma agrária no nosso querido Brasil. Num país pobre e sofrido como o nosso, a reforma agrária não pode ser outra coisa senão sinônimo de paz, produção e equilíbrio social.

É por isso que vamos levar também luz elétrica aos assentamentos. O programa Luz Para Todos está chegando aqui. O Governo já autorizou a Eletronorte a implantar 384 quilômetros de linhas de transmissão que vão beneficiar Sena Madureira, Capixaba, Xapuri, Epitaciolândia e Brasiléia, entre outros municípios.

Nossa meta é levar energia a 12 milhões de brasileiros até 2008; 10 milhões deles na área rural. A região Norte é uma prioridade porque nela vive o maior contingente de brasileiros na escuridão. São 2 milhões e 500 mil pessoas, sendo 62% na área rural. Quarenta e cinco por cento das terras da



Amazônia pertencem à União. O problema da reforma agrária, portanto, não é terra, mas sim infra-estrutura e adequação às vocações regionais para permitir que o assentado produza de forma eficiente e sustentável.

O Acre é um estado de enorme importância para o Brasil, com seus 15 milhões de hectares e quase 90% da mata ainda em pé. Esse patrimônio distingue o Acre no mundo e dá aos seus 600 mil habitantes o privilégio de liderar um novo e promissor mercado: o da produção florestal sustentável.

O fator ecológico aqui não é um discurso, mas um elemento estrutural no processo de desenvolvimento.

E Chico Mendes anteviu esse futuro que agora é o nosso presente. Ele não era contra o progresso, nem contra as estradas. Chico era contra a irracionalidade; era contra a ganância; contra a cobiça; contra a ignorância que destrói a natureza e empobrece homens e mulheres no nosso país. Por isso ele foi assassinado em Xapuri, em 1988.

Por isso também mataram Wilson Pinheiro, em 1980, em Basiléia. Mas nós estamos aqui para dizer que eles tinham razão e para transformar essa razão num projeto de desenvolvimento para a Amazônia e para o Brasil.

A floresta em pé, bem manejada, com certificação de madeira e produção diversificada, vale muito mais que os 630 mil km² de desertos que o lucro cego produziu na Amazônia. Por isso, ela será a base da reforma agrária na Amazônia.

Estamos ampliando o manejo florestal sustentável em mais 11 milhões de hectares até 2007. E pelo menos um terço dessa expansão será feita através de projetos comunitários de base familiar.

A economia é uma ferramenta muito importante na mão do ser humano. Ela pode destruir ou preservar, pode gerar desenvolvimento ou não. Quem tem que escolher o país que queremos e o mundo que desejamos deixar para os nossos filhos somos nós mesmos.



Essa é uma prerrogativa da cidadania: fazer do desenvolvimento uma ponte solidária, que todos possam atravessar em busca de um futuro melhor. É essa ponte que nós viemos fortalecer aqui, hoje. A mesma ponte que o Correio Aéreo Nacional começou a construir nos céus do Brasil em 1941.

Eu quero, antes de terminar, dizer ao companheiro Jorge Viana que só visitei 12 municípios com ele porque, naquele tempo, o estado do Acre só tinha 12 municípios. Se tivesse mais, eu teria visitado, certamente, muito mais municípios.

E quero dizer a vocês, moradores de Manuel Urbano, que feliz o estado que tem os companheiros governantes e representantes no Legislativo, como vocês têm no estado do Acre. Eu acho que poucos estados no Brasil, poucos, sem nenhum menosprezo aos demais estados, podem ter orgulho do governo do Estado como vocês têm que ter do companheiro Jorge Viana.

Eu conheço os três senadores de vocês. E poderia, aqui, pegar o mais antigo deles – embora seja muito jovem – o nosso companheiro Tião Viana, para falar em nome dos outros dois senadores.

Eu penso que poucas vezes – sem nenhum desrespeito a quem já foi senador pelo estado do Acre – na História um estado houve três senadores tão comprometidos com a sua raiz e a sua origem como esses três senadores que vocês elegeram nos últimos anos. Representado por esse companheiro, que foi líder do PT, foi líder do Governo, um companheiro que tem um trabalho que, eu diria, chega quase a ser fanático, em defesa do estado do Acre, sobretudo, para trazer para cá a saúde para o seu povo.

Esse companheiro é Tião Viana. E eu tenho certeza de que os outros senadores não ficarão nem um pouco chateados por eu ter citado apenas o nome do Tião Viana. É porque ele é o mais velho no Senado, já está lá há quase seis anos e se dedicou como jamais alguém se dedicou, na história política do estado do Acre.

E quero terminar dizendo a vocês que outras coisas virão. Estamos



aqui, hoje, inaugurando o Correio Aéreo Nacional e, se Deus quiser, se tudo correr como nós imaginamos que vai correr, acho que, antes de terminar o nosso mandato, vamos inaugurar a estrada que liga Manuel Urbano a Rio Branco.

Muitas vezes, até por necessidade, a gente gasta muito dinheiro em outras coisas e esta parte mais distante vai ficando cada vez mais esquecida. Mas nós temos uma obrigação, pelas nossas ligações históricas, porque não estamos vindo aqui como Presidente ou, tampouco, viemos aqui como candidato. É importante lembrar que, quando vim aqui, eu tinha perdido as eleições de 1989. Portanto, eu deveria ter ficado no meu cantinho, lá em São Paulo, e não ter vindo aqui. Eu vim porque, independentemente de eleição, independentemente de ser Presidente do Brasil ou, independentemente do que aconteça no futuro, todos nós, brasileiros, civis ou militares, temos que ter o mínimo de compromisso para garantir que todos os brasileiros e todas as brasileiras – homens, mulheres e crianças – possam receber aquilo que lhes é de direito pela própria Constituição: saúde, educação, reforma agrária. O direito de ir e vir das pessoas é uma coisa que nós temos que garantir a vocês.

Estamos começando agora e muito mais irá acontecer neste país. Podem ficar certos de que nós não viemos governar o Brasil apenas para esperar os quatro anos passarem. Nós viemos governar o Brasil para mostrar que é possível fazer, em quatro anos, o que muita gente não fez em 40.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês de Manuel Urbano. Parabéns ao governador Jorge Viana. E, sobretudo, parabéns aos nossos companheiros da FAB, por esta empreitada corajosa e que, sem dúvida nenhuma, servirá de orgulho para todos nós, brasileiros.

Até outro dia, se Deus quiser.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com representantes da Federação Nacional dos Jornalistas

Palácio do Planalto, 07 de abril de 2004

Roberto, eu não sei se você e os companheiros e companheiras da imprensa estão percebendo, eu não sabia que era a primeira vez que um presidente da República os recebia. Mas se você olhar nesta Mesa aqui, você vai perceber que com exceção do André – que não foi dirigente sindical –, do Ricardo Kotscho ao Gushiken, todos foram dirigentes sindicais. O Ricardo Kotscho foi, inclusive, da Fenaj, no tempo em que a Fenaj e que o movimento sindical dos jornalistas estavam em processo de ascensão.

Eu, quero dizer a vocês, que fico torcendo para que o movimento sindical, sobretudo, o movimento sindical dos jornalistas, possa recuperar, no menor tempo possível, o prestígio e a representatividade que já teve neste país.

A maioria que está aqui, ou não viveu aquele momento ou era muito criança, mas o movimento sindical dos jornalistas passou um período muito tenebroso quando, em 1975, ressurgiu a partir da eleição do Audalio Dantas para presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Muito mais do que a eleição de Audalio Dantas era o surgimento da quebra de um monopólio de quase 19 anos de conservadores dentro do Sindicato. E aquilo foi um alento extraordinário, porque depois veio uma enxurrada de vitórias de companheiros que eram considerados de esquerda, progressistas, avançados, modernos, no movimento do Sindicato dos Jornalistas. Até que nós tivemos a honra de participar de um processo eleitoral que culminou com a eleição do Castelinho como presidente do Sindicato dos Jornalistas de Brasília e, depois, fomos para Alagoas, com Freitas Neto, que morreu num acidente de avião. Aí fomos para



Pernambuco e para o Rio de Janeiro eleger o Caó.

Tudo isso era uma novidade excepcional na categoria dos jornalistas, até que veio 1979. Eu acho que, naquele momento, as circunstâncias políticas fizeram com que o movimento sindical sofresse um retrocesso muito grande, sobretudo, o movimento sindical ligado à área de jornalismo. Por quê? Porque naquele momento os empresários provaram que era possível fazer jornal sem os jornalistas, ou seja, eu me lembro que eu fui com os jornalistas fazer piquete no Estadão e encontrei os piqueteiros lendo jornal. Eu dizia: “não é possível que você esteja de greve, fazendo piquete, e lendo a notícia do jornal em que você trabalha”.

Eu acho que a partir dali, os jornalistas, foram enfraquecidos, psicologicamente, por causa de uma guerra fratricida, interna. E eu acho que o Davi foi uma vítima daquele processo, porque não se discutiu, politicamente, o momento correto de mudar a linha da greve. Eu sei que nós terminamos e, de lá para cá, tivemos um retrocesso, eu diria, muito grande. Deus queira que vocês estejam, nesse momento, recuperando esse prestígio, porque eu vivi um momento em que alguns, companheiros sindicalistas, em vários estados, me ligavam dizendo que não conseguiam montar uma chapa, porque não tinha jornalista querendo fazer parte da chapa do Sindicato. Ou seja, quando vivemos uma situação dessas, nós chegamos a duas conclusões: primeiro, que não basta ter um curso superior para ter consciência política, ou seja, muitas vezes, você tem um curso superior e desaprende muita coisa na política.

E, segundo, é que os donos dos jornais trabalharam de forma muito forte, de forma muito viva para tentar quebrar a espinha dorsal do jornalismo, ou seja, primeiro com um processo de contratação de jornalistas fora das regras pré-estabelecidas, terceirizados, como pequena empresa. E aí todo mundo sabe que acontece com algumas categorias o que acontece muito com jogador de futebol. Ou seja, imaginem vocês se os jogadores famosos, que fossem para a seleção, resolvessem organizar a categoria dos jogadores para



reivindicar os seus direitos.

Acontece que, quando as pessoas ficam famosas cada uma vai pensando na sua sobrevivência pessoal e o coletivo vai ficando no segundo plano. A Fenaj tem um papel extraordinário.

Eu acho que o que vocês estão reivindicando é possível de ser feito, vocês sabem que vão tomar muito “cacete”, eu não tenho nenhuma preocupação de dizer para vocês que eu acho simpática a idéia de criar um Conselho. É preciso fiscalizar melhor a formação dos nossos jovens, porque o jornalista trabalha com uma coisa muito poderosa que é a caneta e um espaço no jornal. E o que nós, efetivamente, desejamos, enquanto brasileiros, não enquanto Presidente da República, mas enquanto seres humanos, é que ao abrirmos o jornal e lermos uma notícia, ela seja a mais pura verdade conseguida por aquele jornalista e não apenas a intenção do profissional, do dono do jornal ou coisa parecida.

Isso não é bom para quem lê, não é bom para vocês que escrevem, não é bom para o jornal, porque este vai perdendo credibilidade. Eu acho que uma instituição que possa orientar eticamente, profissionalmente e culturalmente, é extremamente importante. É uma coisa que será boa para o futuro da imprensa no Brasil.

Obviamente, alguns irão dizer sempre que isso é intromissão na autonomia, na independência, que estão querendo fazer ingerência. É só pegar os jornalistas de hoje, você vê que é tudo um bando de meninos e meninas muito jovens, ou seja, que eu acho que uma instituição dessa poderia contribuir para fortalecê-los enquanto profissionais. Eles saberiam que teriam um lugar para fazer a sua terapia, com as frustrações de quem sai de manhã para fazer uma matéria, trabalha que nem um condenado, escreve, passa a noite acordado, briga com gente, xinga o Presidente, é xingado pelo Presidente (o presidente nunca xinga) ou seja, vai para casa ou para a redação, escreve um texto, se mata para escrever esse texto, colocando ali os seus anos de



escolaridade, a sua formação política-ideológica e, no dia seguinte, quando lê o jornal, aquilo que escreveu não está lá. Não tem nada mais dolorido do que isso, ou seja, é uma espécie de parir todo santo dia um filho que não aparece com a cara que as pessoas querem.

Alguns, obviamente, vão dizer que isso é intromissão, que isso é ingerência, que isso é uma série de coisas, mas eu acho extremamente importante, porque vai dando seriedade ao comportamento profissional de uma das categorias que, inegavelmente, faz jus ao nome de quarto poder.

De forma que, nós vamos trabalhar com carinho, não sei qual é o critério que o Ricardo vai usar, mas eu acho que era preciso criar uma Comissão para se começar a discutir, para enviar ao Congresso Nacional uma coisa mais ou menos consensual entre líderes, para não transformar uma proposta de categoria numa briga secular, sem fim, com pressão. Eu acho isso extremamente importante.

Por último, quero dizer para vocês que eu estarei torcendo enquanto Presidente, mas, sobretudo, independentemente de ser presidente, para que a categoria volte a ter a pujança que já teve, que volte a ter a força e a representatividade que já teve, porque isso é bom. Isso é bom, sobretudo, porque você tem a universidade jogando uma enxurrada de meninas e meninos todo santo dia na praça para trabalhar. Emprego está cada vez mais difícil, cada vez mais seletivo, cada vez mais proibitivo e, muitas vezes, o jovem não tem sequer forças para levantar a cabeça e falar: essa pauta não é boa, tem outro assunto mais importante no pedaço.

Eu acho que isso não condiz com a grandeza da função do jornalismo, pela sua importância de bem informar a sociedade brasileira. Eu, se fosse o Ricardo Kotscho, no final da minha fala, aqui, teria providenciado um bolo, e a gente cortaria esse bolo em homenagem ao dia, porque hoje é o Dia do Jornalismo, é o Dia Mundial da Saúde e é aniversário da Dona Marisa Letícia da Silva.



Você vê que é um dia tri importante ou quadri importante.

Jornalista: É aniversário do meu filho também.

Presidente: Teu filho também. Então já é penta importante esse dia de hoje.

Então, eu quero dar os parabéns a você e lhes dizer que, enquanto profissionais, nos estados ou aqui em Brasília, muitas vezes vocês fazem queixas de que o Governo não conversa, de que o Governo não quer discutir. Eu falo sempre o seguinte: um presidente da República tem que tomar muito cuidado com cada palavra que fala, porque cada palavra tem uma dimensão, às vezes mais exagerada do que a gente pensa que tem. Mas tem gente que gosta de carregar na importância das coisas que a gente fala.

Nós temos mais dois anos e pouco de mandato e se a gente puder, vai deixar algo que sirva de lição para alguém: é a gente tentar, a partir dessa convivência, a partir dessa relação, estreitar, no que for possível, a relação do Estado com os meios de comunicação, com os profissionais da imprensa, para que haja uma espécie de relação leal. Quando eu digo leal, é a relação em que, em nenhum momento, o Governo deve pedir para um jornalista falar bem dele e, em nenhum momento, um jornalista deve falar mal, simplesmente, porque quer falar mal. Ou seja, se nós todos estivermos em busca da verdade e apenas a verdade nos interessar, todos seremos mais amigos, todos viveremos num país mais tranquilo e todos nós estaremos contribuindo para que a democracia seja definitivamente verdadeira no nosso país.

Por isso meus parabéns aos jornalistas brasileiros pelo seu dia. Parabéns aos nossos companheiros da Fenaj e, particularmente, aos companheiros dirigentes sindicais dos estados. Podem saber que vocês tem um companheiro aqui, na Presidência, que estará torcendo para que consigam ser as entidades mais representativas daquilo que vocês fazem.

Nossa querida ABI precisa voltar também a ter a força que já teve, a



função que já teve. E aí depende muito de vocês, não depende do Governo, não depende dos donos dos jornais, depende, única e exclusivamente, de vocês acreditarem que são uma categoria. E uma categoria não presunçosa, porque começaram a quebrar o jornalista no Brasil, quando se pensou que era possível o gráfico ter um sindicato, o funcionário ter outra coisa, os motoristas terem outra coisa. Ou seja, como é um processo em cadeia, onde um depende do outro, eu confesso a vocês que nunca entendi porque houve essa separação.

Então, eu acho que vocês têm a tarefa de fazer com que a categoria que vocês representam volte a ser uma categoria levada em conta no cenário sindical do nosso país.

Muito obrigado e parabéns!

/rss/cms



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
18ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo**

São Paulo, SP, 15 de abril de 2004

Meu caro governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,
Minha querida companheira Marta Suplicy, prefeita de São Paulo,
Meu caro companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,
Meu caro companheiro Luis Dulci, ministro chefe da Secretaria-Geral da
Presidência da República,

Meu caro Oswaldo Siciliano, presidente da Câmara Brasileira do Livro,
Meu caro Abdala Jamil Abdala, presidente da Franca Feiras,
Senhores parlamentares, deputados federais, estaduais,
Secretários de Estado, secretários municipais,
Produtores, escritores, vendedores e distribuidores de livros do nosso
país,

É com muita alegria – não sabia que é a primeira vez que um presidente da República vem, mas de qualquer forma, na próxima já não será mais – que participo hoje da abertura da 18ª Bienal Internacional do Livro. Um evento que ajuda a divulgar a literatura brasileira e a disseminar o hábito da leitura em nosso país.

Nosso Governo está empenhado na difusão da cultura no Brasil, formulando e executando políticas públicas que reconhecem a arte também como fator de inclusão social e cidadania.

Além de revelar a identidade do nosso povo e a maneira peculiar como encaramos o mundo, a cultura é um importante e dinâmico setor da economia, gerador de emprego e renda.



É inestimável a contribuição dos nossos escritores e escritoras que retratam tão bem a alma do povo brasileiro e a História do nosso país. E enriquecem o imaginário de nossas crianças e jovens com um mundo mesclado de sonhos e realidade.

Todo povo tem fome também de beleza e alegria. O livro, como a música, o cinema, o teatro, o circo e as artes plásticas são alimentos de primeira necessidade da nossa alma.

Esta Bienal é uma festa do livro, uma celebração do prazer da leitura. Aqui se encontram autores e leitores e se dá uma enorme interação da nossa literatura com a de tantos outros países. Quero dar os meus parabéns a todos os seus organizadores porque sei das dificuldades para realizar um evento dessa magnitude.

Um evento que é mais importante ainda porque se realiza num país em que, infelizmente, ainda são poucos os que têm a oportunidade de comprar ou mesmo de ler um livro.

São cinco mil bibliotecas públicas e as estatísticas, como disse a nossa prefeita Marta Suplicy, afirmam que apenas 26 milhões de brasileiros lêem regularmente. Também na literatura reproduz-se o quadro de grave concentração de renda de nosso país: 16% da população brasileira têm em casa mais de 70% dos livros vendidos no mercado.

Desde o início do nosso mandato, manifestamos nossa firme disposição de fortalecer a política cultural e o sistema de educação em nosso país. Inclui-se aí o desejo de democratizar o acesso ao livro e desenvolver efetivamente uma política nacional de livro e leitura.

Sancionamos em outubro do ano passado uma importante e antiga reivindicação do setor: a Lei do Livro – de autoria do senador José Sarney. Essa lei regulamenta todo o setor de produção e distribuição de livros e institui – entre outras coisas – programas de fomento à leitura.



Desde então, o ministério da Cultura está trabalhando para regulamentar essa lei, ouvindo todas as áreas que formam a cadeia produtiva do livro e também outros setores da sociedade interessados na questão da leitura.

O Governo tem um amplo programa de aquisições e distribuição de livros. Por conta disso, o ministério da Educação é considerado o maior cliente do mercado editorial brasileiro. No ano passado o MEC comprou 168 milhões de livros, sendo 115 milhões de livros didáticos. Neste ano de 2004 vamos comprar e distribuir 124 milhões de livros didáticos.

O ministério da Educação, com a compra de livros, é um grande estimulador do mercado editorial, portanto, exerce uma enorme função indutora do emprego e da atividade produtiva do setor.

Vou citar aqui um desses programas coordenados pelo ministério da Educação: o programa “Literatura em minha casa” atende crianças tanto da 4^a como da 8^a séries. Nele, o aluno ganha coleções de livros de literatura e leva-os para casa. Fico imaginando a alegria dos estudantes e de suas famílias quando têm essa pequena oportunidade

Há um outro programa chamado “Casa da Leitura” que é muito especial. São bibliotecas itinerantes instaladas nas casas das pessoas ou em associações de moradores.

O Governo distribui uma espécie de “Mala do Livro” com 154 exemplares e a comunidade passa a freqüentar essa Casa para pegar o livro que quiser. Vamos investir mais de 6 milhões de reais nesse programa e atender três mil e 600 municípios.

Vou aproveitar para destacar também uma ação coordenada pelo ministério da Cultura que tem a parceria dos governos estaduais, municipais, entidades, internacionais, editoras, organizações não-governamentais, empresas, e que merece todo o nosso apoio.

É o programa “Fome de Livro” que vai resgatar a dívida que nosso país possui com os mais de mil municípios que não possuem bibliotecas públicas e,



muitas vezes, não têm sequer livrarias e bancas de jornal. São cerca de 14 milhões de brasileiros que estão, por isso, excluídos do direito de conhecer o mundo através da literatura.

O primeiro levantamento desse Programa indicou que a maior parte desses municípios tem até 20 mil habitantes, possui baixo Índice de Desenvolvimento Humano e um alto índice de analfabetismo.

Até 2006 vamos instalar bibliotecas públicas em todos eles para, finalmente, garantir que esses brasileiros tenham acesso à cultura e à informação. E as primeiras bibliotecas já estarão prontas nos próximos dois meses.

Um povo precisa de direitos, de casa, comida, trabalho, escola e dignidade. Mas precisa ter sempre alma e acreditar no futuro. Precisa de um olhar que o ajude a ver além do horizonte. Por isso, nenhum povo pode prescindir da visão dos seus escritores, artistas e intelectuais.

Meu amigos, minhas amigas, estamos aqui, na 18ª Bienal do Livro, e tanto o governador do estado quanto a prefeita Marta Suplicy, o prefeito de Franca, o querido Gilmar, os escritores, os donos de livrarias, os distribuidores, todos nós sonhamos em produzir cada vez mais livros, cada vez com melhor qualidade, na expectativa de que tenhamos cada vez mais leitores. As estatísticas demonstram que no nosso querido país, 52% das crianças que estão na 5ª série lêem um livro ou um texto e não conseguem interpretá-lo. Se isso é verdade, demonstra que nós precisamos, enquanto governantes deste país, fazer um esforço incomensurável através das secretarias de educação municipais, estaduais e o governo federal, para que o gosto pela leitura seja descoberto pela criança na escola primária, no ensino fundamental.

A leitura, para a criança, é o mesmo que uma esteira para as pessoas da nossa idade. Muita gente coloca até uma esteira no quarto, muitas vezes coloca até na beira da cama pensando: amanhã vou levantar e vou começar a



andar na esteira. Mas todo dia se levanta com uma preguiça desgramada e vai ficando para o dia seguinte.

Isso é como um livro para uma criança que não adquiriu no tempo certo o gosto pela leitura. Não adianta o livro estar na prateleira, não adianta ter apenas a biblioteca ou o livro estar em cima de uma mesa por onde ele toda hora que passa vê.

É preciso que nós tenhamos políticas para garantir que essa criança, no tempo certo e no momento certo, adquira o prazer, o gosto e a fome de leitura. Porque quando ele descobrir, vai acontecer o que acontece conosco numa esteira, a gente levanta cansado, mas quando começa a andar, depois de 20 minutos pega gosto e faz a nossa hora sem reclamar da vida.

Se uma criança, no tempo certo, aprender o gosto pela leitura, certamente vai conseguir passar da leitura da orelha do livro para ler, quem sabe, um livro inteiro, com a mesma sede com que assiste um programa de televisão ou joga um futebol.

É apenas uma questão de educação e a bola não está com ninguém, está conosco. Portanto, nós não temos que reclamar, nós não temos que pedir, nós temos que fazer.

Eu já pedi ao meu ministro Tarso Genro, que nós temos que reparar um erro histórico na educação brasileira, pelo menos dos últimos anos. Quando uma família pobre manda uma criança para a escola, não manda a criança apenas para comer, manda a criança para aprender.

E hoje, se a criança está numa escola e não é exigido dessa criança, nenhum teste para saber se ela está aprendendo; se em nenhum momento ninguém se preocupa em saber se esta criança está aprendendo; se não tem nenhum teste ou nenhuma prova, nós poderemos estar transformando crianças dentro da sala de aula em analfabetos.

Nós vamos instituir, neste país, a prova para as crianças nas escolas de ensino fundamental. Se a criança não estiver aprendendo, nós temos que



descobrir porque não está aprendendo. Se o professor dá uma aula uma vez e a criança não aprende, precisamos descobrir se o defeito está nessa criança; se dá a segunda aula e a criança não entende, precisamos descobrir que defeito há nesta criança, mas se dá a terceira aula e a criança não entende, possivelmente teremos que reciclar e melhor preparar os educadores no nosso país.

E aí nós temos que utilizar todos os mecanismos, porque eu acredito que o Brasil está chegando ao momento de deixar de ser o grande exportador de soja, o grande exportador de grãos, o grande exportador de produtos *in natura* ou de matérias-primas. O nosso país só vai estar incluído neste mundo globalizado de cabeça erguida, em igualdade de condições, quando estivermos exportando, junto com matéria-prima, conhecimento, que é o que vai dar para nós a verdadeira independência.

Muito obrigado e boa sorte.

/rss/cms



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade em comemoração ao Dia do Exército**

QG do Exército, Brasília-DF, 19 de abril de 2004

Excelentíssimo embaixador José Viegas Filho, ministro de Estado da
Defesa,

Excelentíssimo general Francisco Roberto Albuquerque, comandante do
Exército,

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e
sua esposa,

Meus companheiros e companheiras ministros de Estado aqui
presentes,

Minha querida companheira Marisa,

Meus senhores e senhoras agraciados com a medalha da Ordem do
Mérito Militar,

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande orgulho que a Nação brasileira celebra hoje o dia do
nascimento do nosso Exército.

A data que comemoramos evoca o sentimento da nacionalidade que, no
distante 19 de abril de 1648, teve na Batalha de Guararapes uma de suas
primeiras e mais vigorosas manifestações.

Naquele momento, a chamada Insurreição Pernambucana mostrava a
força da união de índios, negros e brancos em prol do objetivo comum de
resistência e de defesa do nosso território. Poucos anos depois, em 1654, o
invasor capitulava. Já nos primeiros tempos da nossa História ficava evidente a
força transformadora da união de todos em defesa de uma causa comum.



O Exército brasileiro traz, em sua própria origem, não apenas a marca profunda do sentido de nacionalidade, mas também um ensinamento fundamental.

Um povo se torna ainda mais forte quando reúne – em um só sentimento e vontade de ação – todas as pessoas que o integram, independentemente de suas origens étnicas, posições sociais, crenças religiosas ou interesses particulares.

As Forças Armadas brasileiras podem orgulhar-se de ser uma expressão viva e abrangente da nossa sociedade.

Em meu discurso de posse como Presidente da República, fiz questão de sublinhar que as Forças Armadas estão irmanadas com o nosso povo – mulheres e homens, mais velhos e mais jovens –, todos com o mesmo propósito de ajudar a conduzir o Brasil ao seu destino histórico de prosperidade e justiça.

É nesse projeto que estamos engajados. Na luta diária, vamos construindo um país melhor. Na luta sem trégua contra séculos de injustiça, vamos transformando a realidade. Somos parceiros – civis e militares – de uma tarefa comum: fazer realidade o sonho de tantas gerações de brasileiros.

A sociedade brasileira confia em suas Forças Armadas. E presta o reconhecimento de sua homenagem ao patriotismo e ao valor cívico com que cada um de seus integrantes – de praças a oficiais – dedica a vida ao cumprimento de sua missão.

Missão de defesa da soberania nacional, da preservação de nossa unidade territorial, da garantia da presença visível do Estado em todos os rincões do nosso vasto país.

Ao falarmos das Forças Armadas, temos sempre em mente que estamos falando de mulheres e homens que, com disciplina e espírito público, servem à Nação brasileira sem medir esforços, com desprendimento e comprometidos sempre com a defesa da Pátria.



A sociedade brasileira tem orgulho dos senhores e das senhoras, e o Estado brasileiro não deixará de traduzir em termos concretos o reconhecimento que sua dedicação e compromisso público tão claramente merecem.

Conheço bem, como Comandante das Forças Armadas, os anseios pessoais e as dificuldades por que passam os militares. No contato permanente com o Ministro da Defesa e com os Comandantes das Forças Singulares, mantenho-me informado sobre os problemas estruturais da Marinha, Exército e Força Aérea.

Por diversas vezes, já me manifestei no sentido de que um país só é forte e respeitado quando tem Forças Armadas compatíveis com a sua estatura econômica e com seu papel na comunidade internacional.

Um tratamento condigno com o elevado serviço que prestam nossas Forças Armadas ao país é de inteira justiça e será assegurado pelo meu Governo.

Tenho o compromisso de garantir o necessário padrão de dignidade de vida aos integrantes das nossas Forças Armadas e às suas famílias.

As suas legítimas aspirações serão contempladas. Trata-se de uma questão de justiça, que o meu Governo tem determinação de atender.

Temos também o compromisso de recuperar a capacidade operativa das nossas Forças Armadas. E vamos fazê-lo no âmbito do processo de retomada do desenvolvimento, avançando no sentido de modernizá-las e melhor equipá-las.

Esse foi um compromisso que anunciei publicamente em 15 de dezembro último por ocasião do almoço de fim de ano com os Oficiais-Generais das Forças Armadas. Reitero-o hoje, aqui, antecipando-lhes que as condições para sua concretização estão ainda mais maduras.

Quero também lhes dizer que já determinei ao ministro das Cidades, Olívio Dutra, e ao presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, que



façam estudos para que possamos viabilizar um programa de financiamento habitacional dirigido diretamente às Forças Armadas. E tenho certeza de que teremos os resultados desse trabalho no mais breve tempo possível.

Senhores ministros,

Senhores oficiais-generais,

Meus amigos e minhas amigas,

O Exército esteve presente ao longo de toda a História da formação e da consolidação do Brasil, na Independência e na República, em ações regionais e distantes, defendendo a unidade nacional e a paz internacional.

Muitas vezes tem sido também indutor do desenvolvimento, levando educação, saúde, cultura e segurança com sua presença solitária em fronteiras distantes do nosso país.

A verdade é que, em toda a atuação do nosso Exército, estão vivas a herança e as lições heróicas de Guararapes. É com esse espírito que chegarei ao final do meu mandato com a mais plena irmanação das nossas Forças Armadas e da sociedade brasileira – pelo bem do Brasil.

Eu quero dizer aos convidados e homenageados de hoje, aos oficiais e aos praças aqui presentes que nesses treze meses de Governo eu aprendi a reconhecer o valor, a lealdade e a dedicação, como têm se comportado as nossas Forças Armadas. Seja nossa Marinha, cuidando da nossa costa marítima ou cuidando dos nossos povos na Amazônia; seja a nossa Aeronáutica reinaugurando o nosso Correio Aéreo Nacional, parado há tanto tempo; ou seja o nosso Exército, cuidando das nossas fronteiras, utilizando o seu batalhão de engenharia para tornar mais eficaz e mais barato as coisas que fazemos no país.

Por isso, eu não poderia faltar nesse dia de hoje. E quero dar os parabéns ao Exército brasileiro, ao nosso país e ao nosso povo, porque podem contar sempre com uma instituição dessa magnitude.

Muito obrigado.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

/rss



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de formatura dos novos diplomatas**

Palácio do Itamaraty, 20 de abril de 2004

Meu querido companheiro embaixador Celso Amorim, ministro de
Relações Exteriores,

Meu querido companheiro, embaixador Samuel Pinheiro Guimarães,
secretário-geral das Relações Exteriores,

Meu caro embaixador João Almino de Souza Filho, diretor do Instituto
Rio Branco,

Minha querida Suzana Moraes,

Embaixadores acreditados junto ao meu Governo,

Senhor ministro Rubem Antonio Corrêa Barbosa, Paraninfo da turma de
2001,

Meu companheiro Marco Aurélio Garcia, assessor especial de política
internacional. Muita gente pergunta porque o Presidente tem que ter um
assessor especial de política internacional, se ele tem o Itamaraty todo como
assessor. Não sei se vocês estão lembrados, no começo se tentou até cizânia
entre o Itamaraty e Marco Aurélio Garcia. E eu sempre disse que quem
adquiriu a experiência política tentando organizar a Secretaria Internacional do
PT durante dez anos e militando com a Esquerda do mundo inteiro nos últimos
15 anos, não poderia, em momento algum, deixar de prestar esses serviços ao
governo brasileiro. E, por isso, o Marco Aurélio tem um papel extremamente
importante na nossa relação internacional, institucional, colaborando com o
companheiro Celso. E a não institucional, fazendo a militância que o Brasil
tanto precisa com os setores da sociedade civil, da América Latina e do mundo.

Minhas queridas e queridos formandos da turma 2001,

Senhores e senhoras familiares dos nossos formandos,



Senhoras e senhoras diplomatas,

Eu vou começar pelo fim. Eu costumo sempre fazer um “improvisosinho”. Mas eu lembro que um dia desses eu chamei o Celso Amorim para conversar, porque eu, toda vez que uma pessoa começa a crescer muito na política, fico com a preocupação de que esse crescimento possa causar ciúmes nos pares que fazem política internacional por esse mundo afora. E eu chamei o Celso e disse a ele: Companheiro Celso, eu acho que, como o Brasil está numa posição muito importante no cenário mundial, é preciso que a gente tenha todo o cuidado para ter o máximo de humildade e de generosidade. Porque, senão, os demônios começam a despertar nas pessoas que fazem política junto conosco e um pouco de ciúmes pode atrapalhar uma belíssima política internacional.

E eu dizia para o Celso: eu sei que você tem muita experiência, é diplomata já há 40 anos, já foi ministro no governo do nosso querido Itamar Franco, mas agora Celso, você não é nem mais diplomata, nem mais um ministro. Você agora é o ministro. E por que “o ministro”? É porque o Brasil ganhou muito mais importância no cenário mundial. É porque o Brasil ganhou muito mais respeitabilidade.

E vocês todos, que se formaram hoje, irão notar isso quando estiverem começando o trabalho de vocês no exterior. E para que a gente ganhe essa respeitabilidade, é preciso que um país do tamanho do Brasil seja cada vez mais generoso com os seus parceiros. E que o Brasil tente todas as vezes que tiver que estabelecer uma ação diplomática, levar em conta a necessidade de juntar parceiros para que a nossa política não seja uma política solitária e, muitas vezes, mal interpretada.

Vocês estão lembrados que depois daquele discurso que fiz aqui, no ano passado, eu penso que nós cumprimos, do ponto de vista da política internacional, mais do que imaginávamos que poderíamos cumprir; que



conseguimos mais intento do que imaginávamos que poderíamos conseguir.

Muita gente pode medir isso apenas pelo volume do crescimento da nossas exportações ou do nosso superávit comercial, mas eu acho que, embora isso seja relevante, não é o principal. O principal é o grau de referência que o nosso país passou a ser junto aos nossos parceiros, seja na América do Sul, na África, no Oriente Médio, e em países importantes como China, Índia, África do Sul, e como a Rússia, que têm, sistematicamente, nos informado que querem estabelecer com o Brasil uma parceria estratégica.

Eu me lembro da nossa embaixadora na Índia. Quando eu fui me despedir dela, ela me falou: “Agora eu acho que as coisas vão melhorar aqui na Índia.” E passado um tempo ela veio para o Brasil e me falou: “Presidente, o senhor não sabe como eu fiquei importante na Índia depois da sua visita.” Um pouco por isso, porque diplomacia tem que ser feita de forma prazerosa. Isso é como um jogador que entra em campo. Todo mundo respeita um jogador que sua a camisa. Ninguém respeita um jogador que faz corpo mole, por melhor que ele seja.

Então, eu penso que suar a camisa em defesa das coisas que nós acreditamos e das políticas definidas pelo Governo, é o que vai tornar a profissão de vocês, muitas vezes distantes da família, muitas vezes solitários, uma coisa prazerosa. É saber que vocês estão fazendo algo porque gostam e porque acreditam. Se não for assim, não vale a pena nem essa nem outra profissão, porque ninguém consegue trabalhar bem contra a sua vontade ou contra os seus próprios prazeres.

Por isso, é uma especial satisfação poder participar, pela segunda vez, dessa celebração do Dia do Diplomata. Repete-se aqui uma tradição de grande importância para o serviço público brasileiro. Ingressa, hoje, no Itamaraty, mais uma geração de jovens diplomatas.

Renova-se uma instituição reconhecida pela excelência dos seus quadros e pela dedicação à sua missão de conduzir a política externa – um dos



pilares do nosso governo – elemento constitutivo de qualquer projeto de desenvolvimento nacional.

Senhoras e senhores, vivemos hoje sob o signo de uma globalização instável e incerta. O quadro internacional nos desafia e obriga a mudar o modelo que produziu vulnerabilidade externa, incerteza, pobreza e estagnação.

É nesse mundo marcado por desigualdades econômicas e sociais, tecnológicas e militares, que queremos construir um país soberano, mais justo e solidário, mais eficiente e próspero. Um Brasil para todos.

Quando me dirigi aos formandos no ano passado, lembrei que nós, brasileiros, muitas vezes não nos damos valor. Por essa razão, nosso país deixou de ter, em muitas ocasiões, a projeção internacional que merece.

Mas afirmei, também, que era decisão firme do meu Governo, utilizar todo o potencial de nossa política externa para fazer do Brasil um país mais respeitado, capaz de defender seus interesses internacionalmente.

Senhoras e senhores, o diálogo tem sido a marca do meu Governo. Isso também se aplica, sobretudo, à nossa política externa. Por meio da negociação e do entendimento, estamos construindo consensos para mudar as relações de força no plano internacional e estabelecer o que chamei de nova geografia econômica-comercial.

Não basta assistir à distância e de forma subordinada aos acontecimentos mundiais, queremos que a nossa voz seja cada vez mais ouvida e respeitada. Estamos dando passos largos nessa direção.

Nossos parceiros reconhecem que o Brasil assumiu o seu peso e sua importância na comunidade das nações. Esse é também o reconhecimento da seriedade de nossos propósitos, da firmeza de nossas posições e da consistência de nossas ações.

Junto com os nossos parceiros, estamos empreendendo uma efetiva reconstrução do Mercosul, correspondente aos sonhos e esperanças que



estiveram em seu nascimento. Continuaremos ativamente a aprofundar nossa integração e a convocar outros países para juntarem-se a nós.

Com o acordo de livre comércio recentemente assinado com a Comunidade Andina, o Mercosul passa a ser cada vez mais o indutor desse processo em escala sul-americana. Todos compreendem e desejam a integração.

Foi essa a mensagem que recolhi das visitas que fizeram a Brasília, os presidentes da América do Sul, ainda no primeiro ano de meu Governo. Estamos ultimando projetos de infra-estrutura, de comunicações e transporte que serão as fundações de uma parceria continental.

São essas as iniciativas que tenho levado a governos e empresários dos países ricos ao convidá-los a acreditar e a investir no futuro de nossa região, mas precisamos fortalecer a nossa união política, social e cultural.

A união solidária entre os países em desenvolvimento deve também prevalecer nas estratégicas negociações em curso na Organização Mundial do Comércio. Ao mesmo tempo em que continuamos enriquecendo nossas relações com os países desenvolvidos, estamos determinados a aprofundar e ampliar a cooperação sul-sul.

A atuação decisiva do Brasil, na constituição do G-20, confirma a capacidade de liderança que estamos demonstrando. Esperamos que a nova dinâmica alcançada nas discussões da rodada de Doha inaugure posições de comércio mais justas, que preservem a capacidade de definir e controlar nosso modelo de desenvolvimento.

Também na Alca, buscamos equilibrar o processo negociador e tornar viável sua conclusão em tempo hábil. Para tanto, o acordo deve corresponder efetivamente ao interesse de todos, abrindo mercados e sem impor restrições indevidas à capacidade de cada país decidir soberanamente sobre suas políticas industriais, tecnológicas, sociais e ambientais.



É com o mesmo ânimo que nos empenhamos para concluir, ainda este ano, um acordo comercial abrangente do Mercosul com a União Européia. Estamos identificando com criatividade, oportunidades e parcerias ainda inexploradas. É esse o sentido do foro trilateral que estabelecemos com a África do Sul e com a Índia.

É essa a mensagem que fundamenta a parceria estratégica que vou aprofundar durante a minha próxima viagem à China. Com esse mesmo espírito é que vou receber o presidente Putin ainda este ano em Brasília.

Não deixarei cair no esquecimento nossa dívida histórica com os patrícios africanos. Estarei retornando à África ainda este ano para passar a presidência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Trata-se de uma oportunidade para reafirmar o especial compromisso do Brasil com essas nações irmãs. Mas também expressei uma visão de nossa política externa que identifica no continente africano, um território cheio de oportunidades para a cooperação econômica e política.

Na visita inédita que fiz ao mundo árabe, lancei as bases de uma associação que também tem raízes históricas e culturais antigas. Na primeira Cúpula da América do Sul e Países Árabes que o Brasil sediará em dezembro próximo, vamos sedimentar uma parceria inovadora e ousada entre as duas regiões.

Senhoras e senhores, o Brasil anunciou sua disposição de integrar a missão das Nações Unidas para restabelecer a paz no Haiti. Mas a responsabilidade da comunidade internacional não pára por aí. O ministro Celso Amorim, quando representante permanente em Nova York, já defendia uma coordenação mais estreita entre o Conselho de Segurança e os órgãos da ONU envolvidos na reconstrução física e na recuperação das instituições políticas e sociais dos países.

O nosso oferecimento para comandar essa missão estará condicionado ao efetivo engajamento da comunidade internacional com a reconstrução do



Haiti. Nossa missão só terá sentido se estiver em estreita sintonia com os países da região.

As tragédias que o Oriente Médio e o Iraque vivem, hoje, reforçam a minha convicção sobre a relevância de uma ordem internacional baseada no direito internacional, no multilateralismo e nas Nações Unidas.

Continuaremos a defender com vigor uma reforma ampla e profunda da Organização, de modo a torná-la mais representativa e mais eficaz. A candidatura do Brasil a um assento permanente no Conselho de Segurança parte dessa convicção. Os recentes e importantes endossos na nossa postulação atestam a legitimidade e força do nosso pleito.

A democratização das relações internacionais que defendemos só será plena em um mundo mais solidário. Essa é a mensagem que tenho levado aos principais fóruns internacionais.

Continuarei a convidar os líderes mundiais a engajarem-se num mutirão para cumprir as metas do milênio, começando pelo combate à fome.

A resposta generosa a meu apelo é motivo de alegria e otimismo. Combater a fome e a pobreza, ainda é o melhor remédio ao desafio de enfrentar o clima de frustração e desesperanças que nutrem a violência e o terrorismo.

Na mesma direção está o meu apelo aos principais chefes de Estado do mundo para que o Fundo Monetário Internacional revide procedimentos obsoletos, que só prejudicam os países em desenvolvimento.

Minhas caras e caros formandos, cada vez mais a política externa ganha espaço no imaginário do cidadão brasileiro. A diplomacia do Brasil democrático deve espelhar a realidade de nossa sociedade, com suas demandas e possibilidades, com suas riquezas e carências.

Somos uma Nação que conseguiu recuperar a confiança e a credibilidade e que reiniciou a retomada do crescimento.

O Itamaraty se distingue por renovar-se permanentemente. Vem



ampliando o diálogo com todas as forças e instituições da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo adquire crescente capacidade técnica para defender nossos direitos e criar oportunidades para o país e seus empresários no exterior.

Para fazer frente a essa necessidade de contínua atualização, adotamos medidas para dotar o Ministério de meios e de uma estrutura administrativa que responda às demandas da nossa ação externa, cada vez mais intensa. Ainda falta muito, mas já fizemos um pouco.

Congratulo-me, por isso, com as medidas que o ministro Celso Amorim e o secretário-geral Samuel Pinheiro Guimarães promoveram para aprimorar as condições de trabalho da Chancelaria. A política externa é como um espelho. Um espelho que reflete a imagem e a auto-estima de um país. Mas é também um espelho quando se reflete o futuro, aquilo que a Nação fará de si mesma.

A política externa do meu Governo espelha e espelhará, cada vez mais, o Brasil confiante e solidário que queremos construir.

Cabe ao diplomata ser o intérprete dessa vontade de mudança e renovação.

Esta é a mensagem de esperança e desafio que quero deixar a vocês. Por isso desejo-lhes toda felicidade na carreira que, hoje, vocês estão iniciando, que sirvam de exemplo para vocês todos, os que honraram e honram a Casa de Rio Branco. Vocês, hoje, não são apenas mais um grupo de diplomatas formados aqui no nosso país; vocês agora serão “os diplomatas”, porque serão muito mais exigidos do que outros que se formaram antes de vocês.

Boa sorte, felicidades, e que Deus abençoe cada um de vocês.

/rss/cms



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do restaurante Prato Cidadão**

Manaus-AM, 22 de abril de 2004

Meu querido amigo e governador do estado do Amazonas, Eduardo Braga e sua esposa, Sandra Braga,

Minha querida companheira Marisa,

Ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento,

Ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff,

Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias,

Companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,

Deputados federais Carlos Souza, Francisco Garcia, Humberto Michilis, Gilberto Ramos e Silas Câmara,

Meus companheiros e companheiras,

Deputado Sinésio,

Desembargador Ubirajara de Moraes, presidente do Poder Judiciário em exercício,

Senhor Luiz Alberto Carijó, prefeito de Manaus,

Deputado estadual Ronildo Braga,

Meus companheiros que trabalham com o programa Fome Zero,

Meus amigos empresários – homenageando o Brian Smith, eu gostaria de homenagear os empresários que assinaram, aqui, o protocolo para a construção de restaurantes,

Meus amigos e minhas amigas,

Durante muitos anos eu maturei, na minha cabeça, a idéia de que a fome só seria combatida, no Brasil, com o vigor que precisa ser combatida, se



nós conseguíssemos transformá-la do problema social que é para um problema político.

E transformar a fome de um problema social para um problema político não é pedir para que os famintos se filiem a um partido político. É fazer com que a sociedade que manda, a que governa, a que come, possa ter sensibilidade para com a questão da fome, que é um direito elementar – previsto em todas as Constituições, no Estatuto dos Direitos Humanos da ONU, na Bíblia e no coração de cada um de nós, que ainda não perdemos o sentido da solidariedade e da fraternidade.

Quando começamos a campanha da fome não faltaram, no Brasil, os incrédulos – aqueles que não acreditam em nada e que não fazem nenhum movimento para que as coisas comecem a acontecer.

Nós começamos com o programa Fome Zero, em março, e no mês de setembro nós já tínhamos atingido 2.300 municípios no Brasil, atendendo 2 milhões e 100 mil famílias. Já tínhamos, pela primeira vez na História do Brasil, assumido a responsabilidade de garantir aos pequenos produtores rurais do semi-árido nordestino – uma das regiões mais pobres do país, e do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, que nós compraríamos toda a produção deles, se não houvesse mercado para venderem os seus produtos.

E, graças ao compromisso que nós assumimos, pela primeira vez o mercado elevou o preço e nós não precisamos comprar, porque os produtores conseguiram vender para os comerciantes, na sua própria cidade.

Da mesma forma, assumimos o compromisso de, nas regiões mais pobres do país, adquirir leite para que pudéssemos garantir uma melhor nutrição para as crianças brasileiras, porque se uma criança tiver problema de alimentação até os seis anos de idade, certamente poderá ficar com seqüelas irreversíveis para o resto da vida.

E nós sabemos que o Programa de combate à fome não é um fim em si mesmo. Ele é um meio, é uma emergência, porque vamos combater a fome,



definitivamente, no dia em que cada homem, cada mulher, no Brasil e no mundo, conseguir ganhar o seu dinheiro às custas do seu trabalho, que é o que dá dignidade a um ser humano, e não políticas compensatórias do Governo.

Entretanto, nós não podemos esperar que a economia volte a crescer e a gerar os empregos como nós queremos, para todos aqueles brasileiros que precisam trabalhar ou comer, porque são, no total, 11 milhões de famílias que não conseguem comer as calorias e as proteínas necessárias para a sua sobrevivência.

Criamos um Programa. A partir de setembro, juntamos o programa Fome Zero com outros programas e criamos o Bolsa Família. E, hoje, posso dizer para vocês que estou orgulhoso porque terminamos, no dia 31 de dezembro do ano passado, com 3 milhões e 615 mil famílias recebendo o Bolsa Família em todo o território nacional.

Agora, no mês de junho, teremos mais 901 mil famílias, que serão escolhidas entre as famílias das regiões metropolitanas do Brasil. Até dezembro, chegaremos a 6 milhões e meio de famílias. E, se Deus quiser, em dezembro de 2006, nós teremos 11 milhões de famílias carentes neste país recebendo o Bolsa Família, para garantir a eles o direito à ração mínima para poder sobreviver.

Para quem come todo dia, toma café, almoça e janta, parece que isso não é nada. Mas, para quem se levanta, de manhã, e vê uma criança pedir um pedaço de pão e não ter para dar ou, chegar o final de semana e ver um monte de filhos agarrados no rabo da saia da mãe pedindo alguma coisa para comer e não ter, sabe que garantir o alimento necessário é importante para que as pessoas possam conquistar outras coisas.

O Bolsa Família transformou, na verdade, a política de transferência de renda no Brasil. Até dois anos atrás, se se somassem todos os programas sociais do Governo anterior – Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Vale Gás – daria, em média, por família, 22 reais por mês. O Bolsa Família está dando,



em média, 73 reais para cada família, três vezes mais do que a família recebia. E, se Deus quiser, vamos criar as condições para fazer mais transferência de renda.

E esta minha presença aqui, além de anunciar que a Petrobrás vai, finalmente, cumprir uma dívida que muitos outros governantes prometeram e não fizeram – que é o gasoduto Urucu-Coari-Manaus, para que a gente possa garantir o desenvolvimento de uma região extraordinária como esta, que não pode ser transformada apenas pelas pessoas de outros países e de outros estados, como se fosse apenas um santuário da Humanidade, intocável, sem levar em conta que aqui tem cinco milhões de homens e mulheres que precisam trabalhar e comer e que essa energia pode nos possibilitar ter um modelo de desenvolvimento sustentável, em que a preservação do meio ambiente passe a ser uma fonte de atração de novos investimentos e para que a Amazônia cresça e dê dignidade aos milhões de homens e mulheres que moram aqui.

Da mesma forma que quando defendemos a manutenção da Zona Franca de Manaus, prorrogando até 2023, era por nunca compreender aqueles que criticavam os benefícios que a Zona Franca de Manaus recebia. Aqueles que criticavam só podem fazer parte daqueles que conhecem o Amazonas apenas pelo mapa, mas que nunca botaram o pé aqui para ver o que a Zona Franca de Manaus trouxe de desenvolvimento para esta região.

E mais ainda. Além da relação extraordinária com o estado do Amazonas e com o nosso governador, agora o Amazonas tem o privilégio de ter um ministro dos Transportes. E vocês sabem que, muitas vezes, um dos problemas do estado do Amazonas e da região Norte é exatamente o direito do escoamento dos produtos e das pessoas aqui desta região. Podem ficar certos, nós estamos apenas há um ano e três meses e meio no Governo, nós sabemos de tudo o que prometemos, sabemos de tudo que podemos fazer e, cada vez mais, estou com a consciência tranqüila e cada vez mais otimista de



que nós vamos cumprir cada uma das coisas que nós prometemos, sem a pressa dos apressados, mas com a cautela de quem sabe que os passos só podem ser dados do tamanho que as nossas pernas alcançam.

E quando nós falamos isso, falamos pelo que estou vendo aqui do palanque. Há algum tempo, era humanamente impossível imaginar que a gente ia ter um conjunto de empresários que fosse se sensibilizar pela campanha de combate à fome. E hoje não é apenas um, são milhares de empresários pelo Brasil afora que assumiram a responsabilidade e entenderam que essa tarefa não é apenas do Estado. E que eles, enquanto pessoas jurídicas ou pessoas físicas, podem fazer alguma para minimizar o sofrimento dos seres humanos aqui.

Uma vez, eu recebi o meu chefe de gabinete dizendo: “tem um tal de Brian Smith, da Cola-Cola, que quer conversar com você sobre restaurante popular”. Eu marquei. Aí, o Brian foi lá, convincente, com o primeiro restaurante inaugurado em Porto Alegre, e disse a mim: “Presidente, em todas as cidades onde a Coca-Cola tiver uma fábrica nós vamos construir um restaurante.” E eu disse ao Brian: todo restaurante que você construir, eu vou lá participar da inauguração – não pela quantidade de gente que vai almoçar, não pela quantidade de pessoas que vão ser atendidas, mas pelo gesto simbólico que gente pode mostrar para outros milhares de empresários – que são tão bons quanto o Brian – como esses companheiros que assinaram aqui o compromisso, e que muitas vezes querem se aproximar e não têm canal de aproximação.

Nós, quando lançamos o programa Fome Zero, sabíamos que a solidariedade e que o “falar com o coração” da nossa gente ainda valem a pena porque nós somos um povo de muito sentimentos.

Eu me lembro, quando fui convidado para o encontro de presidentes dos principais países do mundo, dos 20 principais países do mundo, em Evian, na França, que quando cheguei lá estavam o presidente Bush, o presidente Fox, o



Tony Blair, o Schröder, da Alemanha, os presidentes da Índia, da China, do Japão – aquelas personalidades que eu imaginava que nunca ia encostar perto, afinal de contas, “quem somos nós”, do Brasil... de repente, eu estava ali. E, de repente, eu descobri uma coisa: somente eu poderia falar da fome naquela reunião. De repente, eu descobri que era possível transformar a fome não num problema apenas brasileiro, mas num problema mundial, de países que têm gente que passa mais fome do que o nosso, como muitos países no mundo asiático e no continente africano. E levantei, pela primeira vez, a questão da fome. Estou convocando uma reunião para setembro – já enviei cartas para todos os presidentes dos países do mundo e primeiros-ministros – quando a ONU reabre seus trabalhos, para que possamos aprofundar a questão da fome.

Fiz, em Genebra, uma reunião com o presidente Chirac e o presidente Lagos para discutir que espécie de fundo que nós vamos criar para combater a fome no mundo. E tem vários tipos de fundos.

Por exemplo, nós poderíamos taxar os “paraísos fiscais”; nós poderíamos taxar as exportações de armas; nós poderíamos criar um fundo que, quem sabe, não servisse para dar comida, mas para se investir em desenvolvimento, sobretudo na agricultura, nos países mais pobres do planeta Terra.

A única coisa que eu posso dizer para vocês é que estou feliz de estar inaugurando mais um restaurante. E mais feliz ainda estou, porque fico sabendo que vai ser feito, só para começar, aqui, em Manaus. E fico mais feliz ainda de saber que nós estamos mexendo com mentes e corações de muita gente no mundo, com a questão da fome.

Tenho fé em Deus – temos, ainda, dois anos e sete meses de mandato – todos os presidentes do mundo, agora mesmo, no dia 22, estarão indo para a China e, lá, todos os que participarem comigo vão ter que ouvir falar um pouquinho de fome. Porque todo mundo sabe falar de todos os assuntos, mas



o problema mais grave – que envolve mulheres e crianças, onde inocentes morrem sem ter um jeito de reclamar – que é o direito à comida, essa oportunidade eu não perderei em lugar nenhum do mundo.

Não apenas, companheiro Patrus, porque sou o presidente da República mas porque, antes de tudo, sou um ser humano que aprendeu, desde pequeno, a saber o que é fome. E somente quem passou por isso sabe o que é passar fome.

Por isso, isto virou um compromisso. Aqui, no Brasil, já vamos cuidar. E eu espero que tenhamos forças para convencer outros países do mundo. Tenho pedido ao movimento sindical brasileiro: mandem cartas para todos os sindicatos no mundo, pedindo para que esses sindicatos pressionem os seus governantes; tenho conversado com as ONGs: mandem cartas para todas as ONGs do mundo, pedindo para que elas pressionem os seus governantes; tenho conversado com a igreja católica e com a Igreja evangélica: mandem cartas para todas as Igrejas do mundo para que, em cada lugar, cada um pressione o seu governante, para que a gente possa construir a possibilidade de, um dia, todos nós acordarmos e termos a certeza que todas as pessoas vão tomar café, almoçar e jantar naquele dia.

Muito obrigado.

/mcpro/lrj/vpm



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade de Processamento de Gás Natural de Urucu – UPGN III

Urucu, AM, 22 de abril de 2004

Não estava previsto no protocolo eu fazer nenhum pronunciamento aqui. Mas eu também não poderia deixar de dizer umas palavras, sem citar nenhum dos números que já foram citados pelo José Eduardo Dutra e pela Dilma.

Possivelmente, vocês que estão aqui não tenham, muitas vezes, a dimensão do que significa isso para quem vem de fora. Isto aqui é a demonstração mais inequívoca da diferença entre a teoria e a prática. Ou seja, qualquer grande teórico da USP pode falar o quiser do gás de Urucu, pode colocar no papel. Mas se ele não vier aqui, ele não tem dimensão do que é isso, ou seja, eu, quando subi a escada e vi todos esses homens e mulheres – obviamente que tem menos mulheres – vestidos nessa roupa bonita, eu tive uma sensação do que eu tinha sentido em 1990, quando eu fui à Itália e me convidaram para ir assistir um jogo do Brasil na cidade de Turim.

Eu jamais tinha imaginado entrar em um estádio para assistir uma Copa do Mundo e ver o Brasil jogar. E o Brasil não estava lá dos melhores, o Brasil não estava bem. Mas na hora em que o Brasil entrou em campo eu até esqueci que eu tinha feito críticas a muitos jogadores. E na hora em que toca o Hino Nacional, é uma sensação de orgulho, uma sensação de importância que toma conta da gente. Eu não sabia se eu ia conseguir terminar de assistir ou de ouvir o Hino Nacional.

E quando eu entrei aqui, eu senti a mesma coisa. Eu senti a importância que tem a Petrobrás e seus técnicos, seus funcionários e mais as empresas que trabalham contratadas pela Petrobrás. A importância do que vocês representam para o Brasil.



Muitas vezes, nós, no nosso mundo menor, de vez em quando falamos: nossa, o pessoal da Petrobrás ganha muito bem. Um técnico da Petrobrás ganha muito bem. E nós ficamos apenas analisando quanto a pessoa ganha e não analisamos a importância do trabalho que a pessoa faz para ganhar o tanto que ganha. E eu senti a segunda emoção numa plataforma, lá em Macaé. Ou seja, eu não tinha a menor dimensão do que era aquilo, e quando eu cheguei numa plataforma, eu fiquei um dia inteiro lá. Eu aprendi a dar mais valor a coisas que, até então, eu dava pouca importância.

Chegar aqui, a mil quilômetros de distância de Manaus, no coração da Amazônia, e encontrar uma empresa brasileira produzindo o que vocês estão produzindo, com a qualidade da consciência de preservação que vocês estão tendo, inaugurando uma unidade de processamento de gás, é uma coisa que me deixa orgulhoso.

Vocês podem ter certeza que, se eu já tinha orgulho por tudo que eu conheço deste país, e passei parte da minha vida tentando levantar a auto-estima do nosso povo, eu hoje saio daqui muito mais orgulhoso. E muito mais orgulhoso não apenas porque estamos inaugurando isso, mas pela qualidade do trabalho que vocês prestam, pela riqueza do trabalho e pelo alento que vocês dão a qualquer governante deste país, de que é possível fazer as coisas. Às vezes pode demorar, mas se tiver disposição, não é possível. Há quantos e quantos anos esse povo sonha com esse gasoduto? Há quantos anos? Aqui tem empresários com quem nós conversamos isso há muitos anos atrás. Ou seja, se você ficar sempre dizendo que tem ou não tem dinheiro, você nunca vai conseguir fazer. De vez em quando você tem que botar a cara para apanhar e dizer: “eu vou fazer, independentemente de qualquer coisa.”

Mais importante do que a gente estar aqui, no estado do Amazonas, para assinar um protocolo, será a gente voltar em 2006 para inaugurar o término do gasoduto neste Estado.



Até porque, nós que somos do sul do país, temos que aprender que não dá para a gente ficar apenas dizendo que a Amazônia tem que ser o santuário da Humanidade e não lembrar que aqui moram quase 20 milhões de seres humanos, que têm mulheres e filhos e, portanto, têm o direito de viver condignamente como qualquer outro ser humano neste planeta.

Ao mesmo tempo, nós temos que ter clareza de que se a gente quiser ter um tipo de desenvolvimento sustentável que preserve o meio ambiente, nós temos que ter energia. Sem ela, nós não conseguiremos fazer nada.

Me dizia o governador: a partir do momento em que a gente começar a produzir energia em função do gasoduto, a gente vai, economizar, em 10 anos, 7,5 bilhões de reais, numa demonstração de que a gente não tem apenas que perguntar quanto custa uma obra, mas quanto custa não fazer esta obra no tempo certo.

Portanto, meus companheiros e companheiras, eu já sou um poço de orgulho por ser brasileiro e por ser presidente da República. Eu quero dizer para vocês que eu saio de Urucu, ainda com mais orgulho de ser brasileiro, porque um país que tem homens e mulheres como vocês não tem porque não ser otimista e não tem porque não acreditar no futuro.

Meus parabéns a vocês e que continuem assim, porque o Brasil não pode prescindir de homens e mulheres com vocês.

Obrigado.

/rss/cms



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na
cerimônia de inauguração da nova sede da Prefeitura de São Paulo**

Palácio do Anhangabaú, São Paulo-SP, 25 de janeiro de 2004

Senhoras e senhores,

Não vou fazer um discurso. Apenas não poderia deixar de trazer um abraço de congratulações ao povo de São Paulo, da cidade de São Paulo especialmente, e os parabéns à ilustre prefeita Marta Suplicy pela aquisição deste histórico imóvel, deste prédio maravilhoso que realmente recupera até mesmo aquela auto-estima do povo de São Paulo, quando transfere para este Palácio maravilhoso a sede do Governo municipal.

Meus parabéns, senhora prefeita.

Quero cumprimentar a todas as autoridades aqui presentes. E o faço nas pessoas do ministro José Dirceu, do ministro Antônio Palocci, do ministro Gushiken, do ministro Ricardo Berzoini, do ministro Gilberto Gil, do ministro Olívio Dutra, do ministro Márcio Thomaz Bastos, do ministro Gushiken.

São Paulo. Eu me lembro muito desta região. Agora, quando chegávamos aqui, contei para a ilustre prefeita Marta Suplicy que, há 46 anos, quando nos casamos, eu e Marisa, nos hospedamos neste hotel, que está aqui, em frente. E esta região é familiar para nós, que vínhamos a São Paulo, desde aquele tempo, buscar a força desta cidade em tudo aquilo que fazíamos lá, no interior de Minas Gerais.

De forma que hoje é também um dia de festa para o nosso coração, porque participamos, como jovens ainda, da data em que São Paulo fez 400 anos. E, numa verdadeira dádiva divina, nós estamos participando, aqui, quando São Paulo festeja o seu 450º aniversário. É realmente uma data maravilhosa para a cidade, e que se realiza tendo à frente esta mulher



brasileira de valor, que é Marta Suplicy.

No seu discurso, ela trouxe muitas informações, e informações baseadas em números, que não são parecidos com os de um município. São parecidos com os números de São Paulo, que tem a dimensão de uma verdadeira nação.

De modo que os meus parabéns vão pelo trabalho que realiza, recuperando o Centro e olhando com amor a toda a periferia da cidade.

Impregnado de história, este prédio que hoje se torna sede da Prefeitura de São Paulo, prenuncia para a capital paulista novos tempos de progresso. Para falar de novos tempos de progresso, é imperioso, entretanto, que voltemos nosso pensamento a um tempo que passou.

Aqui, há quase 70 anos, foi plantada a semente do que viria a ser a própria gênese da industrialização e do capitalismo no Brasil. Aqui, se desenvolveu, pela lucidez de um visionário, a maior potência industrial da América Latina de então. E há de ser a lembrança da capacidade empreendedora do conde Francesco Matarazzo, que irá inspirar os novos ocupantes desta Casa na tarefa de administrar uma das maiores metrópoles do planeta.

Eminente e estimada amiga prefeita Marta Suplicy, formulo votos de que, a partir deste novo centro do poder, possa Vossa Excelência continuar oferecendo aos paulistanos sua capacidade, seu amor a esta terra, na busca permanente de fazê-la justa, próspera e humana, digna de seu laborioso povo.

Muito obrigado.

/lrj



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU 192

São Bernardo do Campo-SP, 26 de abril de 2004

Depois eu vou falar do Leão. Eu, antes, quero dizer duas coisas. Este coral que estamos apreciando deve ficar na cabeça de vocês como uma das possibilidades que nós temos para as crianças que em algum momento da sua vida cometeram um delito e que, por isso, vão para as instituições penais. Alguns acham que a palmatória, o cassetete é a solução. Estas meninas e estes meninos são a demonstração de que o carinho vale muito mais que qualquer castigo que se dê às pessoas. É a demonstração de que existem outros caminhos a serem percorridos no nosso Brasil.

E a segunda coisa é com relação ao nosso querido Ben van Schalk, presidente da Mercedes-Benz. Eu quero fazer justiça aqui, porque falar bem de vocês, na frente de vocês, é o que todo mundo espera. Eu estava em Bruxelas, participando de um debate com mais de duzentos empresários de 24 países do mundo e o presidente da Mercedes foi escolhido para falar em nome dos empresários. E eu confesso, Feijóo, que eu não sei se você, o Marinho, o Guiba, ou se o próprio Moisés defenderia tão bem os trabalhadores brasileiros, como o presidente da Mercedes defendeu, naquela reunião.

Foi um pouco do que ele falou aqui, para vocês. Mas uma coisa era ter falado lá. Ou melhor, uma coisa era ter falado aqui, para vocês; outra coisa é ter falado lá para um público, às vezes, sempre preocupado, sempre receoso com o governo do PT, com o Governo do Brasil. E eu acho que as palavras dele foram animadoras, sobretudo para aqueles que pensam que o Brasil é um país atrasado, um país subdesenvolvido, e que o nosso povo não tem competência. Eu acho que o elogio de um dirigente sindical – do Feijóo, do



Marinho e de todos os outros da Comissão de Fábrica, do Tarcísio, do Moisés – é obrigação deles fazer elogio para vocês, até porque se não fizerem elogio, vocês não votam mais neles, depois.

Agora, para o presidente da empresa que, muitas vezes, nem conhece vocês, muitas vezes não sabe o nome da maioria, falar o que ele falou lá, eu confesso que me senti deveras emocionado. Por isso, eu quero cumprimentar-lhe e dar-lhe os parabéns, e pode ficar certo de que esses trabalhadores saberão reconhecer as pessoas que os respeitam. Ninguém perde por respeitar.

Quero cumprimentar os meus ministros,

Humberto Costa, ministro da Saúde,

Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça,

Meu caro Viegas, ministro da Defesa,

O Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,

O Olívio Dutra, ministro das Cidades,

Minha companheira Marisa,

Quero cumprimentar o senador Aloízio Mercadante, líder do Governo no Senado,

O deputado Luizinho, líder do Governo na Câmara,

O companheiro Vicentinho,

O companheiro Devanir Ribeiro,

Quero cumprimentar todos os secretários e secretárias municipais de Saúde que estão aqui,

Quero cumprimentar a secretária de Cultura de São Paulo, Cláudia Costin,

Quero cumprimentar todos os meus companheiros e companheiras, prefeitos aqui da região do ABCD,

Quero cumprimentar o meu companheiro Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos,



O ex-presidente dos metalúrgicos, Jair Menegueli,
O companheiro Moisés, que é o Kojak de vocês aqui,
Quero cumprimentar meu companheiro Tarcísio,
Quero cumprimentar minha querida Tia, que está aqui, a nossa Tia lá do Bar do Sindicato, que tão bem atende a todos nós,

Eu não posso falar o nome de cada companheiro ou companheira para cumprimentar. Eu queria cumprir o meu roteiro, para depois dizer umas palavras. Vou dizer umas palavrinhas aqui.

Hoje, já vi o Zé do Mato, que prometeu me levar um ganso, ele está prometendo isso há muitos anos. Eu não sei de qual zoológico ele vai pegar esse ganso, mas nós vamos ter que vigiar bem, viu Marisa, porque senão nós poderemos “entrar numa gelada” com o meu amigo José do Mato.

Mas estamos aqui, hoje, para cumprir mais um importante compromisso em defesa da saúde da população brasileira: a extensão, para todo o país, do “Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU/192”. Espero que vocês nunca precisem. Serviço médico extraordinário é bom, mas é bom que a gente nunca precise, ou seja, que a gente passe perto sem precisar, porque quando precisa não é muito confortável.

Sempre dei muito valor à idéia de um serviço de saúde que salvasse vidas em situações de urgência. Qualquer um de nós – rico ou pobre – está sujeito a sofrer um acidente ou enfrentar, de repente, risco de morte. É quando precisa de atendimento na hora, onde quer que esteja, antes mesmo de poder ser removido para um pronto-socorro ou hospital.

O SAMU é isso. Um serviço móvel de atendimento pré-hospitalar, que chega rapidamente a qualquer lugar, com equipes capacitadas para salvar vidas.

Para isso, conta tanto com equipes que dão suporte básico – auxiliares e técnicos de enfermagem – atendendo urgências com risco moderado de vida,



como também com equipes de suporte avançado – médicos e enfermeiros – para cuidar dos casos graves.

O SAMU/192, todos sabem, mas não custa repetir, é acionado por uma simples ligação telefônica gratuita para o número 192. Os pedidos de socorro são atendidos em centrais que funcionam 24 horas, sempre com a presença de um médico. É esse profissional que faz a triagem das ocorrências, dando as orientações sobre a urgência de cada caso.

Atualmente, no Brasil, existem apenas 11 desses serviços móveis de atendimento de urgência, criados e mantidos pelos próprios municípios e governos estaduais.

Agora, com a implantação da rede nacional SAMU, o governo federal vai investir e espalhar esse serviço por todo o território nacional.

Hoje, estamos aqui na Mercedes entregando as primeiras unidades do lote de 480 ambulâncias que serão entregues ao Programa até o final de junho.

Até o final do ano, o governo federal vai investir 297 milhões de reais na compra de novos equipamentos, para garantir atendimento de urgência a 118 milhões de pessoas em 1.700 municípios brasileiros.

Esse investimento inclui a instalação de 132 Centrais do SAMU/192, além da compra de 1.480 ambulâncias de atendimento básico e UTIs móveis. Além desses recursos, serão aplicados, anualmente, mais 180 milhões de reais no custeio dos serviços.

Das 1.480 ambulâncias que estão sendo adquiridas este ano, 480 serão entregues a 229 municípios até o final de junho. Esses veículos permitirão a ampliação do atendimento do SAMU/192, de 20 milhões para 65 milhões de habitantes no Brasil.

Até o final de julho, o serviço receberá mais 600 ambulâncias e a capacidade de atendimento subirá para 83 milhões de pessoas em todas as regiões do Brasil.



É preciso enfatizar que o ministério da Saúde utiliza os padrões internacionais de atendimento móvel de urgência, que preconizam uma ambulância básica para cada grupo 100 mil habitantes e uma UTI móvel para cada 500 mil.

Com essa expansão do SAMU que estamos fazendo, vamos criar cerca de 15 mil novos postos de trabalho, diretos e indiretos. Só em termos de empregos diretos, vamos abrir vagas para 3.900 auxiliares de enfermagem, 3.900 motoristas, 2.852 médicos, 1.502 enfermeiros e 1.824 telefonistas.

Quero destacar também que o ministro Humberto Costa assinou, hoje, protocolos de intenções entre os ministérios da Saúde, Justiça e Defesa, para utilização no SAMU de equipamentos da Polícia Rodoviária Federal e da Aeronáutica. O objetivo é integrar helicópteros ao atendimento de urgência e criar um serviço inédito no país: o resgate de urgência aéreo pelo SUS.

Com a escolha certa das prioridades, muito trabalho e fé em Deus, estou convencido de que, ainda este ano, vamos ter mais da metade da nossa população beneficiada pela rede nacional SAMU/192.

Eu quero cumprimentar o companheiro Humberto Costa, porque logo depois da eleição, quando ele tomou posse como ministro, eu disse a ele: Humberto, o que o povo brasileiro mais deseja não é um novo hospital; o que o povo brasileiro mais deseja é que a gente faça funcionar bem, primeiro, as coisas que já existem neste país; segundo, que a gente dê para as pessoas a certeza de que quando elas precisarem, elas vão ter.

Porque é sempre assim: polícia, médico, essas coisas que precisamos, a gente só vê quando não precisa; quando estamos precisando, a gente procura e não existe. Agora, com a implantação do SAMU, eu não tenho dúvida nenhuma – isso não vai salvar a humanidade – mas é, possivelmente, uma das coisas mais extraordinárias já feitas na área da saúde brasileira.

Aqui tem muita gente que sabe o que é carregar um parente doente dentro de um carro e, às vezes, ver esse parente morrer dentro do carro. Aqui,



tem muita gente que sabe o que é levar uma mulher grávida, e ela dar à luz dentro de um carro, porque passa-se 40, 50, 60 minutos, até muito mais dentro de um carro, no trânsito de uma cidade grande.

Agora, com o SAMU – vocês viram o que o Ministro falou, nas cidades em que foi aplicado, aqui, na capital de São Paulo por exemplo, o atendimento caiu de 40 minutos para 12 minutos e, certamente, pode ser muito mais rápido; e, mesmo assim, em algumas dessas cidades as pessoas terão praticamente um tratamento médico de primeiríssima qualidade, porque elas estão preparadas para isso.

Por isso, Humberto, meus parabéns. Você hoje dá um passo extraordinário para copiar dos países desenvolvidos aquilo que eles têm de melhor e não aquilo que eles têm de pior. Meus parabéns, espero poder estar aqui na entrega de outras ambulâncias.

Agora, o que vocês querem ouvir mesmo?

Companheiros, primeiro, não vou tomar muito o tempo de vocês. Até porque depois dos elogios que o presidente da Mercedes fez, vocês vão ter que trabalhar, porque o mundo agora está de olho nos trabalhadores da Mercedes-Benz.

Esse negócio de Imposto de Renda é uma inquietação que nós temos há muito tempo na nossa vida, no Sindicato, e eu fico feliz que o Sindicato dos Metalúrgicos resolva colocar o Imposto de Renda como uma bandeira a ser defendida pelos trabalhadores que pagam impostos.

Eu vejo concretizada, com essa reivindicação de vocês, uma coisa que eu venho dizendo nos últimos dez anos: que o Sindicato precisa parar de ser eminentemente economicista, de reivindicar 10% de aumento de salário e depois não se importar quando se está discutindo o Imposto de Renda no Congresso Nacional; quando se está discutindo política tributária; quando se está discutindo outras leis que parecem não ter nenhum interesse direto para a



classe trabalhadora. Mas é ela, a classe trabalhadora, que é a beneficiada ou a prejudicada com determinada lei.

Da mesma forma, eu acho que o Sindicato dá passos importantes quando começa a se preocupar com o salário-mínimo. Não era coisa de sindicatos se preocupar com salário-mínimo, até porque os trabalhadores representados pelos sindicatos dos metalúrgicos, a grande e imensa maioria não ganha mais o salário-mínimo. Então, o salário-mínimo ficou para um grupo chamado “categoria inorganizada”.

Eu, durante 20 anos da minha vida, fiz críticas dizendo que a gente fazia um discurso no Dia 1º de Maio sobre o salário-mínimo e depois só íamos falar no outro 1º de Maio. E não era porque os dirigentes sindicais não eram bons não, é porque ninguém ganha um salário-mínimo aqui na Mercedes-Benz, então, o salário-mínimo não pode ser a preocupação de quem ganha mais. A preocupação de vocês, hoje, é muito mais Imposto de Renda. E por quê? Porque vocês fazem parte de uma minoria, no Brasil, que não passa de oito milhões e meio de brasileiros, que paga Imposto de Renda. De 176 milhões, apenas 8 milhões paga Imposto de Renda. São muito poucas as pessoas que pagam. Mas a culpa é que, no Brasil, não houve distribuição de renda durante muitos anos, e a grande maioria do povo ficou marginalizada do processo de pagar Imposto de Renda.

Então, eu quero dizer que são privilegiados aqueles que podem pagar Imposto de Renda, porque ganham um pouco mais. Todo mundo que ganha um salário-mínimo adoraria ganhar o que os metalúrgicos ganham, para pagar Imposto de Renda. Todo mundo. Podem ficar certos que todo mundo que não paga Imposto de Renda gostaria de ganhar um pouco mais para pagar. Se o percentual e a alíquota colocada no salário é muito alta, aí são “outros quinhentos”, que nós poderemos resolver.

Eu, de vez em quando, encontro um companheiro que fala assim para mim: “puxa vida, esse ano eu paguei vinte paus de Imposto de Renda”. Aí o



cara que está do lado fica falando: “nossa, você pagou tanto, eu não paguei nada.” O cara que não pagou nada, no mínimo, deve ganhar cem vezes menos do que o que pagou. Então, o que nós precisamos discutir é a justiça da alíquota, que há muitos anos se reivindica que seja reajustada, pelo menos para cumprir aquilo que é a taxa de inflação.

O Feijóo me entregou um documento, uma reivindicação dos metalúrgicos que vale não apenas para eles. Essa reivindicação vale para toda a classe média brasileira assalariada, para toda a classe média brasileira que recebe contra-cheque. No final do mês, a redução da alíquota vai incidir diretamente nessas pessoas.

Eu disse ao Feijóo: eu sei que vocês têm uma passeata no dia 30, aqui pela Via Anchieta. E eu disse a ele que eu espero ter uma boa notícia para ele, até a sexta-feira, na hora que vocês começarem a passeata porque, quem sabe, a gente evite que vocês andem. Mas se não conseguir, é bom vocês andarem, porque eu estou vendo muito companheiro metalúrgico com a barriga grande aí. Andar um pouco não vai fazer mal para ninguém. Mas eu quero ver se a gente resolve isso, porque essas frases que vocês estão colocando aí: “salário não é renda”, eu disse isso a minha vida inteira. Eu não estou vendo essa frase aqui, agora, esse cartaz. Eu disse isso a vida inteira e, portanto, nós temos que delimitar qual é o salário que paga e qual é o que não paga Imposto de Renda. Muitas vezes, um trabalhador faz 30 horas extras e o pouquinho que ele ganha a mais fica no Imposto de Renda. Eu acho que é uma forma injusta de taxar a parte da sociedade que vive de salário.

Agora, obviamente, nós temos que compreender que as coisas não são tão fáceis, porque quando a gente manda um projeto de lei para o Senado, pedindo para aumentar a alíquota de quem ganha muito, para que eles paguem até mais do que 27,5 não tem respaldo. Então, é preciso que a gente consiga força para fazer com que haja, efetivamente, uma política justa de Imposto de Renda. Aqueles que ganham muito, têm que pagar muito; aqueles



que ganham mais ou menos, pagam mais ou menos; aqueles que ganham pouco não pagam Imposto de Renda.

Eu acho que nós haveremos de encontrar uma solução e eu espero que o Feijóo possa ter, na próxima sexta-feira, uma boa notícia para vocês.

Estou vendo também companheiros com a “camiseta do salário-mínimo.” Vejam que engraçado, Feijóo, olha a arapuca em que você me colocou, aqui. De um lado tem a turma de trás, de bonezinho azul, pedindo justiça para reduzir a alíquota do Imposto de Renda; de outro lado tem, aqui na frente, a turma de branco pedindo mais aumento de salário-mínimo; ou seja, eu reduzo o que o Estado ganha e aumento a despesa. Vamos fazer um acordo aqui, porque isso vale para mim e para vocês; isso vale para a conta que vocês fazem na casa de vocês: se vocês têm que gastar dez e só recebem oito, vão ter que diminuir o número de gastos.

A verdade, Feijóo, é que nós temos um problema com relação ao salário-mínimo no Brasil, que não é uma coisa tão tranqüila para resolver. A iniciativa privada não teria nenhum problema em pagar o salário-mínimo, até porque muitas empresas já pagam mais que um salário-mínimo.

Onde é que está o nó do salário-mínimo? É na Previdência Social. E onde é que está o nó da Previdência? Eu fui a um encontro com três mil prefeitos de cidades pequenas. Muitos prefeitos, aqui, estavam presentes e a grande reivindicação dos prefeitos dessas cidades era não aumentar o salário-mínimo, senão eles teriam que mandar os trabalhadores embora.

Na Previdência Social – está aqui o nosso querido Aloízio Mercadante – 10 reais que a gente aumente no salário-mínimo, significam 3 bilhões de reais, num prazo de 12 meses.

Temos uma Previdência que tem um passivo, Feijóo, de 200 bilhões de reais, ou seja, há 200 bilhões de reais a receber e nós não podemos fazer nada, porque está na Justiça; temos que esperar a decisão da Justiça porque não há como o Poder Executivo ou o Poder Legislativo impor ao Poder



Judiciário uma decisão. Ele é um poder autônomo.

Da mesma forma, companheiro Feijó, não estava previsto no orçamento deste ano e nós vamos ter que pagar 12 bilhões e 400 milhões de reais, por conta da URV. Quando foi implantada a URV, alguns milhares de aposentados entraram com uma ação e essa ação saiu este ano.

Ou seja, são 12 bilhões e 400 milhões que não estavam no orçamento da União e que a gente agora vai ter que se virar para encontrar um jeito de pagar, porque é decisão judicial e nós não temos como descumprir uma decisão do Poder Judiciário.

Então, eu fico pensando como, às vezes, as coisas não são tão fáceis como a gente gostaria que fossem. Se eu tivesse que decretar um salário-mínimo para a Mercedes-Benz, eu poderia decretar um salário-mínimo de uns 600 reais, que a Mercedes Benz já paga um piso maior do que isso e poderia pagar; ou, para outra empresa.

Para uma empresa média poderia dar um piso de 400, 450 reais que as empresas poderiam pagar. Até porque muitas já pagam isso. Agora, o nosso problema é um problema de receita e despesa de verdade. Eu propus ao Ministro da Previdência Social que constituísse uma comissão de especialistas envolvendo inclusive a Receita Federal e a Advocacia-Geral da União, para a gente ver qual a possibilidade que nós temos de transformar esse passivo da Previdência Social num ativo, para que a gente possa ter dinheiro para melhorar a questão da Previdência Social e, sobretudo, o salário-mínimo.

Da mesma forma, que nós estamos pensando, Feijó, em estudar com carinho a questão do salário-família, porque eu não sei se vocês perceberam que na Constituição diz que o salário-mínimo deve permitir a um trabalhador e à sua família viverem condignamente.

Acontece que, hoje, se um trabalhador tem quatro filhos, ou se é solteiro, o salário-mínimo é igual. Então, nós estamos discutindo qual a possibilidade de podermos fazer mudanças, para que possamos atender, pelo menos em parte,



aqueles que têm mais filhos, para que o salário-mínimo deles seja familiar e não pessoal.

Essas coisas não estão definidas. Até quarta-feira eu vou tomar uma decisão sobre a questão do salário-mínimo e espero tomar uma decisão sobre a questão da alíquota do Imposto de Renda e outras decisões importantes. Eu sei que vocês têm outra reivindicação importante, que eu estou vendo ali naquela faixa, está escrito ali: “contratações emergenciais.”

Eu discuti com o Marinho, na última sexta-feira, essa questão das contratações emergenciais. No Brasil, nós temos algumas experiências de frentes de serviço.

Quem é nordestino, aqui, como eu, sabe que em toda época de seca, eles pegam uns trabalhadores para tirarem a terra de um lado e colocarem do outro; no ano seguinte, devolvem a terra para o outro lado e no ano seguinte... ou seja, é uma frente de trabalho que no ano passado estava a 30 reais por mês, o que é uma vergonha. O grande desafio que está colocado para nós é tentar resolver de uma vez por todas a questão do desemprego no Brasil e, para resolver essa questão, a economia brasileira precisa começar a crescer em números muito mais auspiciosos do que aqueles que nós estamos imaginando.

Até porque nós temos um problema sério, hoje, concentrado nas grandes regiões metropolitanas do nosso país. Quem for para o interior de São Paulo, com exceção de Campinas ou outra cidade do porte de Campinas ou, quem for para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Goiás, vai perceber que o problema do emprego está muito mais forte na capital do que no interior, onde as possibilidades têm se apresentado melhores; possivelmente, porque mais empresas tenham sido abertas no interior, em detrimento das capitais.

Nós estamos pensando em fazer um grande investimento, e foi orientado ao nosso ministro Olívio Dutra que todo dinheiro para investimento em saneamento básico e habitação – sobretudo a parte do Ministério, mas



também a parte que a Caixa Econômica Federal tem, que são 8,5 bilhões para financiar a habitação – que seja dada prioridade às grandes regiões metropolitanas, tendo como critérios o desemprego e a violência, para ver se conseguimos resolver esses dois problemas, que são cruciais.

Ao mesmo tempo nós pretendemos anunciar, também na quarta-feira, se der certo – as Forças Armadas Brasileiras este ano iriam chamar 50 mil recrutas – e nós propusemos ao ministro da Defesa e aos comandantes das Forças Armadas, que ao invés de 50 mil, que eles requisitem 100 mil, desde que o critério seja pegar também os nossos adolescentes – nos grandes centros urbanos, onde o clima é mais tenso, onde o narcotráfico tem mais poder de influência e captação de jovens – para que esses jovens possam servir um ano nas Forças Armadas Brasileiras, mas servir de forma diferente, em que ao mesmo tempo que prestem o serviço militar, aprendam uma profissão, para que saiam das Forças Armadas já com a possibilidade de ter uma chance de emprego.

E eu sei que isso vai ser um benefício extraordinário, sobretudo, nos grandes centros urbanos das regiões mais nervosas de cada cidade. E estamos discutindo também a possibilidade, junto ao ministério da Defesa – em parceria com o Sesi, com o Senai, com o Sebrae, com o Sesc – para ver se a própria estrutura das Forças Armadas pode ter mais cem mil jovens, não para servir, de farda, mas para que dentro da estrutura das Forças Armadas possam aprender uma profissão; eu não estou preocupado apenas com a formação profissional, eu estou preocupado, também, com a formação do homem, porque hoje há um processo de desagregação na estrutura familiar conduzida pela pobreza, pela falta de oportunidade, em que o pai briga com mãe, o filho briga com pai e o pai briga com filho, não há respeito, e o jovem fica violento.

Então, nós queremos que essa criança aprenda um pouco de civismo, que essa criança aprenda um pouco de respeito hierárquico pelos seus pais, que essa criança aprenda a gostar deste país, que descubra que vai ter uma



oportunidade na vida que não pode jogar fora. Essa não é uma tarefa fácil, é uma tarefa infinitamente difícil. E, possivelmente, já compreende a importância dela quem tem um filho de 18 anos em casa, desempregado, na frente da uma televisão o dia inteiro, sem ter o que fazer. Então, nós vamos tentar cuidar disso, Feijóo, com carinho.

Estamos mandando para o Congresso Nacional, Feijóo, uma mudança na lei do Primeiro Emprego. E porque estamos fazendo uma mudança? Porque do jeito que nós mandamos a primeira vez, nós pensamos como sindicalistas, e mandamos uma lei em que a gente dizia que o empresário não podia mandar um outro trabalhador embora. Significa que a lei está bonita, perfeita, mas o empresário não contratou ninguém. Por quê? Porque ele não quer assumir o compromisso de que ele não pode mandar ninguém embora. E se precisar mandar embora? Então, nós estamos mandando uma mudança na lei, para ver se a gente consegue fazer com que o Primeiro Emprego seja uma mola propulsora para despertar o sonho na juventude brasileira.

Eu estou certo que essas medidas vão ajudar, mais o investimento que estamos fazendo em habitação e saneamento básico, mais a quantidade de dinheiro no BNDES – 35% dos recursos do BNDES serão canalizados para as micro e pequenas empresas.

O Banco do Brasil saiu de 11 bilhões para 18 bilhões para microcrédito, para ver se a gente consegue colocar em circulação os recursos necessários para gerar os empregos que nós queremos, já que a pequena e a micro empresa são grandes geradoras de emprego neste país. E, ainda esta semana, devemos anunciar o mesmo que foi feito para os metalúrgicos. Nós vamos anunciar empréstimos para os 19 milhões de aposentados – através da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil – descontados em folha, para que eles possam pagar, no máximo em 1,75% ou 2,20%, dependendo do banco.

Isso é pouco? É pouco, na verdade, não é nenhuma salvação, mas é



para evitar que os nossos velhinhos, muitas vezes, peguem o seu relógio para ir penhorar na Caixa Econômica Federal, para comprar um remédio.

Da mesma forma, o Humberto falou, uma coisa muito importante que vai acontecer no Brasil é a farmácia popular, com 89 tipos de remédios – aqueles remédios que as pessoas tomam de forma continuada, Tia, que nem você, que precisa tomar remédio todo dia para não dar um “piripaque”. Parte desse remédio as pessoas vão poder comprar a 50% do preço que encontram nas farmácias. As farmácias populares serão criadas em alguns lugares importantes, nos grandes centros urbanos, em primeiro lugar.

E, depois, uma outra coisa importante, Feijóo, que é a primeira vez que acontece na História do Brasil: nós estamos criando, no Brasil, 400 centros de saúde bucal. São centros especializados que vão fazer desde a correção dos dentes, a tratamento de canal, prótese, porque no Brasil a unha do dedão do pé era tratada como uma questão de saúde pública, mas a boca não.

Todo mundo aqui se lembra que, quando eu era presidente do Sindicato ainda, lá para os idos de 1976, a minha briga com a indústria automobilística era que eles faziam convênios com empresas prestadoras de assistência médica e não colocavam odontologia dentro do plano. Por quê? Porque, na verdade, dente doendo é coisa de pobre. Rico não tem problema de dente. É o pobre que tem dor de dente, é o pobre que coloca cachaça, coloca álcool, alguns até bebem um pouquinho para dizer que vai curar a dor de dente.

Mas, de qualquer forma, são coisas importantes que nós estamos fazendo e nós temos certeza que os frutos já começam a aparecer.

Eu queria terminar, já que nós falamos tanto de saúde, dizendo uma coisa para vocês: eu estou hoje, um ano depois de ter vindo aqui, muito mais otimista do que eu estive, da outra vez. Da outra vez nós ainda tínhamos pouco conhecimento de como funcionavam as entranhas da máquina pública e as dificuldades.

Hoje, nós já conhecemos o labirinto da máquina pública e as



potencialidades do Brasil. Vocês sabem que nós dedicamos um ano e que, possivelmente, muitos de vocês até fizeram críticas a mim porque viajava demais. Mas era preciso recuperar coisas que este país tinha perdido, chamadas “credibilidade” e “respeito”.

Hoje, eu posso dizer que o Brasil nunca foi tão respeitado no mundo como é hoje. Consolidamos a América do Sul, talvez até dezembro tenhamos toda a América do Sul dentro do Mercosul. Consolidamos uma parceria estratégica entre África do Sul, Índia e Brasil.

Dia 22 de maio estarei viajando para a China para consolidar, possivelmente, a mais forte aliança do Brasil com a China. Em dezembro estarei recebendo, aqui, o presidente da Rússia, para que a gente possa consolidar uma aliança forte, porque a Rússia é nossa parceira estratégica e compra carne dos Estados Unidos, não compra carne brasileira. É preciso comprar o nosso produto.

Estamos consolidando uma aliança da União Européia com o Mercosul. Depois disso feito, eu posso dizer para vocês que a Alca sairá exatamente do ponto de vista do interesse da América do Sul. A Alca sairá do tamanho que os países da América do Sul entenderem que ela deva sair.

Agora, Feijóo, tem uma briga maior. Primeiro porque eu tenho consciência das coisas que nós temos que fazer pela frente e quando eu digo para vocês que eu estou otimista, é porque quando eu tomei posse – já que eu estou falando aqui do SAMU – a impressão que eu tinha e todos que fazem economia sabem, é que o Brasil estava numa UTI.

Muitos até imaginavam que nós não seríamos capazes de tirar o país da UTI. Hoje, eu posso dizer que este país, que estava na UTI, já está andando nos corredores do hospital e posso dizer que a cada momento que eu tiver dificuldade de fazer uma coisa, não terei nenhum problema em ligar para você e falar: Feijóo, eu quero fazer uma assembléia com a peñozada do ABC, para poder não apenas pegar energia positiva, mas para discutir com franqueza o



que nós temos que fazer com o nosso país.

Nós sabemos que temos tudo para fazer, até porque é muito difícil consertar 500 anos em 500 dias. É muito difícil, e vocês sabem disso. Vocês precisam dormir, todo santo dia, com a certeza – inclusive você, Rafael, que está aí coçando o queixo – vocês têm que dormir, todo santo dia, com a certeza que eu vou dormir sonhando em concretizar cada coisa que o povo brasileiro acredita que nós vamos concretizar.

Até porque foi por causa do país que eu fui eleito. Se o Brasil estivesse bom, eu não seria eleito presidente da República. Eu só fui eleito porque o povo percebeu que era preciso mais que um presidente da República, que era preciso um companheiro, ao invés de um presidente. Era preciso alguém que tivesse o sentimento do povo brasileiro, para poder mudar.

E estejam certos que nós vamos mudar. E eu espero voltar aqui, brevemente, vai ter mais ambulâncias, e para aquele companheiro que está com a faixa ali, “salário não é renda” poder dizer: “Obrigado, companheiro Lula. Obrigado, companheiro Feijóo, porque vocês resolveram o problema de o Leão não morder mais o meu bolso”.

Muito obrigado, gente, e até outro dia, se Deus quiser.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura da MP de criação do Conselho Nacional e da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial e assinatura do projeto de lei de Inovação

Brasília-DF, 28 de abril de 2004

Meus companheiros ministros de Estado presentes nesta reunião,
Meu caro Marinho, presidente da Central Única dos Trabalhadores, representando os sindicalistas brasileiros que participam do Conselho,
Meu caro Armando Monteiro, presidente da CNI,
Empresários,
Cientistas,
Senadores e deputados aqui presentes,
Meus caros Silvano Gianni e Paulo Okamoto, representando o Sebrae,
Parceiros que irão construir, junto conosco, esta política industrial,
Meus amigos e minhas amigas,

Inovação é a palavra-chave do vocabulário econômico no nosso tempo. Se quisermos ganhar mais mercados, gerar empregos e consolidar empresas líderes, temos que incorporá-la ao idioma produtivo nacional, credenciando o Brasil para investir cada vez mais em produtos diferenciados, de alto valor agregado, com marcas próprias, reconhecidas e fortes.

Tenho dito, mais de uma vez, que se voltasse ao chão de fábrica, provavelmente teria que passar antes pelos bancos do Senai, para reaprender princípios de uma operação industrial em permanente estado de mutação.

O mesmo vale para empresários, para suas empresas, parques industriais e nações inteiras. Quem não se adequar à velocidade da renovação



tecnológica terá muito pouco espaço no amanhã. Não se trata de um fatalismo, ou uma nova panacéia.

O Brasil tem uma história de luta pelo desenvolvimento. Não é uma economia que se alinha de forma passiva às oscilações internacionais. Dispomos de uma estrutura empresarial ampla e sofisticada. Temos centros de pesquisa de excelência e um parque fabril maduro.

O mercado brasileiro tem peso significativo e um gigantesco potencial, que distingue nosso país como um protagonista competitivo no cenário internacional. Mas, se isso nos dá responsabilidades inerentes a um projeto próprio, nem por isso nos autoriza a ignorar os ares do mundo.

O último ciclo de expansão da economia nacional, encerrado no final dos anos 70, deu-se sob relativa estabilidade do padrão tecnológico. O novo padrão hegemônico é a inovação constante e acelerada.

Em 2003, o Brasil registrou 221 patentes internacionais. A Índia mobilizou o triplo de registros nesse período. A China, duas vezes mais que a Índia.

Nenhum país em desenvolvimento conseguirá dominar todo o espectro da cadeia industrial. Mas é absolutamente certo que economias com a dimensão da nossa têm que se credenciar para absorver, melhorar e produzir tecnologia em várias frentes.

Temos um imperativo associado ao potencial dos nossos recursos e à escala das nossas demandas: não podemos renunciar a um projeto próprio de desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Nos anos 90, o Brasil cometeu o erro de achar que estávamos condenados a não ter acesso às bases tecnológicas do progresso. Restaria ao Brasil o papel de um importador tecnológico dependente, subordinado e caudatário.



Nem todas as nações em desenvolvimento modularam seu futuro pelo mesmo conformismo. Naquele período, vários países em desenvolvimento registraram saltos de padrão tecnológico associados a uma substancial redução da pobreza. Tornaram-se, enfim, protagonistas soberanos de seu futuro. A Coréia do Sul é um caso. Em 1980, exibia níveis de renda similares ao nosso. Hoje, a renda é três vezes maior que a nossa.

O que nos faltou nesse percurso foram as escolhas estratégicas, o senso de responsabilidade pública, o investimento em inovação técnica. Em resumo: uma determinação emancipadora, que explica também, em grande parte, o salto chinês e o caso da Índia. Temos condições de recuperar o terreno perdido no campo tecnológico.

Desde que assumi, apesar das notórias dificuldades do país, passamos a tomar as decisões necessárias, mobilizamos os recursos adequados e estamos trilhando caminhos impulsionadores de um crescimento mais rápido e consistente.

E é disso que se trata aqui. Demos um passo fundamental há menos de um mês. Superamos o preconceito que havia contra a formulação de uma política industrial brasileira.

Criamos um novo paradigma para investir em eixos irradiadores de inovação sistêmica, de modo a injetar competitividade em todo o espectro de uma cadeia industrial ampla e sofisticada.

Hoje avançamos mais um degrau. Estamos enviando ao Congresso um projeto de lei de Inovação Tecnológica coerente com essa visão estratégica.

Trata-se de um salto modernizador nas relações de trabalho em instituições científicas e tecnológicas. O projeto regulamenta a comercialização de inovações e facilita a cooperação entre a pesquisa pública e a demanda privada.



A aplicação de fundos federais em projetos de interesse comum vai acelerar a incorporação de tecnologias pelas empresas, com as devidas contrapartidas e a necessária fiscalização.

Quando visitei a China, em 2001, tive a oportunidade de ver como esse mecanismo favorece a criação de circuitos integrados de inovação e eficiência.

Essa é uma aspiração antiga da comunidade científica. É um compromisso que assumi, como candidato a presidente da República, nas quatro vezes em que estive nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1989, 1994, 1998 e em 2002.

E, com esse lançamento, hoje, estamos cumprindo um compromisso já há muito assumido com a indústria nacional e com os cientistas brasileiros.

Regulamentamos também a figura do pesquisador independente e a sua adoção por instituições científicas para que o talento e a criatividade nacional sejam plenamente aproveitados.

Meus amigos e minhas amigas,

A difusão do progresso técnico e a ampliação da infra-estrutura nacional respaldam o esforço combinado de expandir o comércio externo e criar um amplo mercado de massas no país.

Dessa convergência nascerá a verdadeira âncora do desenvolvimento brasileiro neste século, cujo nome é inclusão social. Esse é o elemento essencial e unificador da política econômica. E o verdadeiro cimento da governabilidade.

Vamos manter e ampliar o fôlego exportador e, ao mesmo tempo, fortalecer o mercado interno, para que possamos conduzir – a cada dia com mais autonomia – o nosso próprio desenvolvimento.

É para compartilhar essa responsabilidade que estamos propondo a criação do Conselho de Política Industrial.

Vamos criar também uma Agência de Desenvolvimento Industrial com um corpo profissional próprio, de modo a garantir a execução de diretrizes nas



áreas de pesquisa, investimento, logística, alfândega, patentes e transferência tecnológica.

Com o mesmo objetivo, vamos instituir um escritório para orientar e facilitar investimentos internacionais no Brasil, unificando informações e procedimentos que hoje estão espalhados em diversas áreas. Um canal direto para mobilizar os instrumentos que a urgência do desenvolvimento brasileiro requer.

Minhas senhoras e meus senhores,

Na história das nações nenhum projeto de desenvolvimento ocorreu por geração espontânea. Tampouco emergiu do voluntarismo ingênuo de alguns.

Povos e economias arrastados à uma inserção internacional sem sustentação estratégica, nem competitividade exportadora, pagaram um preço elevado pela ilusão de seus governantes.

Em vez de dar razão aos que pregavam – e alguns ainda pregam – a omissão do Estado, a verdade é que os resultados da globalização têm ressaltado justamente a importância dos instrumentos de coordenação democrática do desenvolvimento.

Nas empresas, por exemplo – multinacionais, inclusive – as filiais prestam contas às matrizes e estas avançam baseadas no apoio estratégico fornecido pelos governos de seus respectivos países.

Se o investimento estatal foi o carro-chefe do crescimento brasileiro até os anos 70, hoje o passaporte para o futuro é a parceria entre o Estado e a sociedade; entre o crédito público e o investimento privado; entre a comunidade científica e o setor produtivo.

Para isso, finalizamos as regras das Parcerias Público-Privadas; consolidamos as agências reguladoras; definimos esta política industrial; e avançamos muito com a lei de inovação tecnológica.



É para isso, também, que estamos negociando com os fóruns internacionais, sobretudo com o Fundo, mudança no cálculo do superávit primário, para ampliar investimentos públicos em infra-estrutura.

Essas são diretrizes práticas, concretas, que sinalizam claramente o rumo estratégico que estamos dando ao nosso país.

E estamos fazendo isso juntos. A nossa política industrial foi construída com a intensa participação de lideranças das pequenas, médias e grandes empresas – e também com as lideranças da comunidade científica.

Essa parceria fundamental se estabeleceu também na elaboração do projeto de lei de Inovação. Tenho certeza de que ela continuará agora com este Conselho, do qual todos nós esperamos muito.

Há um país que habita o sonho brasileiro há séculos; e ele está sendo construído por todos nós – tenham certeza. É um Brasil feito de conhecimento, de crescimento econômico, de dignidade e de justiça para todos.

Boa sorte e vamos em frente. Obrigado



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de comemoração dos 10 anos da Unidade Central de Recebimento e Destinação de Embalagens de Agrotóxicos

Guariba-SP, 29 de abril de 2004

Não se assustem, porque eu não vou ler todo esse papel que está aqui, não.

Quero cumprimentar, mais uma vez, o governador Geraldo Alckmin,

Quero cumprimentar o meu companheiro Roberto Rodrigues,

Quero cumprimentar o Roberto Cestari, presidente da cooperativa,

Quero cumprimentar o João César Rando, presidente do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias,

Quero cumprimentar o senhor Hermínio Laurentz, prefeito de Guariba,

E os demais prefeitos que estão aqui presentes: Botucatu, Jaboticabal, Ribeirão Preto e mais cidades da Grande Guariba que estão presentes neste ato,

Quero cumprimentar os secretários municipais,

Os vereadores,

Os trabalhadores,

Os secretários de Estado que estão presentes aqui,

Quero dizer que somente chegando aqui eu compreendi, meu caro Amaury, porque o Roberto Rodrigues insistia tanto para que nós viéssemos aqui. Ou seja, era uma condição *sine qua non*, eu teria que vir aqui para, depois, visitar a Feira. Não era para ir à Feira e depois vir aqui. Primeiro, era para eu vir aqui e, depois, ir à Feira. Até porque a Feira muita gente já conhece e, aqui, eu nunca tinha vindo. E fiquei sabendo que sou o primeiro presidente da República a vir a Guariba.



É motivo de grande orgulho poder estar aqui, vendo o orgulho de vocês em produzir esse trabalho, sobretudo os agricultores, fabricantes e comerciantes do setor agrícola que estão fazendo com que as embalagens vazias de agrotóxicos deixem de ser um grave problema para o meio ambiente e para a saúde de quem vive no campo.

Falo isto porque apenas dois anos após a publicação de uma lei que criou responsabilidades para todo o setor produtivo no que se refere à destinação final destas embalagens, já estamos conseguindo – como disse o Roberto Rodrigues – fazer com que 50% dos recipientes de agrotóxicos produzidos no Brasil sejam recolhidos para reciclagem ou incineração.

Alguém que desconheça o significado dessa façanha pode pensar que apenas metade recolhida parece pouco. Mas não é. Vocês são não apenas motivo de orgulho para o Brasil, nessa área específica, mas também vencedores. E vencedores de uma coisa que aconteceu no interior do estado de São Paulo e não poderia acontecer diferente, a não ser numa região rica, como esta região que estamos visitando.

Vejam só os números – eu acho que todos vocês conhecem, mas parte da imprensa pode não conhecer e é importante ficar conhecendo agora: os Estados Unidos recolhem, hoje, apenas 1/4 das suas embalagens, nós recolhemos metade. O Brasil é, portanto, um dos líderes mundiais no índice de recolhimento, ao lado da Alemanha.

Para que esse sucesso esteja sendo possível, foi fundamental a ação da sociedade civil organizada em institutos, associações e cooperativas. Esta unidade de recebimento que estamos visitando hoje foi a pioneira do Brasil e nasceu há dez anos quando, por coincidência, o Roberto Rodrigues era secretário de Agricultura do estado de São Paulo, por iniciativa da COPLANA, e é um exemplo dignificante; e eu não vou utilizar mais elogios dos que já foram utilizados aqui.

Como ela, muitas outras cooperativas criaram centros de recebimento e



foram apoiadas pelo InpEV – Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias, mantido por fabricantes e distribuidores de agrotóxicos, ao lado de associações ligadas ao agronegócio.

Já disse o Roberto Rodrigues que a nossa legislação ambiental sobre embalagens vazias de agrotóxicos é, possivelmente, a mais completa legislação já produzida no mundo. Mas o grande exemplo mesmo é o que estamos vendo aqui, com a organização de toda uma cadeia produtiva, com o objetivo de cumprir a lei, ajudar o meio ambiente e, sobretudo, ajudar na geração de empregos, na saúde do povo brasileiro e também na saúde do homem do campo.

Eu quero, Roberto, dizer a você, ao prefeito e ao presidente da Cooperativa que são exemplos como este que fazem a gente acreditar no potencial que o Brasil tem pela frente. Muitas vezes – e pouca gente viajou tanto quanto o Roberto Rodrigues pelo mundo afora – muitas vezes, as notícias que chegam lá fora, do Brasil, nem sempre são as melhores. Muitas vezes, as divulgações do Brasil lá fora são feitas com assuntos que não enaltecem o nosso país.

Mas, como o melhor produto do Brasil é o próprio povo brasileiro nós, ontem tivemos uma vitória que mostra que, quando um país quer brigar, ele consegue ganhar. Ontem, nós derrotamos os Estados Unidos na Organização Mundial do Comércio, contra o subsídio do algodão que os Estados Unidos dão ao seu produtor. Logicamente, eles não vão se dar por vencidos, vão brigar, vão recorrer.

Mas o que foi importante é que o outro ministro da Agricultura, o Pratini de Moraes queria brigar; possivelmente houve, dentro do ministério das Relações Exteriores de alguns anos atrás, a disposição de não afrontar, porque, em alguns momentos da História do Brasil, foi importante não fazer nada que pudesse contrariar os interesses do país mais rico, sobretudo nesse caso dos Estados Unidos. E, quando nós entramos, tanto o Roberto quanto o



Celso Amorim falaram: “não. Nós vamos ter que brigar. Não podemos ceder nisso.” E essa briga fez com que nós saíssemos, ontem, vencedores. E, se essa luta for conquistada definitivamente, vamos dar um salto de qualidade excepcional, sobretudo com os estados que produzem algodão no nosso Brasil.

Então, essa é uma imagem positiva, de um país que brigou pelos seus direitos – e não é pecado, não é defeito brigar pelos seus direitos – e que conseguiu, nessa luta, uma bela vitória.

Eu tenho certeza de que estamos ainda começando essa luta contra a poluição do Planeta, contra tanta coisa ruim que fazem. Nossos filhos, certamente, herdarão o tipo de mundo que nós tivermos competência para deixar para eles.

Então, quando vocês conseguem produzir uma cooperativa extraordinária como esta e conseguem mostrar que a junção da sociedade civil, dos agricultores – em defesa do seu próprio ambiente, em defesa da sua própria saúde, em defesa da sua própria terra – consegue construir uma consciência de reciclagem como essa que vocês construíram, isso precisa ser levado ao mundo, porque se criou uma consciência de que as coisas boas do mundo só acontecem na Europa ou nos Estados Unidos, que nós, aqui, não temos condições de fazer as coisas boas como se deveria fazer. Em várias coisas que tratam de preservação ambiental, o Brasil não deve absolutamente nada a ninguém, no mundo.

E eu acho que este exemplo de vocês aqui, Roberto, pode ser mais divulgado. Em todos os encontros, eu acho que é importante que os nossos representantes do Itamaraty conheçam essas coisas, é importante que os nossos homens de negócios conheçam essas coisas. Porque, de vez em quando, nós temos que dizer, em alto e bom som para eles, que nós somos mais competentes que eles, que nós prezamos mais pela nossa saúde do que eles, até porque são eles que poluem grande parte do Planeta, não somos nós.



Nós esperamos ganhar, um dia, um dinheirinho porque ainda temos a maior reserva florestal e eles teriam que pagar para a gente, por conta de sermos tão cuidadosos, apesar de alguns problemas que temos.

Penso que este filme, que você pediu que eu assistisse, César – me parece que você já esteve na SECOM – eu não posso prometer, porque não tenho poder de interferir. Mas eu acho que é plenamente possível que alguns canais de televisão possam veicular um filme desses sem cobrar nada, porque é uma coisa de interesse nacional. Se você puder mandar pelo Roberto Rodrigues ou me entregar amanhã, na Agrishow ou, quem sabe, ir a Brasília, nós vamos conversar com a Secretaria de Comunicação, vamos entrar em contato com alguns donos de televisão, porque eu acho que é um instrumento de educação que pode fazer muito bem a todos nós. E eu acho que não há porque os meios de comunicação não divulguem isso. Eu posso dizer para você que estou me colocando à disposição para ser o seu aliado na tentativa de garantir que uma publicidade desse tipo seja veiculada em todos os meios de comunicação do nosso Brasil.

Meus parabéns a todos vocês. Meus parabéns aos cooperados. Meus parabéns ao trabalhador que recebeu a medalha, aqui. E eu espero que a gente tenha logo, logo, muitas cooperativas como essa para que tenhamos um mundo melhor, de verdade, num futuro muito próximo.

Obrigado e boa sorte a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na teleconferência sobre o Programa de Regionalização do Turismo — “Roteiro do Brasil”

CNC – Brasília-DF, 29 de abril de 2004

Meu querido companheiro Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,
Meu querido Antonio Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio,

Meu querido Silvano Gianni, presidente do Sebrae,

Meu companheiro Fritz, secretário especial de Aqüicultura e Pesca,

Meu querido Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meu caro Eduardo Sanovicz, presidente da Embratur,

Deputados,

Senadores,

Eu estava conversando com o cerimonial para me dar o nome dos deputados e senadores que tinham chegado, mas ainda não temos em mãos. Quem sabe depois a Leda possa citar o nome dos deputados e senadores que estão aqui. Estou vendo o Paulo Octávio, o Marcondes Gadelha.

Eu quero agradecer pessoalmente pelo empenho de votarem as leis que mandamos para o Congresso Nacional e que resultaram na conquista de ontem à noite, graças à compreensão dos senadores, que resolveram apostar que o turismo é, definitivamente, uma das grandes possibilidades que nós temos de desenvolver o Brasil sem ficar chorando aquilo que não temos, e utilizar de forma mais competente aquilo que temos.

Eu, de vez em quando, trago um discurso por escrito, porque como é uma teleconferência, eu vim todo cheio de formalidades. Mas eu estou vendo



que o ambiente aqui não é de muita formalidade. Eu queria dizer umas palavras antes de ler o meu pronunciamento.

Há algum tempo, eu, trocando idéias com o ministro Mares Guia, disse a ele que era importante que a gente tivesse um cuidado especial ao tratar da imagem do Brasil. Da mesma forma que o homem se arruma para sair de casa, ele não se arruma para ele mesmo, ele se arruma para alguém, para os outros virem que ele está arrumado. Da mesma forma que uma mulher quando se troca para sair, não se troca para ela, mas para que alguém note que ela está sendo importante para os olhos de quem a vê.

A imagem do turismo tem que ser tratada assim. Ou seja, na medida em que a gente define o turismo como prioridade, na medida em que a gente cria um ministério para cuidar do turismo, na medida em que a gente coloca o turismo dentre as dez prioridades do governo para o desenvolvimento da economia, nós temos que ter o cuidado excepcional com a imagem que nós queremos passar, porque a imagem é o que pode atrair as pessoas, tanto de dentro para viajar internamente o Brasil, quanto de fora para vir para o Brasil.

Eu tinha conversado com o Walfrido no sentido de que nós pudéssemos produzir fotografias dos 50, 60, 70 melhores lugares do Brasil, e que a gente pudesse utilizar as embaixadas brasileiras no mundo inteiro, que a gente pudesse utilizar os balcões das nossas empresas de transporte aéreo, que nós pudéssemos utilizar as nossas agências, e que nós aprendêssemos a vender com mais competência o que nós temos de bom, porque o que é ruim os nossos adversários vendem, o que é bom nós temos que vender. Quando eu digo nossos adversários, não são adversários políticos internos não, são os que competem conosco internacionalmente na questão do turismo.

Então, nós temos que cuidar da nossa imagem com o carinho que a gente cuida da nossa cara de manhã. Nem sempre ela fica boa, mas a gente não deixa de cuidar com carinho excepcional, para sair da melhor forma



possível, principalmente quando se é candidato, que precisa tirar fotografia. Então, você cuida do rosto, você faz maquiagem.

O turismo é exatamente isso. Eu, de vez em quando, penso assim: nós precisaríamos colocar para funcionar a ociosidade da nossa criatividade. Eu acho que nós somos muito mais criativos, e muitas vezes, temos uma ociosidade enorme, porque para sermos criativos é preciso pensar, ousar, e é isso que nós estamos fazendo no turismo.

Eu não sei se vocês percebem que um canal de televisão, por mais importante que seja, programas que nós assistimos há 30 anos, há 35 anos, há 10, 15 anos, toda semana tem propaganda fazendo chamada para você assistir ao programa. Teoricamente não precisaria ter. Por que fazem? Porque é importante chamar a nossa atenção para não assistir outra coisa. Naquele horário tem que ver aquele programa.

Isso, leva em conta uma coisa que eu dizia para o Mares Guia, ontem, na reunião com o PPP. Nós precisamos chamar os nossos canais de televisão que têm a transmissão para o exterior, e discutir com eles, com muito carinho, as coisas que seriam importantes não para o governo, mas para o Brasil que passassem no exterior.

Porque se nós passarmos imagens negativas, se nós passarmos violência, se nós passarmos uma série de coisas, o cidadão pode estar arrumando a mala, dizendo: “Olha, vamos dar uma volta no Brasil”. Ligou um canal de televisão e viu 10% da violência que às vezes é transmitida, e ele fala: “Espera aí. Não é mais para o Brasil. Eu vou passar por cima ou vou evitar de chegar ao Brasil”.

Então, eu acho que é extremamente importante, Walfrido, que exista uma parceria com os nossos homens de comunicação, de televisão, para que a gente trate a imagem do Brasil com o carinho que a gente trata da nossa imagem pessoal, porque é isso que vai motivar as pessoas a visitarem o Brasil.



Eu, de vez em quando, vejo um filme americano e de repente o cidadão é um ladrão, rouba um banco e fala: “vou para o Rio de Janeiro, vou para São Paulo”. Como se aqui fosse um paraíso de quem quer fugir da polícia lá.

Ou seja, nós é que temos que mostrar aquilo que a gente tem de bom. Por isso nós criamos um Ministério do Turismo. Porque o turismo não poderia continuar sendo um apêndice do Ministério do Esporte. Da mesma forma que a Pesca não poderia continuar sendo um apêndice do Ministério da Agricultura.

Se são áreas que têm potencial de crescimento, nós, então, temos que cuidar com um carinho especial para que a gente tenha, nesses setores, um grande centro de atividade.

Eu estava agora com o governador do Amazonas e ele me dizia a quantidade de americanos que estão indo pescar no estado do Amazonas, pesca esportiva, ou seja, pesca e solta o peixe. E depois vem o brasileiro pesca o peixe e come. Mas de qualquer forma, é importante que eles continuem pescando e soltando para que o brasileiro possa pescar e comer porque nós temos mais necessidade do que eles.

Eu acho que o Brasil não é divulgado nem internamente. Eu penso, ministro, que é importante reunir os governadores do Brasil inteiro, e discutir com eles uma parceria com o Ministério do Turismo, para que cada estado faça propaganda do seu potencial turístico. O único estado que fez isso, com competência, foi a Bahia e colheu resultados por quê? Porque levantou a auto-estima do povo baiano, porque a Bahia virou uma referência de turismo para todo o povo brasileiro, porque tiveram coragem de ousar e colocar na televisão.

Então, é preciso que todos os estados brasileiros, do Oiapoque ao Chuí, possam divulgar as coisas boas em parceria com o Ministério. Se o problema é dinheiro vamos fazer parceria com a iniciativa privada, mas é importante que o cidadão de São Paulo saiba o que tem de bom na Paraíba, em Pernambuco, em Alagoas, no Acre, em Rondônia e Roraima. Ou seja, se nós não soubermos, nós pegamos um avião e vamos para outro lugar.



Então, isso é crucial, é convencer os governadores que não podem permitir que continuem passando a fome do seu estado apenas como sinônimo de pobreza. É preciso mostrar o que tem de bom em cada região e eles têm que ter consciência que, ao mostrar, eles estarão contribuindo para que o seu estado tenha mais renda, para que o seu estado tenha mais visitantes.

Eu acho que esse é um trabalho de uma grandeza extraordinária, é um trabalho de convencimento, e nós temos que fazê-lo, porque quando a gente fala de alguns estados no Brasil, a imagem que vem é de pobreza, quando, na verdade, a economia deixou o povo pobre. Mas a natureza, quando Deus fez o mundo, ele não mediu nenhum esforço para fazer investimento e fazer coisas boas no Brasil. Agora, o que nós precisamos é tirar proveito disso, nenhum país do mundo tem. Ou seja, eu fico imaginando quando chega um turista sueco, alemão, francês, em Foz do Iguaçu, e depois ele vai para Niagara. Ou seja, ele vai perceber que nós temos muito mais beleza, temos muito mais atrativos, muito mais quedas d'água.

Eu fui fazer uma viagem agora para a Índia. E num determinado momento, eu pedi para um governador mostrar o seu estado. Eu tinha orientado: cada um leva as coisas do seu estado. Vocês vão ter uma reunião com empresários, com governadores, com presidentes, e vão entregando as coisas do seu estado, pois um dia o cara lê. Aí cheguei para um governador e pedi para ele mostrar. Eu achei que ele ia mostrar as coisas bonitas que existem lá, mas eu não vou falar o que é, para vocês não descobrirem quem é o governador. Na verdade, o que ele fez? Ele passou no aeroporto, comprou uns livros lá, que ele nem sabia o que tinha dentro, lacrado. Ou seja, quando eu fui dizer para o Presidente: olha que coisa bonita que tem nesse estado, não tinha nada, porque não era um livro do estado, não era uma divulgação do estado.

Então, nós temos o dever, eu diria, quase que cívico, de mudar a nossa imagem interna e externa. E o governo federal vai cuidar da sua parte, e é



importante que a gente convença os estados a cuidarem da sua. O Carlos Wilson está fazendo a parte dele, porque todas as capitais neste país estão tendo uma transformação excepcional dos aeroportos.

Eu tive o privilégio de participar da inauguração do aeroporto de Bonito, e tenho certeza que, tendo vôo direto dos grandes centros urbanos para Bonito, possivelmente, a cidade dobrará os seus turistas, ou melhor, triplicará, em poucos anos. E eu acho que isso pode demonstrar que o governo federal está cumprindo a sua parte. Vamos convencer prefeitos e governadores a cumprirem com a sua, para que a gente possa fazer o turismo render tudo aquilo que nós sonhamos.

Agora vou cumprir minha obrigação aqui.

Primeiro, quero dizer a vocês que esta cerimônia de hoje tem um significado muito especial para mim.

Desde o início de minha vida sindical e política tenho viajado por este país para conhecer de perto os problemas do povo e, junto com ele, encontrar soluções e alternativas para a construção de um Brasil realmente à altura de nossa gente.

Que país enorme e lindo descobrimos quando saímos dos grandes centros! E não falo apenas das belezas naturais e dos sítios históricos que temos em todas as nossas regiões. Praias, montanhas, rios, lagoas – tudo isso encontramos em nosso Brasil, numa diversidade sem igual no mundo. Mais importante, porém, é a riqueza cultural de nosso povo e de nossa história.

Estamos, nesse sentido, vivendo um momento especial, pois a elevação de nossa auto-estima favorece a exploração de todas as possibilidades do Brasil, seja na economia, na cultura, nas artes, na ciência, na tecnologia e em outras áreas do conhecimento humano. Com o turismo, não é diferente.

Isso fortalece nossa percepção da importância do turismo também como um fator de coesão social – queremos que cada vez mais brasileiros conheçam outras regiões do nosso próprio país, tenham muito orgulho da nossa cultura,



da nossa natureza, da nossa gente, para que consolidemos ao máximo o nosso sentimento de nação.

A atividade turística representa emprego e renda para um enorme conjunto de comunidades pelo Brasil afora. Apesar disso, nunca foi levada suficientemente a sério, o que deixou de contemplar, na prática, a rica diversidade regional do nosso país. Foi daí que nasceu a minha decisão de criar o Ministério do Turismo.

O tempo mostrou que estava certa a nossa opção de dar ao turismo tratamento de atividade estratégica para o desenvolvimento econômico e social. Para isso, foi preciso planejar e articular as ações com o setor produtivo e as comunidades, de modo a tirar o melhor proveito possível desse mercado que é um dos que mais emprego e renda geram em todo o mundo.

Foi necessário também reunir as diversas comunidades e os setores envolvidos na atividade para que pudéssemos avançar de fato nessa área.

Há exatamente um ano, lançamos o Plano Nacional de Turismo, com o objetivo de promover o desenvolvimento estratégico do setor.

Ousado e criativo, o plano estabelece medidas práticas sugeridas e discutidas num processo de construção coletiva que envolveu governo, setor privado, instituições de ensino, organizações não-governamentais e outros setores da sociedade.

Entre elas estão iniciativas de promoção tanto do turismo interno quanto daquele voltado para a captação internacional. Na ocasião, eu disse que estávamos apresentando não o plano deste governo para o turismo, mas estávamos apresentando o plano do Brasil para o turismo. Uma coisa que perpassa um governo ou vários governos, mas que se transforme numa conquista da nação brasileira.

A base dessa nova política é que o turismo deve contemplar as diversidades regionais. E deve buscar a geração de emprego, ocupação e



renda como forma de reduzir as desigualdades sociais e regionais existentes ainda no Brasil.

O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil – que estamos lançando hoje é resultado prático dessa orientação estratégica. Ele significa a implementação de um novo modelo de desenvolvimento do setor, baseado na cooperação e na parceria dos segmentos envolvidos.

Com ele, estamos oferecendo novas opções ao turista e melhorando a qualidade dos produtos e serviços prestados. Para isso, ampliaremos e qualificaremos ainda mais o mercado de trabalho.

É preciso lembrar que o turismo é uma atividade que envolve não apenas setores estruturados da economia, como hotéis, agências e companhias de transporte. É grande e imprescindível também a participação de ocupações informais, como vendedores, artesãos, barraqueiros e pescadores, e tantos outros brasileiros e brasileiras que produzem produtos na economia informal.

E precisamos qualificar melhor essas pessoas, e aí está o Sebrae para fazer isso, para que o turista se sinta bem atendido, aumente sua permanência nos locais visitados e tome a decisão de voltar sempre que possível. É assim que vamos também ampliar a participação brasileira no turismo mundial.

Nos encontros realizados em todos os estados e no Distrito Federal, já foram identificados 219 pólos com potencialidade para o desenvolvimento do turismo.

Nosso objetivo é diversificar a oferta brasileira, com no mínimo três produtos turísticos de qualidade em cada estado. E eu acho aí Walfrido, que tem mais do que três para cada estado. Isso é que nem garimpar, garimpando a gente vai achar lugares extraordinários, e se não for tão extraordinário, a gente pode fazê-lo extraordinário com um pouco de infra-estrutura e um pouco de melhoramento.



O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil está, portanto, voltado para o país como um todo, para suas riquezas ambientais, materiais e de patrimônio histórico. Mas, principalmente, está dirigido às populações dessas áreas que passam a ter a chance de mostrar ao restante do Brasil e ao mundo as maravilhas que abrigam.

Quero agradecer ao ministro Mares Guia e sua equipe pelo esforço e dedicação que resultaram nesse programa. Agradeço ainda a todas as entidades e organizações que atenderam ao apelo do governo e se engajaram na construção conjunta de um novo modelo de desenvolvimento turístico.

Quero destacar, entre outras, as parcerias com o Senac, Sesc, Sebrae e Confederação Nacional do Comércio. Quero reafirmar aqui uma crença que, felizmente, ganha a cada dia mais adeptos.

O desenvolvimento do turismo vai nos ajudar não apenas economicamente, mas em especial na construção de um país mais justo, menos desigual e com um povo ainda mais confiante, receptivo e alegre.

É importante lembrar que o melhor do Brasil é o brasileiro, e é importante lembrar que a auto-estima de um povo é a mola propulsora para as conquistas importantes desse povo. E o turismo está aí, a natureza já preparou 50% do caminho. Tenhamos capacidade para concluir essa obra.

Muito obrigado.

[/rss/cms/](#)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade Básica Distrital de Saúde Dr. Sérgio Arouca e de lançamento do Serviço de Atendimento Móvel de Urgências Regional - SAMU 192

Ribeirão Preto-SP, 30 de abril de 2004

Meu querido companheiro Palocci, ministro da Fazenda,

Meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,

Meu caro Jorge Solla, secretário nacional de Atenção à Saúde,

É importante lembrar que o nosso querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde, não está aqui porque faleceu a sua ex-sogra, e ele teve que ir a Pernambuco.

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro companheiro Gilberto Maggioni, prefeito de Ribeirão Preto, e sua senhora Teresa Maggioni,

Meu caro Luis Carlos Raya, secretário de Saúde de Ribeirão Preto,

Meus companheiros deputados federais,

Deputados estaduais,

Secretários,

Meus companheiros prefeitos das cidades vizinhas de Ribeirão Preto que, com muita humildade, o prefeito de Ribeirão Preto costuma dizer: “Cidades que fazem parte da Grande Ribeirão Preto.”

Meus companheiros e minhas companheiras,

A inauguração da Unidade Básica Distrital de Saúde Dr. Sérgio Arouca, e a sua integração ao Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Ribeirão Preto, a rede nacional SAMU 192, constitui mais uma importante conquista em defesa da saúde da população.



Com essa integração, o SAMU Ribeirão Preto ampliará sua área de atuação, tornando-se um SAMU regional, com a abrangência de 19 municípios, além de aperfeiçoar ainda mais a assistência prestada à população. Para tanto, o governo federal contribuirá mensalmente com 50% dos recursos necessários para a prestação desse serviço.

Hoje, existem, no Brasil, apenas 16 desses serviços móveis de atendimento às urgências, criados e mantidos pelos próprios municípios e governos estaduais. Agora, com a implantação da rede nacional SAMU, o governo federal vai investir e ampliar esse serviço em todo o território nacional.

O SAMU 192, como todos sabem é acionado pelo telefone 192. Os pedidos de socorro são, então, recebidos por centrais que atuam 24 horas por dia, sempre com a presença de um médico que faz a triagem das ocorrências e orienta sobre a urgência de cada caso. Afinal de contas qualquer um de nós, não importa nossa condição social, está sujeito a sofrer um acidente ou enfrentar, de repente, risco de morte. Nessas ocasiões, o atendimento tem que ser imediato, onde quer que a pessoa esteja, antes mesmo de ser encaminhado a um pronto-socorro, a um hospital. É para isso que existe o SAMU.

Equipes treinadas – auxiliares e técnicos de enfermagem dão suporte básico e atendem a urgências com risco moderado de vida; e equipes de suporte avançado – médicos e enfermeiros, cuidam dos casos mais graves.

Na segunda-feira passada, estivemos em São Bernardo do Campo, quando recebemos as 220 primeiras unidades do lote de 480 ambulâncias e UTIs móveis que estarão, todas, funcionando até o final de junho, em 229 municípios do Brasil. Prestem atenção: até o final de junho, nós teremos 480 ambulâncias funcionando em 229 municípios do país. Até o final de julho, o serviço contará com mais 600 ambulâncias. Até o final do ano, será um total de 1 mil 480 ambulâncias de atendimento básico e UTIs móveis, dando cobertura a 118 milhões de pessoas, em 1 mil e 700 municípios brasileiros. Isso significa



que a capacidade de atendimento do SAMU aumentará em 83 milhões de pessoas em todas as regiões do Brasil. Para tanto, o governo federal vai investir 297 milhões de reais na compra de novos equipamentos. Com esses recursos serão instaladas 132 centrais de SAMU 192, com um investimento anual de 180 milhões de reais para o custeio de serviços.

Com a ampliação nacional do SAMU, vamos possibilitar também a criação de cerca de 15 mil novos postos de trabalho, diretos e indiretos. Só em termos empregos diretos, abriremos vagas para 3.900 auxiliares de enfermagem, 3.900 motoristas, 2.852 médicos, 1.502 enfermeiros e 1.824 telefonistas.

Estou, portanto, muito feliz com a integração de Ribeirão Preto à rede nacional SAMU, que deverá, ainda este ano, beneficiar mais da metade da nossa população.

Mas não poderia deixar de felicitar o prefeito Gilberto Maggioni e esta cidade pela construção da Unidade Básica Distrital de Saúde Dr. Sérgio Arouca que está, assim, ampliando, com padrões de excelência, o atendimento médico e odontológico aos seus habitantes.

Meus amigos e minhas amigas de Ribeirão Preto, eu acho que é importante vocês terem consciência de que nós estamos tentando cumprir um ditado de toda mulher e de todo homem no Brasil, que vive dizendo o seguinte: “se a gente tiver saúde, o resto a gente faz.”

E ter saúde significa a gente investir em muitas coisas e, dentre elas, investir numa rede de saúde capaz de atender as pessoas quando precisam. E o SAMU vem atender a uma emergência e a uma necessidade excepcional do nosso país porque, muitas vezes, numa estrada ou num bairro mais distante as pessoas sofrem de um mal qualquer e demora horas e horas até que chegue um médico. E muitas vezes a pessoa não tem dinheiro para pagar um taxi e morre esperando um médico.



Nós esperamos que com a rede SAMU, a gente dê solução a esse grave problema. Só para vocês terem um exemplo: na cidade de São Paulo, antes da implantação do SAMU, o resgate de uma pessoa durava, em média, 40 minutos. Depois da implantação do SAMU, o resgate está durando, em média, 12 minutos. Ou seja, diminuiu praticamente três vezes o tempo de resgate de uma pessoa.

Mas a gente não quer parar por aí. Eu entrei nessa unidade e vi uma sala com vários gabinetes odontológicos, e aqui também será uma coisa importante, porque é um projeto piloto. Nós vamos instalar no Brasil, até o final de 2006, 400 centros de referência para cuidar da boca das pessoas. Vocês sabem, os médicos sabem, os prefeitos sabem, os deputados sabem, que ainda hoje, em muitos dos convênios que prefeituras e que as empresas fazem com as empresas prestadoras de assistência médica, não está incluído o tratamento dentário das pessoas.

E por que não está acordado nesses convênios o tratamento de saúde bucal? É porque dor de dente no Brasil é coisa de pobre, porque rico cuida dos dentes do dia em que nasce até o dia em que morre. O pobre não tem condições de pagar sequer para fazer uma obturação.

Esses Centros de Excelência vão dar resposta a uma coisa delicada que se fazia no Brasil. Se você está com uma unha encravada, você vai a uma empresa prestadora de assistência médica conveniada com uma grande fábrica ou com uma prefeitura, ela trata a sua unha encravada. Mas se você está com o dente de siso doendo, aquela dor insuportável, onde você já colocou cachaça, já colocou algodão com álcool, já colocou pano quente na boca, já tomou um monte de coisa, já mascou fumo, já fez o que podia e não sarou, você não terá alguém para tratar esse dente se você não tiver dinheiro para pagar.

Agora não, com esses 400 centros de saúde, cada um vai atender uma população de 500 mil pessoas, todos eles com horário marcado.



Portanto, a pessoa vai telefonar – depois que o agente de saúde atender ou o pessoal que trabalha com o médico de família dizer que ele tem que ir ao dentista – vai ligar e vir aqui com horário marcado, não tem que chegar às nove horas para sair às quatro da tarde. A pessoa marca e chega na hora. Vai ter tratamento de canal e nós vamos cuidar para que tenha correção dos dentes; hoje, só gente de classe média pode colocar aqueles negócios na boca para corrigir os dentes; vai ter, inclusive, prótese para cuidar de milhões e milhões de brasileiros que não têm um dente na boca e que, muitas vezes, não podem mastigar direito, não podem sorrir; nas regiões mais pobres do Brasil há crianças de 16 ou 17 anos com metade dos dentes já faltando na boca, sem poder se tratar.

Portanto, o que nós estamos implantando é mais do que um plano de saúde, seja o SAMU, seja saúde bucal. O que nós estamos implantando é um programa de respeito à dignidade do povo pobre do nosso país.

Muito obrigado e boa sorte.

/rss/cms/



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita à Agrishow 2004 – Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação

Ribeirão Preto-SP, 30 de abril de 2004

Meu caro companheiro Palocci, ministro da Fazenda,
Meu caro companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Meu caro Sérgio Magalhães, presidente do Conselho Consultivo da Agrishow,

Minha querida companheira Marisa,
Meu caro Gilberto Maggioni, prefeito de Ribeirão Preto, e sua senhora Teresa,

Meus queridos companheiros deputados,
Deputado federal Jamil Murad,
Meu caro Delben Leite, presidente da Abimaq,
Meu caro Carlo Lovatelli, presidente da Abag,
Meu caro Cláudio Braga, diretor da Sociedade Rural Brasileira,
Meus companheiros prefeitos,
Expositores,
Trabalhadores,
Grandes, pequenos e médios produtores,
Companheiros responsáveis pelo sucesso desta Feira,

Eu penso que qualquer cidadã ou cidadão brasileiro ou estrangeiro, que tiver a oportunidade de fazer uma visita a uma feira como esta, certamente sairá daqui infinitamente mais otimista do que entrou, porque esta feira é a síntese daquilo que o Brasil é capaz, na medida em que o país acredite definitivamente que nós não nascemos para ser um país eternamente



emergente, mas nascemos para ser um país grande, rico, e que possa ocupar um lugar de destaque nesse mundo globalizado, muitas vezes impiedoso, onde cada milímetro de espaço tem que ser conquistado, porque não existe dádiva nesse jogo comercial do mundo globalizado.

Eu pensei que o Roberto Rodrigues ia tocar nesse assunto, mas ele não tocou. Graças à disposição do Brasil de tomar a decisão de ter uma política externa mais ousada, mais agressiva e, ao mesmo tempo, respeitosa, fez com que anteontem nós recebêssemos a grata notícia da questão do algodão brasileiro na Organização Mundial do Comércio.

Nós temos um problema sério e resolvemos mudar um pouco o rumo das nossas ações externas. Nós temos uma relação praticamente meio a meio na nossa relação comercial com os Estados Unidos e com a União Européia: são 25, 26% com a União Européia, 25, 26% com os Estados Unidos, são mercados que estão mais ou menos no limite das nossas relações, porque eles compram de todo mundo e querem vender para todo mundo. Protegem sua agricultura, muitas vezes colocando subsídios exagerados, para que a gente não consiga colocar os nossos produtos lá dentro.

Quando nós tomamos posse, no ano passado, tivemos a primeira grande decisão, que era tentar fazer uma política externa mais agressiva, tentar juntar os pedaços que existiam, de países ou conjunto de nações, que poderiam ter uma relação mais forte conosco e que estavam mais distantes, embora tivessem fronteiras com o Brasil, como é o caso da América do Sul. Então, tomamos a primeira medida.

Primeiro, nós vamos recuperar a nossa relação com a Argentina, que sempre foi historicamente complicada. Só para os mais jovens terem idéia de como era complicada, quando nós começamos a construir a Itaipu, na época os militares argentinos, com medo dos militares brasileiros, diziam que nós estávamos construindo Itaipu para, em caso de guerra, inundar a Argentina. E, por conta disso, a Argentina começou a discutir a possibilidade de fazer a bomba atômica, para se precaver da nossa Itaipu.

Então, essa coisa existiu ao longo de muitos anos, essa rivalidade muito



pesada entre o Brasil e a Argentina. Resolvemos, então, que nós deveríamos privilegiar a nossa relação, porque se Brasil e Argentina, na América do Sul, estiverem bem, a tendência natural é outros países da América do Sul nos acompanharem, se juntarem para construirmos um bloco mais forte e mais sólido na América do Sul, até porque o Brasil tem fronteira com quase todos os países, só não tem com o Equador e com o Chile. Portanto, faz parte do território da América do Sul essa integração extraordinária, sendo, praticamente, uma mesma Nação.

Entretanto, nós descobrimos essas coisas porque eu visitei todos os países da América do Sul no ano passado. Fizemos reuniões de trabalho com todos os presidentes e com a maioria dos ministros ligados à agricultura, indústria, transporte, área de infra-estrutura, e descobrimos que durante um século se falou muito em integração da América do Sul. Era um discurso que quase todos nós falávamos, inclusive aqueles que faziam política antes de nós. E nós descobrimos que era um discurso teórico, porque a integração pressupõe que haja a integração física, que haja ligação, que haja ponte, que haja estrada, que haja ferrovia, que haja hidrovia, que haja portos, que haja aeroportos, ou seja, sem isso não tem integração.

Um empresário do Equador que queira vir ao Brasil, tem que ir a Miami para vir aqui. Se ele tem que ir a Miami, ele já faz negócios em Miami. Por que viria ao Brasil? Então, nós resolvemos estabelecer como prioridade essa integração. Recuperamos o Mercosul. Hoje o Mercosul está muito mais consolidado. Já trouxemos para o Mercosul os países da Comunidade Andina, já trouxemos o Equador, a Venezuela, o Peru e a Colômbia. Já fazem parte, já são convidados especiais, participantes especiais. E, até dezembro, nós vamos ter todos os países da América do Sul dentro do Mercosul.

Estamos trabalhando junto com instituições financeiras, com o apoio do BNDES, para que a gente consiga fazer as ligações de estradas, telecomunicações e outros meios de transporte, para ligar, para integrar definitivamente a América do Sul, porque não é possível que um país que tem as possibilidades do Brasil para estabelecer uma relação maior e melhor com



esses países, permita que outros ganhem o espaço, que é um espaço que os países da América do Sul podem, tranqüilamente, transformar em parcerias, eu diria, dignas e respeitadas entre as nações.

Até o final do ano, nós vamos fazer uma outra coisa importante, que é a ligação, o acordo entre a União Européia e o Mercosul. Vamos tentar consolidar esse bloco para facilitar a discussão do Brasil no Acordo de Livre Comércio das Américas, para que nós não fiquemos subordinados apenas à pressão dos interesses econômicos dos Estados Unidos, mas que a gente possa discutir uma ALCA em função dos interesses da nossa agricultura e da nossa indústria.

Vocês estão lembrados que quando nós começamos a viajar, algumas pessoas começaram a não entender porque que nós viajávamos tanto. Eu resolvi que em política internacional ninguém respeita quem não se respeita. Ninguém. Nem na nossa vida pessoal. Na nossa relação de companheirismo, ninguém respeita um companheiro que não se respeita. Então, eu resolvi que era preciso fazer com que o Brasil passasse a ser mais respeitado, em lugares que a gente tinha pouco acesso. Por isso é que nós viajamos para alguns países que nós consideramos importantes.

Primeiro, consolidamos a América do Sul, depois nós fomos aos Estados Unidos, fomos a vários países europeus; depois fomos ao Oriente Médio. No Oriente Médio visitamos sete países árabes, para dizer a eles que nós existimos, que nós produzimos, que nós temos tecnologia, que nós temos lugares para eles fazerem turismo; para dizer a eles que aqui não tem terrorismo, que eles podem vir gastar o bom dinheiro deles, aqui, dentro do Brasil, fazer parcerias com os nossos empresários. E muita gente não entendia porque nós fomos ao mundo árabe. Pois bem, nós viajamos ao mundo árabe e, hoje, eu posso dizer para vocês que a relação comercial do Brasil com todos os países árabes cresceu, e a que cresceu menos, cresceu 50% do ano passado para este ano.

Em dezembro, vamos fazer uma coisa que nunca aconteceu no Brasil. Nós vamos fazer uma reunião entre todos os presidentes da América do Sul,



com todos os presidentes, reis, príncipes, sheiks, e o que mais existir do mundo árabe, aqui, no Brasil, para que a gente possa consolidar uma parceria entre o mundo árabe e o Brasil.

Ao mesmo tempo, nós estabelecemos uma parceria estratégica com a África do Sul e a Índia. Uma parceria com a possibilidade da gente trabalhar intensamente a questão científica e tecnológica, além das questões comerciais normais, inclusive, trabalhar a questão militar entre esses países, produzindo coisas que o Brasil sabe produzir, fazendo parceria com a África do Sul para não precisar importar determinados produtos de outros países ricos, gerando um pouco de emprego aqui e gerando um pouco de emprego lá.

Eu fui à Índia, cuja relação com o Brasil era uma coisa estranha, não só pela distância, mas pelo desconhecimento que existia e, hoje, nós já temos um grupo de empresários da Índia, organizados para tratar apenas da relação com o Brasil. Temos também um grupo de empresários brasileiros organizados para tratar da questão com a Índia, e a possibilidade de fazer o comércio Brasil-Índia crescer nesses próximos anos é extraordinária.

E agora, vamos fazer, talvez a mais importante viagem, no dia 22 de maio. Vamos para a China, levando uma grande delegação de empresários, levando uma grande delegação de ministros. Eu não posso levar todos, mas nós vamos fazer bons e grandes acordos, não apenas para vender, mas para comprar, porque se depender do Roberto Rodrigues e do Furlan, eles só querem vender. Acontece que numa relação comercial boa, a gente tem que vender e comprar, porque senão ninguém agüenta só comprar de nós. Nós também temos que comprar um pouco deles para estabelecer uma relação saudável.

O que é importante nessa política internacional? É que pela primeira vez, China, Índia, Rússia, África do Sul, estão vendo a relação deles com o Brasil como uma relação estratégica. Não é apenas uma simples relação comercial, eles estão descobrindo que a nossa briga com o mundo desenvolvido, União Européia e Estados Unidos, é uma briga de gigantes e



muitas vezes demora anos para a gente ganhar uma coisinha na Organização Mundial do Comércio.

Então, eles resolveram que se juntarem alguns países importantes, com o Brasil, a gente passa a ter uma força extraordinária. E eu disse, lá, nos países árabes, que nós corremos o gostoso risco de mudarmos a geografia comercial do mundo, de não ficar apenas dependendo dos produtos subsidiados por europeus ou americanos, mas que a gente possa, entre nós, estabelecer uma relação tão forte que aí, sim, quando tivermos força, eles virão nos procurar e dizer: vamos discutir a questão do subsídio porque nós precisamos ter uma boa relação com vocês.

Enquanto nós estivermos apenas chorando, as chances serão pequenas, mas quando a gente tiver a possibilidade de dizer para eles: vocês não querem tirar os subsídios, mas a nossa relação estratégica com esses países vai permitir que a gente não tenha mais que implorar a vocês. Aí, então, eles vão perceber que nós temos força suficiente para ocupar esse espaço extraordinário.

Por que eu estou dizendo tudo isso? Eu estou dizendo isso, porque essas coisas só foram possíveis de acontecer por causa do agronegócio. Só foram possíveis de acontecer por causa do salto de qualidade que deu a agricultura brasileira. Por conta do salto de qualidade que deu a tecnologia brasileira na construção de máquinas para a agricultura. Isso que a gente viu, aqui, é uma pequena demonstração de como o Brasil tem potencial de não dever nada a ninguém, do ponto de vista da competitividade no campo do agronegócio. E eles têm consciência disso porque qualquer um deles que vem aqui e visita alguma coisa moderna que nós temos, sabe que nós não temos porque temer disputar preço com qualquer país do mundo. Ao ponto de nós já sermos o maior exportador de carne do mundo, ganhando da Austrália, porque temos o nosso querido e bom chamado “boi verde”, que hoje supre uma deficiência que existe na Europa e nos Estados Unidos, com as doenças que têm atingido o rebanho de gado daqueles países como a chamada “vaca louca”



ou a “gripe do frango”, ou sei lá, uma quantidade de coisas que, graças a Deus, nós não temos.

O nosso boi de cabeça baixa, no pasto, está comendo saúde, e não está comendo nenhuma comida biologicamente modificada que possa trazer qualquer doença para ele.

Então, nesse campo nós estamos extraordinariamente bem. E queremos, ao mesmo tempo, e a cada dia mais, provar que a combinação perfeita entre a agricultura empresarial e familiar não tem incompatibilidade, até porque nós precisamos criar condições para que o agricultor familiar possa ter acesso à modernidade que tem a agricultura empresarial. Precisamos fazer chegar a ele os benefícios da tecnologia. Ele não pode ficar a vida inteira fazendo a agricultura de subsistência porque isso não lhe dá a possibilidade de melhorar a sua qualidade de vida.

Mas para que a gente possa fazer as coisas acontecerem, é preciso que a gente tenha a dimensão disso. Esta semana o Roberto Rodrigues me apresentou um pacote para que a gente possa recuperar 7 mil e 800 quilômetros de estradas, que são os chamados corredores da produção brasileira.

Sabem por quê? Porque, no Brasil, nos últimos anos, nem manutenção das estradas foram feitas. Então, nós vamos ter que fazer a recuperação, é quase que fazer uma estrada nova, não é tapar buracos.

Este ano, vamos começar a recuperar 7 mil e 800 quilômetros. É importante lembrar que antes deste ano, o ano em que mais aconteceu a recuperação de estradas, no total, foi no governo Sarney, quando foram recuperados 5 mil quilômetros. Nós agora vamos ter que fazer 7 mil e 800 quilômetros novos, para garantir o escoamento da nossa produção.

Ao mesmo tempo, nós percebemos que o Brasil não estava tão preparado como parecia estar para essa competitividade com que todos vocês sonham e que todos nós queremos, porque os nossos gargalos para a exportação estão truncados. Na medida em que o Brasil cresce um pouco mais, nós temos problemas sérios nos portos brasileiros.



É preciso fazer dragagem no porto de Vitória, é preciso fazer dragagem no porto de Santos, é preciso fazer dragagem no porto de Paranaguá, é preciso fazer dragagem no porto de Rio Grande, lá no Rio Grande do Sul e é preciso recuperar outros portos que nós temos, além do anel viário que nós temos que fazer no porto de Sepetiba, para dar vazão às nossas exportações.

Se não bastasse isso, nós temos um problema enorme nas ferrovias brasileiras e, aqui, eu quero fazer outra vez uma exaltação à iniciativa privada porque, no ano passado, ela investiu 2,5 milhões de reais em ferrovias no Brasil, mais do que nos últimos seis anos do governo anterior. Nós queremos que este ano se faça ainda mais.

Estamos pensando seriamente se podemos começar a arrumar parceiros, construímos o PPP, e esperamos que o Senado vote logo para que a gente possa terminar de uma vez por todas a ferrovia Norte-Sul, que começou em 1985 e só tem um pedacinho construído dentro do Maranhão. Ela pode ser o grande escoador da produção do estado de Goiás, do estado de Tocantins, do estado do Piauí e de uma parte do estado do Maranhão para o porto de Itaqui, que é um porto excepcional, porque tem um calado de 23 metros e, portanto, não tem problema de dragagem. Mas isso precisa ser construído. Da mesma forma que nós estamos falando, há quantos anos, de uma integração entre o Pacífico e o Atlântico.

Quantas vezes vocês já ouviram o discurso de que era preciso construir uma estrada indo para Peru, indo não sei para onde? Pois bem, na semana passada nós decidimos fazer essa ligação, com uma coisa que já estava pronta, que já existia. Nós começamos a recuperar a ferrovia que liga Santos a Bauru, Bauru a Corumbá, Corumbá ao Porto Antofagasta, passando pela Bolívia, passando pela Argentina. Já conversamos com os presidentes desses países, para que cada um deles possa consertar a ferrovia dentro do seu país, para que a gente possa fazer transitar parte da nossa mercadoria via Pacífico. E a parte brasileira, meu caro Roberto, sabe de quanto estava precisando? De oitenta milhões de reais. E a empresa que tinha adquirido a ferrovia não tinha o dinheiro para fazer. Precisamos fazer um trabalho para que outros empresários



realizassem parceria, para que, então, nós pudéssemos ter essa ferrovia funcionando no nosso país.

Nós sabemos que a questão dos portos, das nossas estradas e ferrovias, é condição *sine qua non* para que a gente possa continuar fazendo essas feiras com o otimismo com que vocês estão, hoje, participando aqui, fazendo um negócio cada vez maior, acreditando cada vez mais que a tecnologia vai, aos poucos, substituindo o trabalho braçal, na perspectiva de gerar melhor qualidade de vida e de garantir que, mesmo o trabalho humano, seja feito com melhor qualidade, eu diria até, mais digno e mais saudável do que é hoje.

Por isso, eu não poderia deixar de vir a uma feira com esta. Porque nós temos muito o que falar com os nossos parceiros pelo mundo afora. E nós não venderemos o Brasil lá fora, se a gente vender miséria, se a gente for pequeno, se a gente vender mesquinaria.

Ontem, eu fui lançar um programa de desenvolvimento regional do turismo. E eu dizia aos companheiros do turismo: “este ano, Palocci, para sua alegria, o Banco Central declarou que nós tivemos 97 milhões de dólares a mais do que o período passado, de turistas estrangeiros que vieram ao Brasil.” E eu dizia para o pessoal: “se a gente quiser trazer turista internacional ou se a gente quiser fazer os turistas circularem dentro do Brasil, é preciso que cada estado assuma a responsabilidade de fazer propaganda nacional do seu estado. Ora, ninguém sairá desta feira para visitar um estado. Se vocês pegarem um jornal ou virem na televisão que naquele estado tem criminalidade, tem sequestro, tem assalto, vocês não vão, vocês desarrumam a mala e falam: “vou ficar aqui vendo televisão, vou comprar um saquinho de pipoca. Por que eu vou sair, para criar problema para minha vida?”

Então, cada estado tem que cuidar da divulgação do seu território, das suas coisas bonitas. E nós temos que cuidar para fazer o Brasil vender isso lá fora. Nós temos canal de televisão a cabo, que mostra lá fora aquilo que a gente vê de violência o dia inteiro, aqui, no Brasil. Qual é a motivação que a gente vai dar para alguém vir para o Brasil, se ficamos mostrando apenas



desgraça?

Eu disse a eles: “As mulheres, para virem nesta feira, aqui, se levantam de manhã e se pintam? Se vestem bem para vir aqui? É porque elas querem que as pessoas que as vejam, tenham uma boa impressão delas. Porque nós, homens, levantamos todo dia e vamos ao espelho nos pentear? Nem sempre a gente consegue um bom resultado, mas, de qualquer forma, nós vamos. Porque a gente faz isso? Porque a gente quer sair para fora e ter uma boa aparência? A gente quer causar uma boa impressão.”

Ora, vender a imagem do Brasil lá fora, é exatamente isso, é vender a qualidade dos nossos produtos agrícolas, é vender a qualidade das nossas máquinas, é vender a qualidade da nossa tecnologia. Afinal de contas, um país que tem uma empresa de pesquisa como a Embrapa, não tem que ter medo de competir com ninguém na face da Terra. Não tem que ter medo.

Eu acho que essa feira é a síntese daquilo que todos nós sonhamos que um dia aconteça em todo o território nacional. Eu espero ainda, Roberto, nesse pouco tempo, quem sabe com esses empresários todos, aqui, que a gente possa, ainda este ano, lançar o programa do biodiesel no Nordeste brasileiro, na região do semi-árido.

Eu espero, e eu dizia aos companheiros do Agrishow, que o presidente da Rússia, agora que foi reeleito, assine o protocolo de Kioto, porque se ele assinar nós teremos a possibilidade de ter um mercado excepcional para o nosso álcool. Só para vocês terem uma idéia, se o Japão precisasse colocar 10% de álcool na gasolina deles, só eles comprariam metade de todo o álcool que nós produzimos hoje no nosso país.

Imaginem quando a Alemanha começar, quando a França começar. Os Estados Unidos produzem o etanol do milho. É preciso 3 quilos de milho para um litro de álcool. Ou seja, fica muito mais caro do que o nosso, então nós temos um imenso espaço para crescer e nós vamos tentar conversar com o presidente da Rússia, para que ele assine o mais depressa possível, porque nós temos que dizer em alto e bom som: “O melhor do Brasil é o próprio povo brasileiro”. Temos que dizer para eles que nós estamos dispostos a dar a



nossa contribuição neste mundo globalizado, e que nós esperamos deles apenas a compreensão de que cada um deve cumprir aquilo que está determinado a cumprir.

Portanto, eu quero dar os parabéns a vocês. Eu acho que vocês entraram numa “encalacrada” com esta feira, vocês nunca mais vão parar de crescer e cada vez mais, vocês vão ter dor de cabeça, mas é uma dor de cabeça gostosa, porque é a dor de cabeça do crescimento, é a dor de cabeça do fortalecimento da feira.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês.

/rss/cms/